

## SIMPÓSIO 6: POR UMA TECNOCIÊNCIA DO DIÁLOGO: NATUREZA E CULTURA

### TEXTOS COMPLETOS

#### **Coordenadores:**

Prof. Dr. THIAGO ISAIAS NÓBREGA DE LUCENA (UFRN – Brasil) Escola de Ciências e Tecnologia da UFRN (ECT/UFRN) Membro do Comitê de Pesquisa da UFRN. Membro do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo (IIPC) Email: [thiagolucenacs@hotmail.com](mailto:thiagolucenacs@hotmail.com)

Profa. Me. ARIADNE SÍLVIA DE FARIAS Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR Email: [ariadnefarias@utfpr.edu.br](mailto:ariadnefarias@utfpr.edu.br)

**EMENTA:** A Ciência e a Tecnologia se auto cancelaram a partir do século XIX como instâncias autorizadas a extrair do planeta suas capacidades e potencializá-las na vida prática das pessoas. A hiperespecialização desses domínios tornou estéril o diálogo entre o que se produz no âmbito da Ciência e outras comunidades de saberes. Pensadores como Fritjof Capra acreditam numa “alfabetização ecológica”, que nos remeta ao aprofundamento de nossos afetos em relação ao planeta e o fortalecimento de nossos laços humanos mais essenciais de pertença à natureza estendida, sem abandonar os avanços conquistados pela sofisticação tecnológica. As escolas e as universidades precisam ser o lugar de compartilhamento de um saber ecológico capaz de fomentar nos estudantes a prática da sustentabilidade. É preciso alimentar nos alunos o interesse pelos saberes e práticas presentes em comunidades humanas que se sustentaram durante séculos e no próprio ecossistema natural e suas formas intrínsecas de auto regulação. Aprender com a sabedoria da natureza para a construção de tecnologias sustentáveis requer uma aproximação e incorporação das formas de conhecer e construir de sujeitos espalhados pelos interiores do mundo, favorecendo a reaproximação entre Ciência e Tradição. Este simpósio contempla estudos e pesquisas de temas diversos e espaços disciplinares múltiplos a respeito de ideias que investem no diálogo entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Natureza na proposição e construção de tecnologias socioambientais portadoras de vida.

**Palavras chave:** Alfabetização ecológica. Transdisciplinaridade. Tecnologias socioambientais.

## **GERACAO *SELFIE*: OU SOBRE COMO AS REDES SOCIAIS DIZEM QUEM SOMOS NÓS**

Professor Doutor Thiago Isaias Nóbrega de Lucena  
Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(ECT/UFRN). Membro do Comitê de Pesquisa da UFRN.  
E-mail: [thiagolucenacs@hotmail.com](mailto:thiagolucenacs@hotmail.com)

Ana Rachel Gomes de Araújo  
Professora do Bacharelado em Direito da Universidade Potiguar (UnP).  
E-mail: [anarachel@unp.br](mailto:anarachel@unp.br)

### **RESUMO**

A pesquisa insere-se no âmbito dos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e aborda a reflexão a respeito das sociabilidades humanas em tempos de redes sociais. Parte do pressuposto de que as tecnologias, seja em forma de dispositivos palpáveis ou de virtualidades, emergem do humano, mas também remodelam sua ação e delineiam sua essência no mundo na maneira como se reconhece, se comporta, pertence, se relaciona, comunica. Sujeitos que historicamente construíram uma gama de aparatos e foram se aparelhando, orbitando-se desses artefatos que acabam por reconstruir sua autoimagem (*selfie*) na existência. Para efeitos desta pesquisa construímos dados de traços comparativos entre o jeito de ser e de se comportar socialmente com o padrão imposto pela plataforma de três redes sociais populares: *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* com vistas a contribuir com o debate sobre o imperativo tecnocientífico sobre a vida.

**Palavras chave:** Redes sociais. Essência. Ciência, Tecnologia e Sociedade.

### **RESUMEN**

La presente investigación se encuentra enmarcada en el ámbito de los estudios de Ciencia, Tecnología y Sociedad (CTS) y aborda la reflexión de sociabilidades humanas en tiempos de las redes sociales. Partimos del presupuesto que las tecnologías, sea en forma de dispositivos físicos o virtuales, surgen del ser humano. Sin embargo, ellas también remodelan su acción y construyen su esencia en el mundo en la manera como se reconoce, se comporta, pertenece, se relaciona y comunica. Sujetos que históricamente han construido una serie de artefactos y se han tornado dependientes de ellos, acaban por reconstruir su auto-imagen (*selfie*) en la existencia. Para efectos de esta investigación, construimos datos comparativos entre la forma de ser y de comportarse socialmente y el patrón impuesto por el modelo de tres redes sociales populares: *Twitter*, *Instagram*, *Facebook*. Nuestro fin es contribuir al debate sobre el imperativo tecnocientífico sobre la vida.

**Palabras clave:** Redes sociales. Esencia. Ciencia, Tecnología y Sociedad.

## **SOBRE ESSÊNCIA E RELAÇÃO HUMANO-TECNOLOGIA**

Quando na década de 1940, Jean Paul Sartre profere em conferência que “a existência precede a essência”, ele não está fazendo um jogo de palavras com a assertiva anterior de Aristóteles de que é “a essência que precede a existência”. Quando Sartre opta por ir na contramão do pensamento aristotélico está indo no fluxo contínuo de pensamentos como o de Karl Marx e tantos outros pensadores de tempos diversos que reconhecem a transitoriedade dos discursos de verdade sobre a vida, o universo, a natureza estendida e todo fenômeno que se torna ideia ou conceito. Sartre e tantos outros toma partido e se interpõe frente à ideia de que o futuro está dado ou de qualquer fatalismo ou contingência da existência.

ha pelo menos um ser no qual a existência precede à essência, um ser que existe antes de poder ser definido por nenhum conceito, e que este ser é o homem, ou como diz Heidegger, a realidade humana. O quê significa aqui que a existência precede à essência? Significa que o homem começa por existir, se encontra, surge no mundo, e que depois se define. (SARTRE, 1987, p. 03).

Definir-se talvez não seja a palavra mais apropriada. Certamente constelar uma imagem de si no mundo aproxime-se mais do contínuo movimento da vida sempre orbitando entre ordens, desordens e reorganizações, como diz Edgar Morin.

Desconstruir determinismos, cristalizações e imutabilidades é atitude de um intelectual com uma “cabeça bem feita” na acepção de Morin recuperando Michel de Montaigne. Um intelectual que pensa bem, ou seja, que é capaz de contextualizar os fenômenos e reinseri-los em seus contextos sociohistóricos, geopolíticos e circunstanciais. Torna-se um desconforme porque escapa às contingências e abre mão de ser apenas um depósito de informações desconexas e parciais.

“Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: – uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; – princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido. (MORIN, 2003, p. 21).

Sartre, assim como Karl Marx, Thomas Kuhn, Edgar Morin e tantos outros intelectuais de tempos distintos romperam com as contingências e superficialidades dos discursos de seus tempos e tornaram-se capazes de tratar problemas e atuar numa perspectiva de religação de saberes dispersos. Por meio dessa aptidão viram respectivamente que nós vamos nos construindo simbólica e estruturalmente conforme as circunstâncias de nossas experiências; o resultado de nosso intercâmbio material com a natureza; a abstração do jogo de forças com os paradigmas e o que eles identificam como verdade; o que a tessitura dos vários saberes nos permite anunciar. “Se, com efeito, a existência precede a essência, não se poderá jamais explicar a referência a uma natureza humana dada e fixa; dito de outro modo, não ha determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.” (SARTRE, 1987, p. 07). Ser sinônimo de liberdade é estar imerso no mundo das possibilidades. Essa imersão pode ser também uma armadilha a depender da atribuição de sentido dada ela. Muito embora uma concepção triunfalista e essencialista da ciência formal tenha dito o contrário, sinônimo de liberdade não é o mesmo que autorização ou auto-chancela de manipular a natureza estendida irresponsavelmente, sem ideia de parentesco ou sentimento de pertença a ela.

Se, enquanto *antropos*, o que pensamos e dizemos que somos é resultado de uma abstração do espírito de cada tempo, faz sentido pensar que não somos do mesmo jeito o tempo inteiro. Para usar uma expressão que impera nesta segunda década do século XXI, nosso *selfie*, ou seja, o autorretrato que fazemos de nossa própria condição humana é mutável, variável, contextual. Mimetiza-se à história, aos afectos, aos discursos paradigmáticos, às imagens da vida, ao espírito dos tempos. Em outras palavras, ou para pensar por uma metáfora, o sujeito humano ao ser inserido no mundo da regra que é a cultura, inicia sua talvez permanente metamorfose.

Se utilizarmos uma lente micro para perceber essa permanente metamorfose nas formas como nos significamos, visualizemos a relação do ser humano com a tecnologia. Com essa lente micro podemos observar nossa autoconstrução perante um modelo de tecnologia da comunicação que emerge no final do século XX e vem se complexificando no início do século XXI. Trata-se das redes sociais, um estilo de mídia comunicativa que, segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, diz respeito ao “conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilham interesses,

que funcionam, em sua maioria através de plataformas da internet”. (Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/rede>. Acesso em 20-02-2015). A relação humano-tecnologia em tempos de redes sociais é foco de discussão em variados ramos da Ciência, mas também é pauta na mídia e nas querelas pontuais.

*A priori*, partimos do entendimento de que tecnologia seria o resultado da transformação alquímica da curiosidade humana em ideia, palavra, conceito ou em artefato palpável e manipulável para fazê-lo sobreviver enquanto espécie, ver o infinitamente complexo, comunicar e encurtar distâncias geográficas e também existenciais. Além disso, é bem sabido que, de forma estrutural, a tecnologia, um substrato da cultura humana, parte de nós e torna-se parte de nós. Seja para possibilitar técnicas e sociabilidades que venham a suprir o espaço da inferioridade humana perante os grandes predadores, conforme articula Claude Lévi-Strauss (2008), seja para tornar-se “um meio e uma prótese que vamos construindo ao longo da história para potencializar nossa ação no mundo”, como amplia Maria da Conceição de Almeida (2009, p. 36). Os demais animais possuem biologicamente o aparato necessário à sua subsistência ou sobrevivência simplificada: garras, presas, pelugem, chifres, barbatanas, dorsos, asas, bicos e caldas, entre outros. O animal humano, esse ser inadaptável, “100% natureza e 100% cultura” (CYRULNIK, 1994), quando decide tomar posse, criar fronteiras e regras próprias, inicia a busca por potencializar sua existência dando forma a ideias e objetos da ordem do vivo e do não vivo por meio do trabalho que termina sempre por dar vazão e molde a novos hábitos que emergirão subsequentemente.

Essa percepção dialógica e recursiva encontra fundamento nas ideias de Marx sobre nosso “intercâmbio” com a natureza estendida que pode resultar na emergência de tecnologias. Para ele, o humano

defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas. (MARX, 1980, p. 202).

Percebendo a tecnologia por este prisma complexo, assinalamos nosso caminho reflexivo neste texto. Já não se trata mais de discutir as relações de equiparação ou

submissão entre humano e tecnologia, mas de como humanos podem ter sua existência potencializada em sua relação com próteses reais e virtuais. Se entendemos como Michel Foucault a relação saber-poder-saber, faz sentido dizer que o que construímos por meio da tecnociência faz emergir novas relações de poder que, por sua vez são geradoras de novos saberes a esse respeito. Amplificando essa discussão, temos que as tecnologias, seja em forma de aparatos palpáveis ou de virtualidades, remodelam nossa ação e delineiam nossa essência no mundo na maneira como nos reconhecemos, nos comportamos, pertencemos, nos relacionamos, nos comunicamos. Construímos uma gama de aparatos e vamos nos aparelhando, nos orbitando desses artefatos que constroem nossa autoimagem no mundo.

A construção dessa *selfie* inseri-nos num movimento de perdas e ganhos. A nossa relação com as redes sociais diversas que tecnologicamente se efetivaram, não escapam a essa regra. Por um lado, elas nos possibilitam interagir com muito mais pessoas; encontramos conforto e otimização na resolução de situações diversas; construímos um gigantesco banco de informações ao nosso dispor; nossos pensamentos, posicionamentos, juízos de valor têm um suporte de pulverização global e poderoso. Nas palavras de Pierre Lèvy, conseguimos ter

acesso imediato a dicionários, enciclopédias, entre as quais a *Wikipédia*, livros (gratuitos ou pagos), vídeos educativos e outros dispositivos [...] equivalente a imensas bibliotecas. Além disso, podemos ser assinantes de incontáveis sites especializados e contatar redes de pessoas interessadas nos mesmos assuntos para construir saberes de modo colaborativo. (LÈVY, 2015).

Por outro lado mergulhamos numa profunda solidão; construímos um *avatar* muito mais bonito, mais legal, mais inteligente, mais interessante, mais sexy e mais descolado do que nós; replicamos discursos de ódio ou textos, imagens e vídeos de situações degradantes do outro; subutilizamos nossa capacidade de memória. A respeito dessa paradoxal condição, cabe o que o biólogo Mia Couto escreve: “Nunca o nosso mundo teve ao seu dispor tanta comunicação. E nunca foi tão dramática a nossa solidão. Nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitamos tão pouco.” (2012, p. 12).

Muitos são os paradoxos que se inauguram no fenômeno das redes sociais: proximidade/distância, pertencimento/isolamento, necessidade/fobia do outro,

originalidade/padronização. No caso deste último, os usuários, por meio de suas postagens, buscam diferenciar-se dos demais na busca de sua visibilidade e popularidade, mas ao mesmo tempo, massificam essa tal originalidade. Contudo, não se pode creditar esses experimentos de originalidade ao fenômeno das redes sociais apenas. O cinema, desde sua invenção e, particularmente após sua mercadorização sempre estruturou suas produções a partir de uma necessidade de originalidade e criação. Sobre isso, diz Edgar Morin (2013, p. 17): “entre a invenção e a produção ocorrem, simultaneamente, conflito e colaboração”. E continua: “Se a padronização passou a ser um fenômeno mundial, [...], a originalidade também está presente”, pois em cada lugar reveste-se de elementos culturais próprios.

Numa outra escala de percepção, a condição humana instaurou uma relação de acomodação/dependência com as tecnologias. A acomodação diz respeito não apenas à sedentarização primeira, aquela em oposição ao nomadismo. Diz respeito também à sedentarização do pensamento, ou seja, a troca de um pensar mobilizador de novas ideias e projeções de vida por um “pensamento sentado” (BAITELLO JÚNIOR, 2012), sedentarizado, fragmentado, incomunicante. Já a dependência inaugura-se quando tem início o consumismo, o fetiche dos artefatos tecnológicos e a necessidade de deter tecnologias para ser parte de grupos ou diferenciar-se/padronizar-se no convívio social. Zygmunt Bauman (1998) trata dessa relação ansiosa que temos com as novidades tecnológicas da sociedade orientada para o consumo. Na mesma velocidade da aquisição está a do descarte de coisas e pessoas.

## **SOBRE EFÊMERA ESSÊNCIA**

Se partimos do pressuposto de que a existência precede a essência, nestes tempos dominados por um modelo de interação à distância num cenário desterritorializado que Pierre Lèvy (2015) chama de “infosfera”, na qual dados, algoritmos e “nuvens” dão a tônica de relações efêmeras, disformes e fugidias, é possível que tais redes sejam capazes de editar, nessa mesma perspectiva, a nossa *selfie*? É possível que as plataformas das redes sociais possam dizer quem somos nós?”.

Tal pergunta é formulada a partir de uma perspectiva de fugacidade e velocidade na mudança das formas de o sujeito se perceber no mundo, mas não só. Ela só faz sentido se inserida no cenário de uma “cibercultura” (LÉVY, 1999), ou seja, se estiver parasitada pela relação mais profundamente estabelecida entre humano-máquina, de onde certamente parte a proposta de David Gunkel (2014). Para este filósofo da tecnologia já não se sustenta a hipótese de que máquinas ou mesmo os *softwares* e aplicativos são apenas meios passivos para a realização da comunicação e que se diluem entre o clássico emissor-receptor humano. Esses aparatos tornaram-se interlocutores ativos da comunicação. (GUNKEL, 2014).

Em tempos de coabitação do mundo entre humano e máquina, será que ainda faz sentido a máxima alertada desde Karl Marx no século XIX de que a tecnologia é para o homem e não o homem para a tecnologia? Talvez faça mais sentido substituir o aspecto de condicionalidade presente na oração pela afirmação: a tecnologia é parte da ação humana no mundo que é parte da tecnologia, sem esquecer que tal situação não pode nos retirar nossa condição de sermos sujeitos atuantes na vida.

Toda essa gama de questionamentos que vão se elencando provavelmente tem a ver com o fato de que estamos operando no tatear de experiências que ainda estão em plena chegada e expansão. A problemática ainda encontra-se na superfície do espírito deste início de século XXI, mas é imperativo também que se comece a questionar, não como forma de negatizar tal fenômeno, tampouco como forma enaltecê-lo demasiado, mas com o propósito de experimentar pensar a respeito. Edgar Morin (2013) sugere que pensemos o presente, mas sem tentar decifrá-lo ou dissecá-lo à distância, mas mergulhando nele. Diz o pensador francês:

É muito difícil conhecer o presente, movimentos imperceptíveis ocorrem na profundidade. O presente, o real, não é aquilo que parece estável. Ser realista, que utopia! É preciso estar aberto para o incerto, para o inesperado. É preciso ser sensível ao fraco, ao acontecimento que nos surpreende; é preciso estar pronto para repensar incansavelmente o estado do mundo. (MORIN, 2013, p. 25).

Não se pode passar despercebido um fenômeno que pulula diante de nossos olhos, consegue abarcar cifras fantásticas e atingir um maciço contingente da população mundial. Redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Tinder*, entre outras, tornaram-se

verdadeiros diários de bordo, relatórios, agendas, cadernos de campo, confessionários públicos, parlamentos de satisfações entre seus usuários. As redes sociais se afirmam em um modelo de sociedade confessional, conforme expressão de Zygmunt Bauman (2012).

Um tipo de sociedade até então desconhecido e inconcebível, em que microfones são instalados dentro de confessionários [...] em que alto-falantes conectados a esses microfones são pendurados em praças públicas, lugares antes destinados a expor e debater assuntos de interesse, preocupação e urgência comuns. (BAUMAN, 2012, p. 228).

Ainda neste sentido, Bauman lembra que esse novo jeito de ser da sociedade mudou sua relação com a tão sonhada privacidade conquistada na modernidade. Privacidade passou a ter a ver com anonimato e anonimato é um outro jeito de ser esquecido; de não estar em evidência. Lutando contra o desalento do anonimato/esquecimento, os usuários das redes sociais dizem onde estão, o que estão fazendo ou comendo ou com quem estão a todo momento. Cada um à sua maneira busca compor sua *selfie*, sua auto-imagem ou autorretrato, filtrado e compartilhado com o mundo, na infosfera.

Cenas felizes, momentos memoráveis, paisagens radicais, eventos concorridos, todos podem servir de cenário, pano de fundo ou estúdio de composição dessa imagem de si, editada e “filtrada” para a visualização do outro na busca de uma aprovação que vem em forma de *like* ou de comentários e compartilhamentos.

Muitos fazem de suas *timelines* um espaço de edição de sua própria vida. A felicidade editada está atrelada a artefatos em moda, lugares, personalidades, objetos caros, viagens ou simplesmente, frases de efeito que demonstram intelectualidade ou extrema alegria, como forma de revestir-se de uma identidade que os defina.

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia. (BAUMAN, 2005, p. 26).

Na perspectiva micro escolhida por nós, com relação às redes sociais, torna-se difícil capturar uma essência do que seamos nós mesmos, dada a velocidade e fugacidade da nossa

disposição em alterar, editar e filtrar nossas preferências e gostos. E mais: lamentavelmente estamos sedentarizando nossa capacidade de pensar sobre quem somos. Essa sedentarização é alavancada pela existência de fórmulas matemáticas precisas, os chamados algoritmos presentes nas páginas da internet que filtram e geram, de acordo com nossos cliques, tempos de permanência e *likes*, os objetos culturais ou materiais que vamos consumir ou que, no mínimo vão nos agradar num próximo acesso. Os *pop ups* de conteúdo geral já caíram em desuso. Eles agora são direcionados para as nossas preferências.

Além de todo o fenômeno de padronização/diferenciação e de toda a publicização da existência, as páginas das redes sociais estão repletas de anúncios dos mais variados produtos e serviços. Sutilmente colocados ao largo da “linha do tempo” ou mural de cada usuário, um clique os direciona para páginas de propagandas ou de compra direta pela internet. Os filtros matematicamente organizados em cada página fazem a leitura do teor de cada postagem feita pelo usuário ou de cada anúncio curtido ou compartilhado por ele. “Magicamente” aquilo que o sujeito tanto está desejando em termos de consumo aparece como “página sugerida” ou “vídeo sugerido” para ele. As redes sociais adivinham de forma personalizada os gostos e anseios de consumo de cada usuário? Não seria um exercício de adivinhação, mas de precisão algorítmica. É dessa maneira, por meio do cálculo das preferências do usuário que algumas páginas geram e fazem girar altos valores comerciais a cada momento.

## **SOBRE GERAÇÃO SELFIE OU O QUE AS REDES SOCIAIS DIZEM SOBRE NÓS**

Antropológica e psiquicamente somos demasiado cêntricos. Ao longo de nosso relato histórico enquanto espécie, inventamos formalizamos essa raiz cêntrica em geocentrismos, etnocentrismos, humanocentrismos. Todos eles têm em comum o fato de que as situações, sejam elas georreferenciais, étnicas ou humanas, tudo gira em torno de nosso ego, o mais cêntrico de todos, como se individualmente fossemos capazes de construir grandes coisas. Os centrismos mutilam a nossa capacidade multifocal e “bilíngue” de perceber o mundo, os fenômenos e a vida. Quando dizemos bilíngue, não estamos nos referindo à capacidade técnica de dominar duas línguas de nações diferentes. Referimo-nos à ideia de sujeitos

bilíngues advogada por Mia Couto (2011), referindo-se à necessidade de que sejamos um sujeito plural,

munido de um idioma plural. Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem. Ao lado de uma língua que nos faça ser humanidade, deve existir uma outra que nos eleve à condição de divindade. (COUTO, 2011, p. 24).

Experimentamos agora um momento – que não podemos precisar quanto tempo vai durar – em que nosso antropológico hábito cêntrico ganha uma nova versão: o *selfie*. Palavra que em português quer dizer autorretrato ou autoimagem. É isso que temos feito no mundo das aparências potencializado pelas redes sociais. Estamos tão preocupados em compor o nosso autorretrato para ser publicado que nos esquecemos de cultivar a cultura dos encontros verdadeiros, aqueles nos quais transcendemos a ocupação de um mesmo espaço e intercambiamos afetos e sensorialidades. A publicação do *selfie* não é endereçada ao outro e sim a mim mesmo. É uma das melhores formas encontradas de saber o quão aceito posso ser a partir do relatório de “likes” que as redes sociais contabilizam para mim.

Em tempos de redes sociais e comunicações pautadas pela distância física, cabe-nos outras perguntas/problema. Estamos a precisar de algo invisível que nos possibilite conectar com outros que não estão fisicamente ao nosso lado? Será que queremos algo que nos possibilite uma espécie de fuga do lugar onde nos encontramos? Uma espécie de fobia do outro nos atormenta? Encontramos dificuldade em estar frente a frente com pessoas e situações ditas reais? Talvez a resposta afirmativa oscile entre as três perguntas. Ou talvez não. Por outro lado, não seria esta situação a possibilidade de alargarmos nosso ser e estar no mundo? De resolvermos problemas em qualquer lugar em que nos encontremos? Ou mais além: não será a tecnologia visível ou invisível parte de nosso processo evolutivo tão cheio de perdas e ganhos?

Se um fenômeno é capaz de gerar tantos posicionamentos e questionamentos, certamente é porque ele está interferindo de forma muito direta na vida das pessoas. Uma rede social como o *Facebook* possui, numa última contagem do início de 2015 publicada na página oficial de seu idealizador Mark Zuckerberg, 1,39 bilhões de usuários, ou seja, uma

parte considerável da população mundial compartilha sua existência por meio de dados online diariamente. De olho nesse fenômeno, políticas, tutoriais e matérias em *sites* e revistas de tecnologia advertem os usuários a respeito de como melhor utilizar suas páginas. Estamos diante de um novo problema, o de como se apresentar e se locomover na infosfera, um não lugar onde muito de nossa existência se dá.

Um outro problema relaciona-se ao uso das redes sociais de forma indiscriminada e sem barreiras por parte de crianças e adolescentes menores de idade. Os chamados *cyberbullings*, nome dado às formas de agressão, constrangimento e ameaças públicas por meio da rede, amplificam-se. A proliferação da pedofilia via internet ganhou força e encontrou mais adeptos após a popularização das redes sociais. Todo um léxico é incorporado e palavras como “curtir”, “compartilhar”, entre outras, vão ganhando novas representações. Nas redes sociais são muitos os tutoriais que demonstram como cuidar da forma física, do corpo e da alma, das tarefas do cotidiano.

Listar o universo de destinações possíveis a uma rede social seria uma tarefa que demandaria uma pesquisa específica. Interessa-nos neste momento a advertência de Bauman (2012). Diz o Sociólogo polaco inglês que o que deve estar em pauta

é o uso que nós, “usuários ativos” [...] fazemos dessas ofertas que as torna, assim como seu impacto sobre nossas vidas, boas ou ruins, benéficas ou prejudiciais. Tudo depende do que estejamos procurando; as engenhocas tecnológicas só tornam nossas aspirações mais ou menos realistas, e nossa busca mais rápida ou mais demorada, mais ou menos eficaz. (BAUMAN, 2012, p. 224).

São inúmeras as páginas públicas e privadas dentro das redes sociais que utilizam suas ferramentas para amplificar discursos de indignação perante injustiças, exercitar uma militância, angariar adeptos para um *cyberativismo*. Esse parlamento cibernético pode ecoar por um mundo cujas barreiras alfandegárias quase inexistem. Pessoas de todas as partes do planeta que têm acesso à internet podem compartilhar e aderir a ideias capazes de mudar realidades práticas.

Outra destinação importante das redes sociais, especialmente do *facebook* é a de reunir pessoas e ajuda humana e financeira em torno de uma causa que pode ser pontual

como o pagamento de um tratamento de saúde ou de longo ou fixo prazo, como no caso de entidades filantrópicas, do terceiro setor ou Organizações não Governamentais (OnGs).

As páginas são atualizadas com apelos, mas também com vídeos e fotos do cotidiano de trabalho dos funcionários e voluntários das organizações, bem como de seu público alvo; a quem se destinarão as possíveis doações. Propicia ainda a abertura de debates públicos sobre causas humanitárias e ecológicas importantes e sobre questões como: uso de drogas e outras substâncias entorpecentes, doenças crônicas diversas, epidemias de longo impacto, catástrofes naturais, mau uso do dinheiro público, denúncias de violência, corrupção, agressão e morte. Ainda assim, nos adverte Pierre Lèvy (2015),

É absurdo imaginar que um instrumento que aumenta os poderes da linguagem em geral pudesse favorecer somente a verdade, o bem e o belo. É preciso sempre perguntar: verdadeiro para quem? Belo para quem? Bem para quem? O verdadeiro vem do diálogo aberto aos diversos pontos de vista.

Para esta pesquisa que ainda encontra-se em sua primeira etapa, escolhemos três redes sociais de grande utilização entre pessoas de várias partes do mundo para, a partir de suas plataformas de utilização, pensar como elas constroem, mesmo que de maneira efêmera, o *selfie*, a autoimagem de seus usuários perante o mundo.

As redes escolhidas são: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. A ideia é sublinhar pontos portadores de minimização e padronização excessiva da vida, bem como as potencialidades comunicativas e existenciais de cada uma delas. Não se trata de uma caracterização exaustiva, mas baseada nos imperativos presentes em cada uma delas às quais os usuários se submetem ao criarem seus perfis nas páginas pessoais.

A geração *selfie* pauta-se em pelo menos três metaprincípios fundamentais que lhe conferem força num tempo em que a efeméride se sobrepõe à formação de vínculos fundamentais, à proliferação da vida, da gentileza e do afeto. Num primeiro momento nos atemos a três metaprincípios de base sombria: Superficialidade *Twitter*, Instantaneidade *Instagram* e Descartabilidade *Facebook*. Num segundo momento, sinalizamos uma segunda etapa desta pesquisa que pensa na potência criadora desses três modelos de redes sociais escolhidas.

**Superficialidade *Twitter*** – O *Twitter* é uma modalidade de rede social que enquadra-se na categoria de *microblogging* que quer dizer micro diário virtual e está em funcionamento desde o ano de 2006. Várias celebridades, chefes de Estado, empresas e também pessoas não famosas possuem perfil nesta rede que tem como pergunta-imperativo para o usuário na página inicial: “O que está acontecendo?”. O usuário precisa tentar respondê-la utilizando-se de até 140 caracteres.

Estamos imersos na sociedade da informação parcial, fragmentada, rápida, muitas vezes pela metade. A pressa de consultar as notícias anunciadas em profusão nos faz subdesenvolver nossa capacidade de processá-las, trata-las e transformá-las em “conhecimento pertinente”, aquele capaz de religar o local e o global, conforme expressão de Edgar Morin (2000). Temos desenvolvido uma perigosa capacidade de síntese que faz com que busquemos estratégias de anunciar uma mensagem com o mínimo de informações e o máximo de abreviações. A limitação está contida na seguinte proposição: “Diga o que disser, mas seja breve, pois você terá de fazê-lo em, no máximo, 140 caracteres”.

Um sujeito da pressa, da supersíntese, da cabeça cheia de informações e da superficialidade ao anunciá-las emerge desse jeito de operar da plataforma *Twitter*.

**Instantaneidade *Instagram*** – O *Instagram* é uma rede social que limita sua atuação a usuários portadores de *smartphones* e/ou *tablets*, aparelhos portáteis com sistemas operacionais capazes de compartilhar dados via internet com velocidade e precisão. Ainda que exista essa possível limitação, não são poucos que o utilizam. No começo de 2015, a cifra já passava dos 300 mil usuários (ZUCKERBERG, 2015). No ar desde 2010, a tecnologia permite a publicação em tempo real de fotografias e vídeos que podem ser editados previamente pelo usuário. As publicações feitas via *Instagram* podem ser socializadas nas plataformas de outras redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* e outras. Foi no *Instagram* que a prática de fazer *selfies*, as auto-fotografias se popularizou.

Essa rede sintetiza uma situação problemática na qual estamos imersos já há certo tempo: a perda da capacidade de consolidar memória de longo e até de curto prazo. Subutilizamos nossa capacidade de memorizar nomes, endereços, números pela confiança indeliberada que dedicamos aos aparatos que nos parasitam. Pior, pouco a pouco perdemos nossa capacidade poética de nos apaixonarmos pelas paisagens, sons e lugares que temos a

oportunidade de conhecer. Não vemos, fotografamos porque esse olho mágico tem uma memória capaz de guardar tudo para que eu veja depois ou, especialmente para que eu publique para estar à disposição dos *likes* e compartilhamentos que ela possa merecer. Pierre Lèvy, referindo-se à sua proposição de “Tecnologias da inteligência” (1993) diz que, todas as vezes que substituímos uma forma de consolidação de um saber por outra, nós sempre saímos perdendo. O autor sugere que sejamos capazes de agregar as múltiplas possibilidades de linguagem na comunicação: oralidade, escrita, informática.

Emerge daí, não apenas um sujeito de memória reduzida, mas da superexposição e ostentação e da efeméride na dedicação de importância às imagens do mundo e da vida.

**Descartabilidade *Facebook*** – O sujeito usuário da rede social *Facebook* abre sua conta e se depara, na página inicial com a pergunta: “no que você está pensando?”. Seguido do questionamento há um espaço em branco no qual ele pode tentar respondê-lo por escrito ou anexando imagens e vídeos. Talvez esta seja a pergunta-imperativo do tempo presente. Querer saber o que o outro está pensando seria de algum modo querer decifrar os gostos, anseios e necessidades dos usuários? Seria um reflexo de um tempo em que há uma necessidade de compartilhar a existência ou um impulso desenfreado de descarte da privacidade na busca por uma visibilidade extrema?

A matéria “Tudo por um *like*” da revista *Galileu* de maio de 2014 diz que

O primeiro *like* da história do *Facebook* foi dado no dia 09 de fevereiro de 2009. Cinco anos depois, os números mostram o ‘curtir’ como um dos maiores fenômenos culturais da atualidade. São 1,8 milhão por minuto ou 4,5 bilhões diários na rede social criada por Mark Zuckerberg. (2014, p. 46).

A lógica das redes sociais é a de que “você é o que você curte”. Tanto para as pessoas, quanto para as empresas que estão atreladas à sua plataforma e automaticamente realizam pesquisas de satisfação e de “novas” necessidades dos usuários/consumidores. Para além disso, o que fascina em relação ao *Facebook* não é a possibilidade de ter muitos amigos, mas a facilidade de nos desfazer-se deles. Se um sujeito publica informações desagradáveis a outro, este último simplesmente o deleta de sua rede de amigos.

Pensando a partir da constituição desta rede social, pensamos a emergência de um sujeito afeito ao acúmulo e descarte de coisas e também de pessoas. Um sujeito que acha constrangedor sofrer com uma relação de vínculos sólidos alimentada por afetos de longo prazo. Bauman expressa bem esse *modus vivendi* das pessoas que transitam no que ele chama de “mundo líquido moderno”. Os amores líquidos se dão no paradoxo pertencimento-afastamento. Todos querem pertencer a um grupo, uma turma, mas não por muito tempo. A solidificação dos laços nos trazem dificuldades na hora de cortá-los.

### **SOBRE IMPULSIONAR OUTRAS FORMAS DE FAZER**

Esse cenário parece demasiado sombrio e até pessimista, mas acreditamos que a detecção de situações não positivas nos ajuda a mirar e a desenvolver formas de fazer e viver diferente. Por isso, optemos por desobedecer a essa perfeita ordem das coisas. Todas as vezes que somos capazes de identificar nossas próprias mazelas e pontos negativos, potencialmente podemos tratar de fazer diferente.

Dada essa percepção das limitações que as redes sociais podem nos trazer enquanto condição humana, é preciso sinalizar suas possibilidades projetivas de vida. Por um lado, suas plataformas nos limitam porque nos tornam demasiado preocupados com a composição de nossa autoimagem fazendo-nos minimizar nossa capacidade de tecer em conjunto com outros discursos de mundo e outras formas de interação. Por outro lado, estamos nos tornando cada vez mais capazes de realizar simultaneamente multitarefas e de pulverizar informações sobre o que pensamos ou sentimos. Para Lèvy (2015), as redes sociais projetadas por pessoas e operadas por pessoas propiciam verdadeiramente uma “democracia virtual” que se dá por meio do

acesso a fontes de informação muito mais diversificadas que no passado e na medida também em que todos podem se exprimir para um vasto público. Enfim, porque é muito mais fácil para os cidadãos colocarem-se em contato com vistas à organização, à deliberação, à discussão e à ação. (LÈVY, 2015).

Não é de hoje que costumamos significar negativamente tudo aquilo que se apresenta como novidade ou como desconhecido. Certamente críticas como: “isto fomenta o individualismo, subutiliza a capacidade de memória, esteriliza a relação entre as pessoas”, entre outras devem ter sido tecidas publicamente quando os livros impressos começaram a ser um instrumento acessível a uma parte das pessoas. Cabe a nós seguir com maior inteireza o conselho de Morin (2013) de experimentar o presente procurando ver nele, não o que está só na superfície dos discursos gerais, mas as narrativas portadoras de vida que nele possam conter.

Nessa lógica, sugerimos aqui alguns pontos a partir das mesmas redes sociais que elencamos anteriormente:

**Com-sentir *Instagram*** – Por meio de imagens compartilho minha existência com as pessoas e posso levá-las a pensar sobre o estar-com, estar-junto, formas de se fazer presente mesmo quando se está ausente ou distante.

**Indignação *Twitter*** – Com capacidade de síntese, expresso minha opinião sobre todo e qualquer evento, acontecimento ou situação global que reduza a dignidade da pessoa humana ou ponha sobre risco a vida como um todo.

**Profanação *Facebook*** – Por meio de minha rede sou capaz de formar opiniões, derrubar tabus, levantar bandeiras, disseminar boas práticas, ensinar e aprender.

A boa comunicação de uma mensagem tem a ver com a utilização dos vários sentidos. Uma boa mensagem não pode se limitar à palavra escrita ou falada. É preciso dizer com o olhar, com o toque, com os cheiros, com os sons, com os gostos, com o coração. É preciso guardar na memória afetiva as experiências potencializadoras de vida e criatividade. É preciso insistir em encantar-se com a apreciação de uma montanha, com o som de uma cachoeira ao longe, com as mais simples ações de generosidade e acolhimento das pessoas. E mais, é preciso tê-las perto, mesmo que esse perto seja imaginário e não necessariamente geográfico. Ao invés de nos desfazermos das pessoas como fazemos com as coisas, optemos por conhecê-las e vive-las de outra maneira, levando conosco tudo o que elas têm de bom, mas também suas debilidades e defeitos aos quais todos estamos irremediavelmente

expostos. Que ao compor nossa imagem sejamos capazes de imprimir nela traços de generosidade, afeto, empatia e ética.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre Facebook, intimidade e extimidade. In: **Isto não é um diário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CIRULNIK, Boris. **Memória de macaco e palavras de homem**. São Paulo: Instituto Piaget, 1994.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano e outras interinvenções**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 2008.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **A revolução digital só está no começo**. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva em 12 de abril de 2015. Caderno de Sábado, Jornal Correio do Povo. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=7087>. Acesso em: 12 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano e outras interinvenções**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 5. ed. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. VIVERET, Patrick. **Como viver em tempos de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

## ÁGUAS URBANAS NO BRASIL: UMA (RE)LEITURA SOBRE A RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA NAS CIDADES

Ariadne Sílvia de Farias

Universidade Tecnológica Federal do Paraná / Universidade Paranaense – Brasil

Mestre em Geografia

ariadnefarias@utfpr.edu.br / ariadnefarias@unipar.com

### RESUMO

O processo de urbanização brasileira concentra-se, historicamente, em regiões metropolitanas, na capital dos estados e, mais recentemente, nas cidades que se caracterizam como polos regionais. Os efeitos desse processo fazem-se sentir, também, sobre a infraestrutura urbana relacionada aos recursos hídricos: na qualidade da água destinada ao abastecimento público, no transporte e no tratamento de esgotos domésticos, e na gestão das águas pluviais. A leitura interdisciplinar acerca da hidrodinâmica urbana pode contribuir significativamente para análise dos diferentes problemas que envolvem a gestão e a utilização da água, considerando que as atividades antrópicas requerem, cada vez mais, uma visão complexa das necessidades do homem e os recursos disponíveis, para racionalmente compatibilizar necessidades crescentes a recursos limitados. O balanço entre a disponibilidade hídrica e a demanda para os múltiplos usos da água tem sido contabilizado com rigor pelas sociedades contemporâneas. Neste limiar, o objetivo deste trabalho é apresentar, através de uma revisão bibliográfica, a concepção da água no espaço urbano enquanto fonte de sustentação à vida no Planeta e, ainda, como recurso dotado de valoração econômica, social, política e cultural.

**Palavras-chave:** Urbanização; Sociedade e Natureza; Recursos Hídricos.

### ABSTRACT

Historically, the Brazilian urbanization process concentrates in metropolitan areas and, more recently, in cities which are characterized as regional hubs. The effects of this process also are felt about the urban infrastructure related to water resources: in the water quality intended for public supply, transportation and treatment of domestic sewage and rainwater management. The interdisciplinary reading about urban hydrodynamics can significantly contribute to analysis of various problems involving the management and use of water, considering that anthropogenic activities require increasingly complex vision of needs and available resources, for rationally equalize growing needs and the limited resources. The balance between water availability and demand for the multiple uses of water has been rigorously accounted for by contemporary society. In this context, the paper objective is to present, through a bibliographical revision, the water conception in the urban space as a source of support to life on the planet and as a resource that has economic, social, political and cultural valuation.

**Key-words:** Urbanization; Society and Nature; Water Resources.

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das cidades, sem planejamento e gestão adequados, gera prejuízos significativos para a sociedade. Dentre as consequências do crescimento urbano nas últimas décadas, destacam-se: o acréscimo da poluição doméstica e industrial, esta última responsável em grande parte pelas condições ambientais inadequadas e pela proliferação de doenças, poluição do ar e sonora, aumento da temperatura (microclima urbano provocado pela emissão de gases na atmosfera), além da contaminação das águas superficial e subterrânea; segregação do espaço urbano, motivadora de ocupações irregulares das áreas destinadas à proteção e conservação ambiental; impermeabilização, compactação e erosão do solo urbano; aumento significativo do escoamento superficial das águas pluviais; alterações no sistema hídrico urbano; inundações urbanas, entre outros problemas.

Inúmeros exemplos de realidades que espelham condições de impactos, riscos e vulnerabilidades socioambientais podem ser evocados no contexto das cidades dos países em desenvolvimento. O processo de urbanização brasileira concentra-se, historicamente, em regiões metropolitanas, na capital dos estados e, mais recentemente, nas cidades que se caracterizam como polos regionais. Os efeitos desse processo fazem-se sentir, também, sobre a infraestrutura urbana relacionada aos recursos hídricos: na qualidade da água destinada ao abastecimento público, no transporte e no tratamento de esgotos cloacal (doméstico), e na gestão das águas pluviais. É importante ressaltar que, ao garantir a eficiência dos sistemas infraestruturais urbanos, garante-se também a qualidade/condições de vida dos cidadãos, bem como a qualidade ambiental do espaço urbano.

À medida que o processo de urbanização desordenado se intensifica, intensificam-se, concomitantemente, os impactos sobre o sistema hídrico urbano. Ocorrem, portanto, problemas como: o aumento das vazões máximas; o aumento da produção de sedimentos devido à desproteção das superfícies e à produção de resíduos sólidos e, conseqüentemente, o assoreamento dos canais (diminuindo a área hidráulica); e, a deterioração da qualidade da água, devido à lavagem das ruas, ao transporte de sólidos totais (sedimentos e resíduos sólidos) e a ligações clandestinas de esgoto cloacal e pluvial.

Além destes impactos, ainda existem aqueles causados pela falta ou equívocos no planejamento e na implantação da infraestrutura urbana: pontes e taludes de estradas que obstruem os escoamentos, redução da secção do escoamento das linhas naturais de drenagem, assoreamento e obstrução de rios, canais e condutos de resíduos sólidos e sedimentos, projetos e obras de drenagem inadequadas (sistemas subdimensionados); tais equívocos agravam, consideravelmente, os efeitos dos impactos das águas pluviais, e resultam nos eventos de inundações em inúmeras cidades brasileiras.

A leitura interdisciplinar acerca da hidrodinâmica urbana pode contribuir significativamente para análise dos diferentes problemas que envolvem a gestão e a utilização da água, considerando que as atividades antrópicas requerem, cada vez mais, uma visão complexa das necessidades do homem e os recursos disponíveis, para racionalmente compatibilizar necessidades crescentes a recursos limitados. O balanço entre a disponibilidade hídrica e a demanda para os múltiplos usos da água tem sido contabilizado com rigor pelas sociedades contemporâneas. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar, através de uma revisão bibliográfica, a concepção da água no espaço urbano enquanto fonte de sustentação à vida no Planeta e, ainda, como recurso dotado de valoração econômica, social, política e cultural.

## ÁGUAS URBANAS

Composta por dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio em cada molécula, a água (óxido de hidrogênio – H<sub>2</sub>O) é um elemento fundamental à vida na Terra. No campo científico, a água é objeto de estudo das chamadas ciências naturais (da química, da geologia, da física, etc.), concebida como um líquido incolor, sem cheiro e forma, ou ainda, entendida pelas ciências humanas, como um “elemento que possui distintas significações, quer no plano material (econômico e social), quer no plano imaginário (político e cultural), variando de sociedade para sociedade, nos diferentes contextos histórico-culturais” (CUNHA, 2000).

Aproximadamente 70% da superfície terrestre são cobertos por água. No entanto, menos de 3% deste volume é de água doce (contidos nas geleiras polares e neves das montanhas), restando uma pequena porcentagem de águas superficiais. A Hidrologia é a

ciência que trata da água no planeta Terra, sua ocorrência, circulação e distribuição, suas propriedades físicas e químicas, e suas reações com o meio ambiente, incluindo suas relações com a vida (PINTO, 1976). Além dos hidrólogos, diversos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento investigam a hidrodinâmica para fins científicos, técnicos e/ou tecnológicos, para melhor aproveitar e gerir os recursos hídricos.

Os estudos hidrológicos aplicados estão voltados para os diferentes problemas que envolvem a gestão e a utilização da água. As atividades antrópicas que utilizam os recursos hídricos requerem, cada vez mais, uma visão ampla das necessidades do homem e os recursos disponíveis, para racionalmente compatibilizar necessidades crescentes a recursos limitados.

O balanço entre a disponibilidade hídrica e a demanda para os múltiplos usos da água tem sido contabilizado com rigor pelas sociedades contemporâneas. A água é concebida como fonte de sustentação à vida no Planeta e, ainda, como recurso dotado de valoração econômica, social, política e cultural. Portanto, “a água está, assim, na natureza e, a um só tempo, na cultura” (CUNHA, 2000) das diferentes sociedades.

A hidrodinâmica no espaço urbano preconiza o desenvolvimento de funções fundamentais para a vida nas cidades, desde o abastecimento de água para a população, para as indústrias de beneficiamento de produtos alimentícios, indústrias têxteis, lavanderias, prestadoras de serviços e comércio, até o seu emprego lúdico em áreas de lazer. Ao ocupar o espaço, a população urbana necessita dos recursos hídricos para sobreviver e desenvolver suas atividades, além da função sanitária das águas urbanas para o despejo dos resíduos (esgoto e sólidos).

No decorrer do processo de urbanização, a gestão das águas urbanas passou por fases distintas que acompanharam o desenvolvimento das cidades, no tempo e no espaço. Tucci (2007) apresenta, na Tabela 1, as quatro etapas de desenvolvimento do pensamento sobre Hidrologia Urbana.

Até o início do século XX, o desafio das cidades era evitar a proliferação de doenças infecciosas, devido principalmente às condições sanitárias dos efluentes da própria população que contaminava suas fontes de abastecimento de água. A ocorrência de

inundações e surtos epidêmicos era frequente, o esgotamento doméstico era feito em sistema individual (fossas) ou junto ao sistema de drenagem das águas pluviais, sem coleta ou tratamento, e poços, rios e fontes próximas abasteciam a população local. Este período marcou a fase **pré-higienista** do desenvolvimento das águas urbanas.

**Tabela 1 – Fases do desenvolvimento das águas urbanas**

<b>Fase</b>	<b>Características</b>	<b>Consequências</b>
<b>Pré-higienista:</b> até início do século XX	Esgoto em fossas ou no sistema de drenagem, sem coleta ou tratamento, abastecimento via água da fonte mais próxima, poços ou rios.	Doenças e epidemias, grande mortalidade e inundações.
<b>Higienista:</b> antes da década de 70	Transporte de esgoto distante das pessoas, lançado direto no corpo hídrico receptor e canalização do escoamento das águas pluviais.	Redução das doenças, porém os rios continuam contaminados, impactos nas fontes de abastecimento de água e inundações.
<b>Corretiva:</b> entre as décadas de 70 e 90	Tratamento de esgoto doméstico e industrial, amortecimento do escoamento superficial.	Recuperação parcial dos rios, restando a poluição difusa, obras hidráulicas e impacto ambiental.
<b>Desenvolvimento sustentável:</b> após a década de 90	Tratamento terciário e do escoamento pluvial, novos modelos de desenvolvimento que buscam preservar e conservar o sistema natural.	Conservação ambiental, redução das inundações e melhoria da qualidade de vida nas cidades.

**Fonte:** TUCCI (2007).

**Modificado por:** FARIAS, 2015.

A fase **higienista**, no início do século XX, é marcada pelo abastecimento de água de fontes potáveis e a coleta de esgoto, com despejo a jusante (ainda sem tratamento) do manancial da cidade, com o objetivo de controlar as epidemias e evitar doenças infecciosas,

porém, a medida foi paliativa uma vez que os impactos acabaram sendo transferidos para as comunidades ribeirinhas a jusante dos despejos dos efluentes.

Nesse período, houve um acentuado crescimento da população urbana, principalmente após a segunda guerra mundial, quando ocorreu um *boom* demográfico (*baby boomer*). Seguido da urbanização acelerada, este processo levou uma parcela significativa da população rural para as cidades dos países em desenvolvimento, “resultando novamente em colapso do ambiente urbano devido agora aos efluentes sem tratamento e poluição aérea, já que sempre haverá uma cidade a montante e outra a jusante para contaminar a água” (TUCCI, 2007).

Para mitigar o impacto do lançamento do volume cada vez mais crescente de efluentes a jusante, uma importante medida adota nos Estados Unidos, a partir da década de 70, mudou o cenário urbano: a aprovação da lei de água limpa – “*Clean Water Act*” – definiu que todos os efluentes deveriam ser tratados com a melhor tecnologia disponível para a recuperação e conservação dos canais.

A fase **corretiva** buscou controlar os impactos do período higienista, percebendo-se o equívoco das obras de drenagem que aumentavam a velocidade do escoamento dos deflúvios devido à urbanização e modificavam a morfologia dos rios através da retificação dos canais (canalização). Buscou-se, então, revisar os procedimentos e utilizar sistemas de amortecimento das ondas de cheia, como, por exemplo, bacias de retenção e recuperação dos canais. Grandes investimentos foram feitos no tratamento das águas residuais domésticas e industriais, recuperando em parte a qualidade da água dos rios, lagos, reservatórios, etc.

Desde os anos 90, diversos países – sobretudo, os países em desenvolvimento – têm investido na construção de uma política de desenvolvimento sustentável urbano baseado no tratamento das águas pluviais urbanas e rurais, conservação do escoamento superficial e tratamento dos efluentes a nível terciário para retirada de elementos químicos (como, por exemplo, Nitrogênio e Fósforo) responsáveis pela eutrofização dos lagos. A estratégia adotada para o uso do solo urbano é a implantação das estruturas e serviços de urbanização preservando os caminhos naturais de drenagem (escoamento superficial das águas pluviais) e priorizando espaços para a infiltração (áreas permeáveis), marcando, assim, a fase denominada de **desenvolvimento sustentável**. (TUCCI, 2007).

Conforme visto, a compreensão sobre a hidrodinâmica urbana passou por um longo processo histórico de desenvolvimento. A gestão adequada da água no espaço urbano teve – e ainda tem – por objetivo a manutenção da saúde e da qualidade de vida dos munícipes, além da conservação dos rios que permeiam as cidades. Tal preocupação, tanto por parte dos gestores públicos como dos próprios munícipes, se intensificou na década de 90, impulsionada pela efervescência das discussões sobre as problemáticas ambientais travadas na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento (também conhecida como Cúpula da Terra ou Eco-92).

A temática ambiental em pauta e os conflitos socioambientais cada vez mais crescentes no espaço urbano conduzem a uma emergência: que a cidade seja percebida como um espaço integrado, constituído por sistemas sociais e ecológicos peculiares, dotado de uma dinâmica que lhe imprime características próprias. A dinâmica das cidades depende de uma série de aspectos – sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais – e necessidades de diversas magnitudes e abrangências, cujas ações e o entendimento dos fatores intervenientes por parte dos profissionais de diferentes áreas de formação que atuam no ambiente urbano, e da própria sociedade, permitem a manutenção da qualidade/condição de vida no espaço urbano, buscando-se reduzir os riscos de ocorrência de eventos indesejáveis.

Durante o processo de urbanização, o conhecimento do sistema hídrico local, por exemplo, é fundamental para garantir o fornecimento e o saneamento básico à população, o desenvolvimento das atividades econômicas, sociais e culturais, bem como para evitar as inundações urbanas e doenças decorrentes da gestão inadequada dos recursos hídricos disponíveis.

## **A HIDRODINÂMICA URBANA SOB A PERSPECTIVA DO SISTEMA AMBIENTAL URBANO (S.A.U.)**

O ambiente ou meio ambiente urbano é social e historicamente construído. Para Coelho (2004, p.23) meio ambiente é “(...) ao mesmo tempo, suporte geofísico, transformado e transformador da vida social”. Sua construção se faz no processo de

interação contínua entre uma sociedade em movimento e um espaço físico peculiar que se modifica constantemente. Ao ser modificado, torna-se condição para novas mudanças, modificando, assim, a sociedade.

Na concepção da ecologia social, a sociedade altera o ecossistema natural, “(...) criando com a civilização urbana um meio ambiente urbano, ou seja, um novo meio, um novo ecossistema, ou melhor, um ecossistema urbano no ecossistema natural” (ibidem). Assim surge uma totalidade de relações e de interações no seio de uma unidade tão localizável como um nicho: o “aglomerado urbano”.

Neste sentido, é importante ressaltar que a cidade não é somente uma construção social, como sugere Mendonça (2004, p.185-186):

(...) ela é esta construção somada a todo um suporte que a precedeu – Natureza – mais as atividades humanas. Da interação entre estas dimensões da realidade produzem-se ambientes aprazíveis e com ótimas condições para o desenvolvimento da vida do homem, porém, em grande parte, ambientes desagradáveis, degradados e altamente problemáticos são também produzidos. Uma quantidade de seres humanos vivem nestes últimos e é preciso buscar formas de melhorá-los.

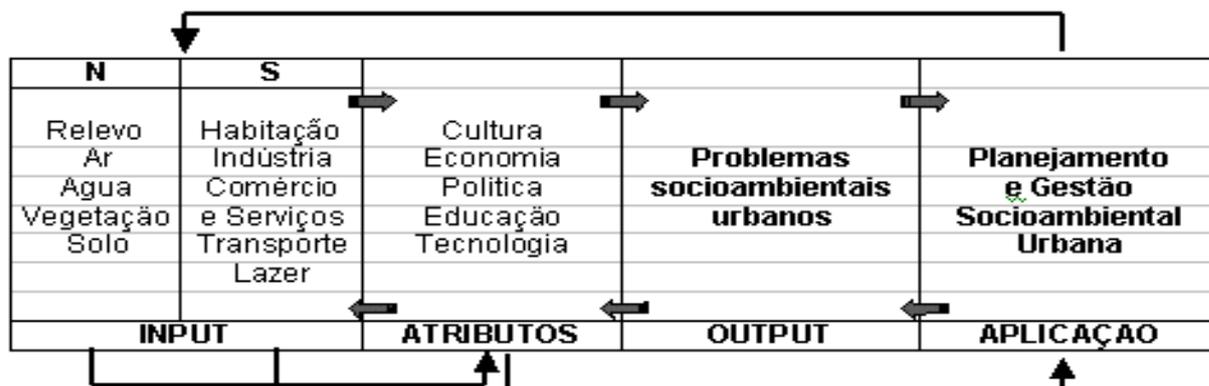
Assim, “(...) o ambiente no qual se encontra localizada a cidade é o resultado da ação humana por vezes prolongada e multiforme sobre um espaço tanto próximo quanto distante (...) espaço produto resultante do meio físico e da ação humana”. (BEAUJEAU-GARNIER, 1980 apud MENDONÇA, 2004, p. 193). Enquanto produto da relação sociedade-natureza, o espaço urbano espelha os problemas socioambientais gerados a partir desta inter-relação e demandam, para sua solução efetiva, estudos que contemplem a cidade a partir de uma concepção mais ampla, integrada e holística.

Novas abordagens metodológicas acerca da problemática socioambiental urbana são lançadas pelo geógrafo Francisco Mendonça. Durante a sua investigação sobre a relação sociedade-natureza no espaço urbano, o autor revisita os conceitos de **ambiente urbano** proposto pelo PNDU/UNOPS (1997) com seus três subsistemas (natural, social e construído), e de **S.C.U. – Sistema Clima Urbano** de Monteiro (1976). Ao considerar a cidade como um sistema dinâmico, Mendonça (2004) propõe o **S.A.U. – Sistema**

**Ambiental Urbano**, apresentado na Figura 1, como uma perspectiva analítica e metodológica para o estudo dos problemas socioambientais urbanos.

Figura 1 – Sistema Ambiental Urbano (S.A.U.)

**S. A. U. - SISTEMA AMBIENTAL URBANO**  
(Simplificado)



Fonte: MENDONÇA, 2004.

O S.A.U. constitui um sistema complexo e aberto que, segundo Mendonça (2010; 2004) é composto pela inter-relação dos seguintes elementos:

- 1. Input do S.A.U.:** fluxos de matéria e energia, de ordem natural e derivados dos processos sociais. É composto pelo “Subsistema Natureza” e pelo “Subsistema Sociedade”, podendo ser ainda subdividido em vários subsistemas, tais como os “Subsistemas N” (relevo, ar, água, vegetação e solos) e “Subsistemas S” (habitação, indústria, comércio, serviços, transporte, lazer).
- 2. Atributos do S.A.U.:** instâncias sociais (“Subsistema S”) que imprimem a dinâmica do sistema ambiental na cidade. Neste âmbito, prevalecem as características pertencentes à superestrutura da sociedade (economia, política) e a cultura da população que a constitui, além da educação e da tecnologia. As manifestações abruptas, episódicas e impactantes da natureza também aparecem como importantes dinamizadores do S.A.U.

3. **Output do S.A.U.:** diversos problemas resultantes da interação entre os vários subsistemas e “subsistemas” do S.A.U., que demandam a atenção da população, dos governantes, da sociedade organizada e das instituições.
4. **Aplicações:** o autor destaca que devem ser estudadas e elaboradas as propostas para o equacionamento dos problemas socioambientais urbanos. A solução dos mesmos terá implicação direta na qualidade de vida das populações envolvidas, o que promoverá uma alteração do input, dos atributos e do output do S.A.U., por intermédio de mecanismos de *feedback*.

Esta proposta coloca em evidência o fato de que, para se elaborar estudos e intervenções na perspectiva do S.A.U., deve-se trabalhar com problemas provindos da interação sociedade-natureza. Assim, torna-se necessário levar em consideração que nem todos os problemas que acometem as cidades são derivados desta interação. A identificação deste tipo de problemática constitui, assim, numa primeira etapa para a aplicação desta proposta. (MENDONÇA e FARIAS, 2011).

Neste contexto, o S.A.U. é “(...) uma proposta de abordagem dos problemas socioambientais urbanos de maneira integrada, holística e conjuntiva”, que avançou as proposições do PNDU/UNOPS (1997) e do S.C.U. (MONTEIRO, 1976), ao propor uma subdivisão dos subsistemas em “subsistemas” “(...) para os quais, após um diagnóstico detalhado dos problemas, levantam-se sugestões e diretrizes ao planejamento e à gestão urbana”. (MENDONÇA, 2004, p. 205).

Os problemas decorrentes do processo de urbanização foram tratados, durante muito tempo, de maneira desarticulada. Os métodos estanques de análise da problemática socioambiental urbana evidencia uma necessidade de ruptura das perspectivas unidisciplinares ou fragmentadas do espaço urbano, tal como evocam Mendonça e Farias (2009, p. 77-78):

Para uma abordagem satisfatória e o equacionamento dos problemas socioambientais urbanos, tal qual concebido no âmbito do S.A.U., há que se envolver os princípios da multi-inter-transdisciplinaridade e da inter-institucionalidade, posto que eles constituem problemas de alta complexidade. (...) Aplicada em alguns estudos de casos no Centro-Sul do Brasil esta concepção e metodologia evidenciou a necessidade da aplicação

de perspectivas mais abrangentes no conhecimento e gestão dos problemas comuns às cidades dos países de desenvolvimento complexo; dentre estas ganha cada vez mais expressão a necessária valorização e reconhecimento das diferentes percepções do risco (SLOVIC, 2007), perspectiva que coloca em evidencia a relativização da importância dos diferentes conhecimentos e saberes no tratamento dos problemas socioambientais urbanos.

Desta maneira, a abordagem do ambiente urbano proposta por Mendonça (2011; 2010; 2004), a partir da inter-relação entre a sociedade e a natureza, emerge como uma aposta na construção teórico-metodológica para tratar os problemas socioambientais urbanos a partir de uma visão sistêmica na qual o sistema ecológico urbano pode ser dividido em três subsistemas: natural, social e construído.

A partir desta perspectiva, a hidrodinâmica urbana pode ser abordada como um elemento integrante dos Subsistemas N e S, input e output do S.A.U., onde a inter-relação entre os subsistemas natural, social e construído deve ser criteriosamente analisada; a compreensão integrada do S.H.U. - Sistema Hídrico Urbano, apresentado por Tucci (2007), aos estudos evocados pelo S.A.U. se constitui numa estratégia analítica e metodológica para mitigar os problemas socioambientais relacionados à utilização, gestão e conservação das águas urbanas.

Os principais subsistemas que compõem o S.H.U., de acordo com Tucci (2007), são: mananciais de águas; abastecimento de água; saneamento de efluentes sanitários; drenagem das águas pluviais urbanas; áreas ribeirinhas, tais como rios, lagos e estuários. As fontes de abastecimento humano, animal e industrial podem ser superficiais (rios próximos às cidades) e subterrâneas (aquíferos que armazenam água no subsolo), e constituem os **mananciais** das águas urbanas. A água do manancial (regularizada ou natural) é transportada até a Estação de Tratamento de Água (ETA), onde é tratada e distribuída à população, configurando o subsistema de **abastecimento de água**.

Após a utilização, a coleta e o transporte do volume das águas residuais (residenciais, comerciais e industriais) são feitos até uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), onde, após o tratamento adequado dos efluentes, é feito o lançamento da água ao corpo hídrico receptor mais próximo, caracterizando o subsistema de **saneamento de efluentes de esgoto sanitário**.

A **drenagem urbana** abrange a rede de coleta das águas pluviais, além dos resíduos sólidos carregados pelo escoamento das precipitações sobre as superfícies urbanas, o seu tratamento e o despejo no corpo hídrico receptor. As **áreas ribeirinhas** se configuram como espaços sujeitos a inundação; a gestão adequada destes espaços procura evitar que a população seja atingida pelas inundações naturais, e a ocupação inadequada destas áreas geram as enchentes urbanas.

Entende-se que o abastecimento de água, o esgotamento sanitário, o tratamento das águas residuais e a drenagem das águas pluviais urbanas são subsistemas que integram o S.H.U., que por sua vez integra o S.A.U.; os mecanismos e estruturas de serviços mantêm funções e dinâmicas espaciais interdependentes e, portanto, demandam estudos integrados, além de planejamento e gestão adequados para garantir a eficiência dos equipamentos de infraestrutura urbana e a qualidade ambiental do espaço urbano, bem como a qualidade das águas superficiais urbanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado é uma aposta na leitura integrada acerca da relação sociedade-natureza no espaço urbano tendo como epicentro de análise desta relação um elemento que permeia a vida nas cidades: a água. Ao longo da história do processo de urbanização, as águas superficiais urbanas sempre protagonizaram o desenvolvimento das inúmeras atividades econômicas, sociais e culturais nas cidades brasileiras. Assim, os rios urbanos podem ser considerados testemunhos perenes da falta de planejamento e gestão efetiva, do descaso político e, também, dos próprios cidadãos uma vez que não reconhecem a sua natureza intrínseca com os corpos hídricos urbanos. A água é um dos principais meios de apropriação e reprodução social da natureza. Sem água, não há vida; não há cidade.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES Antônio Carlos (Org.). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2000.

MENDONÇA, Francisco. S.A.U. Sistema Ambiental Urbano: uma abordagem dos problemas socioambientais da cidade. In: **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: UFPR, 2004.

MENDONÇA, Francisco. FARIAS, Ariadne S. de. Riscos e vulnerabilidades socioambientais urbanos: perspectivas e desafios no contexto da pós-modernidade. In: NEVES, Lafaiete Santos. **Anais do 5º Seminário Sobre Sustentabilidade: Artigos Selecionados**. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

MENDONÇA, Francisco. LEITÃO, Sanderson Alberto Medeiros. Riscos e vulnerabilidade socioambiental urbana: uma perspectiva a partir dos recursos hídricos. In: **GeoTextos**, vol. 4, n. 1 e 2, p. 145-163, 2008.

MONTEIRO, C. A. F. **Teoria e clima urbano**. São Paulo: USP/FFLCH, 1976. (Tese de Livre-docência).

PINTO, Nelson L. de Sousa. et al. **Hidrologia Básica**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1976.

TUCCI, Carlos E. M. **Inundações urbanas**. Porto Alegre: ABRH/RHAMA, 2007.

\_\_\_\_\_. Água no meio urbano. In: REBOUÇAS, Aldo da Cunha. BRAGA, Benedito. TUNDISI, José Galizia. (Org.). **Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. 3. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gestão de águas pluviais urbanas**. Brasília: Ministério das Cidades – Global Water Partnership – World Bank – Unesco 2005.

TUCCI, Carlos E. M. BRAGA, Benedito (Org.). **Clima e recursos hídricos no Brasil**. Porto Alegre: ABRH, 2003.

## LÉVINAS E A ALTERIDADE: DIÁLOGOS PARA PENSAR A SOCIEDADE

Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de Senna  
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do  
Rio Grande do Norte (PGCS/UFRN)  
E-mail: alecrides@hotmail.com

### RESUMO

O filósofo lituano Emmanuel Lévinas (1906-1995) e seu pensamento sobre a Alteridade, entendida como o reconhecimento do Outro não como um reflexo de si, mas na sua radical alteridade - traz, para os diálogos de hoje, uma importante contribuição sobre o respeito, a convivência. Rompendo com a Ontologia, a ética, como filosofia primeira resgata a pluralidade, retira da solidão o Mesmo, e dá ao Outro um lugar. Esta comunicação traz uma proposta de reflexão sobre Alteridade, sociedade e educação. Usando o cinema como suporte, em como o filme, transportado para a sala de aula como importante instrumento didático, pode ser uma ponte para a sensibilização à alteridade.

**Palavras-chave:** Emmanuel Lévinas; Outro; Alteridade.

### ABSTRACT

#### **Levinas and the Otherness: dialogues to understand society**

Lithuanian philosopher Emmanuel Lévinas (1906-1995) and his thoughts on Otherness -- proposed as the recognition of the Other not as a reflection, but in its radical otherness -- brings to today's dialogue some relevant contributions on respect and coexistence. By breaking with ontology, ethics as a primary philosophy rescues plurality and removes the loneliness of the Same by conceding a different place to the Other. This paper proposes a reflection on the concept of Other, and its connections to society and education. Using film as a support, it is our intention to analyze how movies, as a pedagogic tool, can be understood as a bridge to receptivity, to the Other.

**Keywords:** Emmanuel Lévinas; Other; Otherness.

“A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder.”

Emmanuel Lévinas em *Totalidade e Infinito*

Muito se tem discutido sobre Educação<sup>1</sup>. É a grande preocupação desse novo século e, os sistemas educacionais mundo afora, têm sofrido alterações em vista dos debates das últimas décadas. Entretanto, não é apenas pensar reformas de avaliação, currículo, material didático. Tudo isso é essencial, mas algumas questões são prementes: que filosofia e que sociedade a estrutura das relações sociais dentro das salas de aula está refletindo?

A Educação possui nuances arrepiantes que vão desde uma escola pública formal de aprendizes para o trabalho simples (meninas para trabalhos domésticos e meninos para ofícios), escola com fins ao crescimento industrial (que nunca foi lá essas coisas, mas sobre o qual muito se pensa e se investe, embora não saibamos aonde findam os investimentos), ou seja, uma Educação tecnológica, uma tentativa de uma Educação humanista em fins de 1980, até chegarmos à lei que rege a Educação dos dias atuais.

Mas não é uma questão de lei. É uma questão de ordem. Ordem de prioridades que a sociedade dá aos seus novos cidadãos (se assim nos podemos chamar). Ordem de prioridade à formação do ser humano, de cabeças pensantes, de humanos que convivem com outros humanos, da garantia (senão desejo) de um futuro razoável.

Antes que tentar solapar a Educação, é preciso pensar a educação, é pensar em educar o educador que educa. Educar a sociedade, reorientar as normas vigentes no cotidiano, apontar para a luz da entrada da caverna.

## ONTOLOGIA E ÉTICA

---

<sup>1</sup> Em maiúscula refiro-me à Educação formal. Em minúscula, à educação em geral.

Este texto pressupõe um olhar específico sobre um contexto geral em que estamos inseridos, ou, uma compreensão particular do que chamamos de Ocidente, como estando imerso em uma cultura narcísica. A partir dessa perspectiva que implica uma filosofia baseada na negação do Outro, essa configuração é vista como a principal causa da violência social que se alastra como um rastilho de pólvora.

Essa cultura (narcísica) tem toda uma rede de formações que a fez possuir a face que vemos nos dias atuais. É uma face medonha, mas que ao espelho se vê a si mesmo como bela. A configuração chegou a uma situação tal, que a bipolaridade engendrada pelo discurso da Modernidade que divide o mundo entre Ocidente e Oriente está num estágio insuportável de convivência<sup>2</sup>.

Igualmente, ao crescente nível de investimento bélico e conflitos de motivações diversas, há uma acirrada competição e usufruto do Outro em função do Mesmo. Cada um pensa de si para si, numa busca irrefreável alimentada por diversas fontes, e pela principal fonte, construída sobre uma base filosófica que preza uma razão endeusada.

Mas, para Lévinas, o eu precisa “desaparecer para sair da solidão, mas desaparecer não é o mesmo que não existir” (ESTEVAM, 2008, p.177); ele apenas precisa deixar de ser o centro, o fim último das ações no mundo. E assim, essa filosofia, essa ontologia, ruirá, deixando o espaço para uma nova filosofia com base na ética, e as relações sociais não estarão mais sob a égide da “filosofia do poder, a ontologia, como filosofia primeira [que] não questiona o Mesmo, [e] é uma filosofia da injustiça”<sup>3</sup>. Como diz Estevam:

A preocupação de Lévinas está em mostrar como a postura ontológica da filosofia ocidental contribuiu para a negação do *outro*, isto é, o que ele pretende é a implantação de um novo paradigma para o Ocidente. Paradigma que reconheça a alteridade do *outro*, o que não significa negar a subjetividade do *eu*. (idem, p.175).

---

<sup>2</sup> Em outro momento fiz uma discussão sobre a constituição da Modernidade – a partir de Bruno Latour, em “Jamais fomos modernos”, apresentando igualmente o pensamento levinasiano sobre a Alteridade como ruptura. Esse texto orbita em torno da visão desse autor sobre Modernidade, flertando igualmente com a discussão de Walter Mignolo, sobre colonialidade.

<sup>3</sup> Lévinas em *Totalidade e Infinito* (1977, p.70), citado por Estevam (2008, p.175).

O grande desafio não está somente em fazer ruir a Ontologia, o que não é bem assim. Ou, pensar novos métodos educacionais, repensar a sala de aula, o professor, os alunos, as escolas, as universidades. O grande desafio desse novo século é a própria sobrevivência da espécie humana, ameaçada pelos falseamentos enraizados, que fazem crescer assustadoramente um consumo e uso desenfreado dos recursos naturais, das invenções tecnológicas, da ciência e do Outro. Educadores bradam essa ameaça há décadas e por todos os lados. Mas, quem ouvirá? Aqui não cabem respostas, mas, uma pergunta que se soma a outros questionamentos.

## ROSTO E ALTERIDADE

Diante de tudo, perguntar-se pelo Rosto é jogar-se às profundezas de uma reflexão absolutamente necessária. Um caminho não pode ser iniciado irrefletidamente, pois nenhuma boa intenção resiste às intempéries produzidas pela turbulência da vida. O caminhar deve trazer continuamente a oscilação entre subjetivação e objetivação<sup>4</sup>. Assim, o que dá a partida a essa aventura filosófica é a promessa, já enternecida de uma luz no fim do túnel.

O Rosto é o princípio, a palavra de honra, a origem. É a palavra anterior à linguagem. Ele não traz consigo uma ameaça, mas é uma apresentação, de si por si, parafraseando Lévinas, em *Totalidade e infinito* (2008). O rosto é um convite, é um desafio ao poder de poder. Ele desafia o Mesmo a uma ação ética: “não matarás”. Ele introduz uma ordem, uma “Responsabilidade pelo outro, o “para o outro” “des-interessado” da santidade” (2014, p.29). Como apresenta Estevam: “Ora, para Lévinas, é exatamente pelo des-inter-esse e pela responsabilidade pelo outro que o eu se afirma, já que é pela reação ética como reconhecimento da alteridade que o eu se torna humano.” (2008, p.175)

Notadamente uma relação diferente do Eu-Tu, onde o primeiro tem a precedência, mas a relação Mesmo-Outro, há uma dissimetria. Essa alteridade não está relacionada a uma qualidade, ou característica de distinção entre esses dois elementos, pois, segundo Lévinas, “uma distinção dessa natureza implicaria entre nós uma comunidade de gênero, que anula já

---

<sup>4</sup> Bachelard, em “Idealismo discursivo” (Rio de Janeiro: Contraponto, 2008).

alteridade” (2008, p.188). O que não seria o caso, já que ela implica uma exterioridade e uma impossibilidade, um outro que é “infinidamente outro e pela sua grandeza supera o eu” (LÉVINAS, 2014, p.9).

Mas a alteridade não é uma ofensa, já que é uma solicitação. O Rosto questiona a consciência, desordena, causa desconforto. O faz porque ninguém pode responder em meu lugar. Desta forma, “O Outro provoca este movimento ético na consciência, que desordena a boa consciência do Mesmo consigo próprio” (LÉVINAS, 2012, p.53). E,

De fato, trata-se de afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou re-posição do eu soberano na consciência de si, deposição que é precisamente a sua responsabilidade por outrem. (...) Tal é a minha identidade inalienável de sujeito. (ESTEVAM, 2008, p.175)

## CINEMA E ALTERIDADE

Onde o cinema se relaciona com toda essa discussão? Onde entraria o cinema dentro de uma estratégia educacional? Há alguns anos apresentei a preocupação do uso do cinema no ensino de sociologia<sup>5</sup>. Àquele momento vinha discutindo o cinema como estratégia para a sensibilização à alteridade<sup>6</sup>. Esta, entendida como diferença. Não tinha contato com Emmanuel Lévinas até então e não havia uma preocupação em pensar sobre essa alteridade.

Para a discussão sobre o cinema, apropriei-me de Edgar Morin, especificamente do capítulo cinco de *O Cinema ou o Homem Imaginário*, em que ele fala sobre o que chama de projeção-identificação. Em resumo, a projeção tem três estados: automórfico, antropomórfico e desdobramento. Atribuo a alguém algo que me é próprio, atribuo às coisas inanimadas e aos seres vivos características humanas e, o último estágio, o desdobramento, é uma fase puramente imaginária. Na identificação, ao invés de projetar a si mesmo sobre o outro, este é absorvido.

---

<sup>5</sup> O assunto foi meu tema de dissertação de mestrado na UFRN, defendida em fevereiro de 2012, com o título “Diálogos com o homem imaginário: pensando o uso do cinema no ensino de Sociologia”.

<sup>6</sup> É um ponto apresentado nas Orientações Curriculares Nacionais (2006), mas de uma forma pontual.

O que acontece é que “o estado subjetivo e a coisa mágica são dois momentos da projeção-identificação. Um é o momento nascente, fluido, vaporoso, “inefável”. “O outro é o momento em que a identificação é tomada à letra, substancializada” (1970, p. 107). Esse estado mágico é semelhante à visão que a criança tem do mundo, da forma como imagina. Ou seja: traz-se para o mundo o que seria, em tese, ficção. Ainda:

A magia não só corresponde a uma visão pré-objetiva do mundo, como também a um estado pré-subjetivo do fluxo de afetividade, a uma inundação subjetiva. O estado da alma, a expressão afetiva, vem suceder-se ao estado mágico. (id. p.109).

A ideia trazida naquele contexto era de que o uso do cinema no ensino seria essencial em se tratando de educar a sensibilidade, de desenvolver a afetividade e a empatia, e, trabalhar a alteridade. Mas o pensamento levinasiano apresenta uma proposta de alteridade que questiona essa ideia trazida nessa antiga discussão<sup>7</sup>. Entretanto, sua ideia de Alteridade deixa bem clara a ruptura com o discurso da cultura narcísica, o que é, finalmente, a intenção destas reflexões. Não seria o desconforto já um princípio?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CAMINHO DE UMA “INVERSÃO PARADIGMÁTICA”**

É nessa tensão entre Ontologia e Ética, que, acredito, o cinema toca, em conjunto com uma reflexão e o debate. O movimento de aproximar e distanciar. Não ficar só na horizontalidade (ontologia) ou só na verticalidade (ética metafísica), mas o pensamento levinasiano “consiste na proposta de uma nova compreensão da própria filosofia, a ser construída sobre o alicerce da alteridade como princípio ético.” (ESTEVAM, 2008, p.175)

Há uma frase emblemática de Gaston Bachelard em “Idealismo discursivo” (2008): “é preciso refletir num ritmo oscilatório de objetivação e subjetivação. É preciso pensar e

---

<sup>7</sup> Sobre isso, ver SENNA, Alecrides JRCB. **Diálogos com o homem imaginário: pensando o uso do cinema no ensino de sociologia**. IN: Composição / Revista de Ciências Sociais – UFMS, v. 10, ano 6, Junho (p. 16-34)

ver a si próprio pensando”. É preciso achar e perder-se da objetividade. Pensar exige movimento, esforço, ação.

O cinema seria um caminho para mobilizar o pensamento. Digo caminho porque em nenhuma sala de aula, em nenhum estudante, em nenhum professor, o movimento será o mesmo. O filme pode ser, mas o movimento nunca. O caminho é um só para cada situação de reflexão. Isso não inviabiliza uma proposta metodológica para o uso do cinema em sala de aula. Lembrando a citação que Edgar Morin faz de uma poesia, e que se torna um pensamento chave: o método é estratégia. Não um roteiro, mas uma estratégia.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston (2008). Idealismo discursivo. IN: **Estudos**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.

LÉVINAS, Emmanuel. (2014). **Violência do rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola.

LÉVINAS, Emmanuel. (2012). **Humanismo do outro homem**. 4ed. Tradução de Pergentino S. Pivatto *et al.* Rio de Janeiro: Vozes.

LÉVINAS, Emmanuel. (2008). **Totalidade e infinito**. 3ed. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70 (Biblioteca de Filosofia Contemporânea; 5).

MORIN, Edgar. (1970) **O Cinema ou o Homem Imaginário: ensaios de antropologia**. Lisboa: Moraes Editora.

SENNA, Alecrides J.R.C.B. (2012). **Diálogos com o homem imaginário: pensando o uso do cinema no ensino de sociologia**. IN: Composição / Revista de Ciências Sociais – UFMS, v. 10, ano 6, Junho (p. 16-34)

## FACEBOOK E ROLEZINHOS<sup>8</sup>: ALTERIDADE E VISIBILIDADE

Alexsandro Galeno Araújo Dantas  
Professor Doutor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte (DCS/UFRN).  
E-mail: [alexgaleno@terra.com.br](mailto:alexgaleno@terra.com.br)

### RESUMO

O protagonismo das Redes Sociais da Internet e dos dispositivos móveis na mobilização cultural e política de jovens explicita a necessidade de reflexão e pesquisa sobre tal fenômeno, considerando seu caráter de inovação de convívio social e tecnológico. Daremos destaques às formas de alteridades entre jovens na rede social *Facebook* a partir das manifestações políticas ocorridas pelos chamados *Rolezinhos*, no Brasil em 2013. Espera-se que esta investigação possa produzir conhecimento que ajude a refletir sobre essas novas formas de convívio e alteridades entre sujeito e tecnologia.

**Palavras chave:** Redes sociais. Alteridade. Resistência.

### RESUMEN

El protagonismo de las Redes Sociales de la Internet y de los dispositivos móviles en la movilización cultural y política de jóvenes explicita la necesidad de reflexión y investigación sobre tal fenómeno, considerando su carácter de innovación de convívio social y tecnológico. Daremos destaques a las formas de alteridades entre jóvenes en la red social *Facebook* a partir de las manifestaciones políticas ocurridas por los llamados *Rolezinhos*, en Brasil en el año 2013. Esperamos que esta investigación pueda producir conocimiento que ayude a reflejar sobre esas nuevas formas de convívio y alteridades entre sujeto y tecnología.

**Palabras clave:** Redes sociales. Alteridad. Resistencia.

---

<sup>8</sup> Movimento de jovens da periferia de SP, destacadamente, ocorrido em 2013. Convocados pela internet tinham como ponto de encontro principal os Shopping-Centers. O jornal *The New York Times* os definiu como *little scrolls*.

## I. ALTERICÍDEOS

Tem sido comum pensar a ideia de alteridade como aquilo que separa o Eu do Outro ou como aqueles que se reconhecem na separação. Tal assertiva é herdeira do conhecimento ocidental fundado na ideia de que a separabilidade constitui o princípio de compreensão de elementos do real. Os fenômenos ao serem analisados nessa lógica precisam ser decompostos. Noutros termos, analisar significa recortar ou fragmentar.

Desnecessário afirmar que, desde Platão e Aristóteles, o exercício da razão e ou tudo aquilo que se denomina de racionalidade ocidental assenta-se sobre tal modelo. Um real que institui entidades portadoras de essências fechadas em si mesmas. “Desta forma, a separação constitui a modalidade operatória fundamental da cultura ocidental: conhecer passa a ser separar os elementos.” (QUESSADA, 2013, p.10)

Tais elementos passam a ser percebidos como portadores de dualidades: essência e aparência, o dentro e o fora, a parte e o todo, o homem e os objetos ou, ainda, a natureza e a cultura. Somos concebidos, portanto, como filhos da dialética negativa advinda dessas dualidades.

Noutra direção, Dominique Quessada observa que é necessário ultrapassarmos as dualidades a partir da assunção de um pensamento pós-dialético. E para que isso ocorra, devemos nos exercitar como altericidas, o que significa pensar e existir sem o outro. O autor relembra que não se trata de abolir o diferente ou o estranho, mas assumir o outro e o mundo das coisas como inseparáveis. Ora, se concebemos desta maneira, o outro deixa de existir como fora e passa a atuar como um próximo e em atividade de complementaridade.

Quessada sublinha que o altericídeo generalizado, que participamos e/ou assistimos, queiramos ou não, liga-se a “um sistema de discurso mundializado ou a um império de discurso: o da comunicação”. (QUESSADA, 2013, p.10)

A integração biopolítica sobre a qual repousa a eficácia desse império- sem Outro, já que fundado sobre a consumação de si- indistingue essencialmente a política, o econômico, o social e o cultural. Ela faz do Outro uma função tocada pela obsolescência ontológica, na qual a

economia espera tornar-se a própria ontologia. Desta maneira, o Ser pode se expressar sem ter de recorrer ao Outro. (QUESSADA, 2007, p.55)

Trata-se, portanto, de uma crise sem precedentes do paradigma da separabilidade. Achamos que a Internet radicaliza tal crise, na medida em que inaugura sociabilidades não mais baseadas em princípios identitários molares tradicionais (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Agora nos juntamos pela conexão e interação de fluxos, geradoras de comunidades diversas. Tais comunidades, embora diversas, apresentam modulações contraditórias. Ao mesmo tempo em que parecem ser criadas para não fixarem pertencimentos, elas também se fecham em si mesma. O Facebook é um exemplo de tais modulações, pois posso criar e ou pertencer a várias: desde uma lista de amigos, uma Rede de apoiadores para uma campanha eleitoral, uma lista de pais de alunos ou de familiares, etc.

Se concordarmos com Michel Serres (2013), vivemos época de polegarzinhas. Época de cabeças fora do pescoço e postas às mãos dos cibersujeitos contemporâneos. Como Ulisses cibernéticos navegamos mares com máquinas e existências liquefeitas. Falamos e amamos avatares como duplos de experiências. Cutucamos perfis de amigos, curtimos fotos, postagens e formamos associações como esferas (SLOTERDIJK, 2003) diádicas, isto é, pares de indivíduos conectados e, ao mesmo tempo, singularizados em seus ambientes virtuais.

Somos fusões de corpos com máquinas inteligentes, pois falamos e amamos as Samanthas (ELA) e conversamos com as Siris<sup>9</sup> (Apple®) e as recomendamos como legítimas outras de afetos. Fazemos sexo, consultamos o tempo e as horas e, também, nos encantamos pelas vozes e humanidade dos sistemas. Impossível ficarmos sozinhos! Temos o mundo na ponta dos dedos e pela simulação dos sentidos, destacadamente pela visão e pela audição. Muitas vezes o que vemos são fantasias de rostos, configurando rostidades (DELEUZE; GUATTARI, 1996) vazias, tais como a produção de *selfies* que presenciamos na atualidade. Os próprios dispositivos técnicos são programáveis para nossos rostos.

---

<sup>9</sup> Samantha, protagonista do filme Ela (*Her*, em inglês), lançado nos Estados Unidos em 2013, assim como Siri (propriedade da Apple®), é um aplicativo no estilo assistente pessoal, que interage com o usuário por meio de sua voz.

## II. ADIAFORIZAÇÕES

A perda do olhar em perspectiva pode nos conduzir a uma perda da proximidade e da responsabilidade moral com o outro. Isso denomino de adiaforização.

Aquelas ações isentas de avaliação ética, portanto, sem responsabilizações *a priori* sobre o espaço do outro. Ou como define Bauman (2014), aquelas ações que são divorciadas de quaisquer considerações de caráter moral. A adiaforização, portanto, torna a vida insignificante.

Como ilustração, gostaria de citar alguns exemplos:

1. O uso de drones nas guerras ou para entrega de produtos: Amazon® já faz uso também disso em cerimônias de casamentos e de aniversários, etc.
2. Vigilância por Banco de dados do corpo (biométricos, DNA, etc), do comportamento de consumo a partir do registro dos *cookies*, comportamento social e político (fronteiras e aeroportos). Sujeito como banco de dados- mercado digital. O indivíduo só tem valor moral no mercado digital, quando consome e quando revela seus dados. Do contrário, estarão fadados a seres *Goriot* ou *Chabert*.<sup>10</sup> Insignificantes!

## III- INDOOR FACES – FACEBOOK®

Outra consequência dessa mudança paradigmática relaciona-se com questões do espaço. Na cibervida, os espaços tradicionais dos átomos já não têm mais lugar. Neste mundo de espumas (SLOTTERDIJK, 2006) ou líquido (BAUMAN, 2001), nos parece que a questão ontológica fundamental já não é se perguntar quem somos, mas onde estamos.

---

<sup>10</sup> Referimos-nos aos personagens dos romances *O Pai Goriot* e *O Coronel Chabert* de *A Comédia Humana* de Honoré de Balzac.

Basta observarmos o comportamento de usuários com seus *Smartphones* absortos em seus minimundos informacionais! Achamos que tal comportamento limita um olhar em perspectiva, além disso, há uma perda das lateralidades.

Desta forma, o Outro que me interessa tem que caber na palma da minha mão. Tais questões da espacialidade não dizem respeito somente aos geógrafos e cartógrafos, mas aos fenomenólogos ou filósofos do espaço.

Na era pós-media-livro, outra Comédia se inaugura. Trata-se de um tipo de comunicação feita a partir das conexões entre pessoas e novos dispositivos. Somos da opinião de que a nova Comédia se faz a partir da ideia de conexão, que é imprescindível para se comunicar de maneira interativa. Relembramos que a palavra conexão advém do latim *connectare* (atar junto ou atar um ao outro). A junção do prefixo COM (junto) mais NECTERE resulta em ligar e atar e da raiz deste surgiu NEXO. Assim, conectar é comunicar (*comunicare* – estar em comunhão).

Essa nova comédia feita pela conexão de novos suportes e canais mediáticos redimensionam o lugar da escrita e o do sujeito. Basta que citeamos a proliferação de *blogs* e *posts* nas *timelines* do Facebook e Twitter. Em uma simples mensagem de Twitter®, podemos nos linkar a imagens, sons e a outras mensagens escritas. Pelo fluxo contínuo e pela lógica interativa, presenciamos a supremacia de um único sujeito que enuncia, mas desta vez, ele vem acompanhado por uma multidão de outros sujeitos que são seus seguidores. Portanto, é impossível o exercício de uma alteridade na qual o outro seja desconectado. Isto é, esteja separado, isolado em sua ágora online. Mesmo que muitos se sintam no apogeu de sua condição de soberano narciso, é impossível não se atar ou não se ligar ao outro. Isso não significa que terão um compromisso, a priori, de estarem em comunhão de ideias e/ou de pertencimentos. Ao conectar, nos soldamos inexoravelmente ao mundo das coisas e dos homens. Nada somos sem elas e sem eles! Vinculamo-nos mesmo que, por vezes, a partir de uma condição de estranhos. Estranhos, mas não separados. Uma alteridade que expressa de maneira radical o atar entre eles. Uma espécie de alteridade radical na qual “O Eu é um Outro” (RIMBAUD, 1991, p. 34). Portanto, atado, ligado e conectado.

Se costumeiramente nos questionamos sobre o tempo, afirmamos que as questões epistemológicas mais pertinentes, na atualidade, dizem respeito à questão de uma filosofia do espaço e às novas formas de sociabilidades.

O que se evidencia são conexões estabelecidas por habitantes de um *miniworld*. Não seriam o Facebook® e, mais recentemente o Whatsapp®, espaços miniaturizados da existência? E os dispositivos portáteis não seriam suas arquiteturas móveis ou arquiteturas cibervitorianas?

O que nos faz lembrar Robert Musil (2006) quando explicita que o homem em seu espaço vive o paradoxo do confinamento e, ao mesmo tempo, da necessidade de conexão e visibilidade. Habita, simultaneamente, numa moradia de ‘paredes móveis’ e numa moradia de ‘confinamento clínico’, como nas arquiteturas referidas pelo personagem Ulrich.

Sloterdijk (2006) sugere que a radicalização de tal confinamento seria o apartamento. Uma espécie de célula arquitetônica que explicita a topologia egóica do individualismo moderno. Imunologia espacial que se intensifica na ciberconvivialidade do Facebook®, destacadamente. Um habitar *indoor* e, ao mesmo tempo, *outdoor*, já que parece impossível definir o limite espacial da moradia quando utilizamos essas plataformas de comunicação.

#### IV. OUTDOOR FACES - ROLEZINHOS.

Se é verdade que com o advento da comunicação virtual os rostos muitas vezes se tornam invisíveis ou se metamorfoseiam a cada dia pela obsessão da edição de perfis nas redes sociais da Internet, por outro lado, podemos vê-los em espaços físicos ou na cena pública. Deixam suas arquiteturas *indoor* para habitarem outras arquiteturas *outdoor*. Hoje assistimos ao espetáculo de atores que se unem *Facebook to Facebook* e, também, face-a-face e vão para as ruas.

Diria que são massas cênicas que encontram um novo modo de expressar suas resistências políticas partindo da conexão telemática. Bem distantes dos Luditas, que sabotavam o trabalho quebrando máquinas, durante a Revolução Industrial na Inglaterra, assistimos hoje aos revoltados do Rolezinho, que enfrentam os capitalistas, mas sem

apresentar pautas de reivindicações. São movidos pela potência de um nada de vontade – não confundir com uma vontade de nada. Uma espécie de metafísica política que perturba a racionalidade do capital e os conservadores de esquerda e de direita, tributários da explicação lógica e racional.

Como classificá-los? Não são *Black Blocs* porque não portam máscaras e são mais diversos em vestimentas e comportamentos. E têm como local central de encontro e manifestação os *Shoppings Centers*, os Palácios de Cristal do consumo, ou ainda, templos contemporâneos e assépticos da euforia da compra e de visibilidade.

Os Rolezinhos são da geração Polegarzinha. Usam a internet e fazem de seus celulares próteses de sociabilidade e de formação de comunidades para lutarem pelo nada de vontade.

Como meninos e meninas de classe média, também fazem *Flash mobs* dentro dos templos de consumo, para logo se dispersarem.

Também diferem das típicas manifestações do MPL (Movimento do Passe Livre), pois parecem representantes da periferia econômica que ascenderam e que advogam um lugar ao sol no mundo do consumo. Querem ser vistos e reconhecidos.

Certamente, os governos de Lula e de Dilma são responsáveis, em parte, pelos Rolezinhos, pois são pobres que desejam ir às compras. E vão. Não necessariamente para comprar, mas para serem notados coletivamente. Uma espécie de matilha consumérica. São *homo consumericus* ou consumidores emocionais fiéis àquelas marcas portadoras de status (LIPOVETSKY, 2007). Se são consumidores, então por que assustam os capitalistas e as elites? Simples. Para as elites, os Rolezinhos podem dispor de recursos para consumirem roupas da Nike® ou smartphones da Apple®, ao mesmo tempo em que carregam com eles o estigma da pobreza. Não os aceitam como iguais. E assim, os tratam não como consumidores e cidadãos, mas como *homo sacer* (AGAMBEN, 2010) advindos da periferia urbana.

Sujeitos sem qualidades e, portanto, descartáveis socialmente. Um exemplo típico é o tratamento que dão ao ex-presidente Lula. Um retirante nordestino que organizou

trabalhadores e os representou na presidência, mas, como aos Rolezinhos, as elites econômicas, políticas e culturais destilam ódio de classe contra ele.

Desejaria que as manifestações dos Rolezinhos se traduzissem em resistências concretas contra alguns monopólios capitalistas da comunicação: Tim®, Claro®, Oi®, Vivo®.<sup>11</sup> Cito esses porque estão diretamente ligados ao mundo da telefonia e, portanto, aos seus objetos ou ferramentas de mobilização: celulares.

Para Alex Honneth (2009), quando não se observa ou quando não se garante o reconhecimento subjetivo e social de indivíduos e grupos, a sociedade irá se deparar com tensões sociais. As manifestações sociais ocorridas no Brasil em 2013 e que tiveram como eixo a mobilidade urbana, assim como as manifestações dos chamados *Rolezinhos* são partes ilustrativas dessa formulação.

A luta por reconhecimento, portanto, é uma arena de conflitos e tensões que podem resultar em novas configurações políticas e em novas formas de organização social. Noutros termos, pode resultar em mudanças significativas na sociedade. Evidentemente que dependerá da capacidade de mediação dos grupos envolvidos e, também, de um órgão mediador como o Estado para que tensões não redundem em violências. Por isso é que, numa democracia, os conflitos podem resultar em ganhos de reconhecimentos, sobretudo, para grupos sociais que reivindicam direitos legais e simbólicos de serem vistos. Retomando Sloterdijk:

na cidade e somente nela pode comprovar-se o que significa que uma figura aposte em não permanecer oculta e se coloque no centro do visível e do notório. Desde que há cidades, aparição significa: exposição, apresentação, revelação permanente. Como afirma Heidegger: a construção de cidades é um modo de desocultamento. (SLOTERDIJK, 2004, p. 236)

## V. ÁLTER-ÁGORAS

### 1. Redes sociais cooperativas – Dádiva e dom

---

<sup>11</sup> Empresas privadas de Telefonia que atuam no Brasil.

Na multidão das Redes há aqueles que se associam e compartilham iniciativas civilizadoras e solidárias. Agem a partir de uma ética do Dom (SOARES, 2015). Trocam conhecimentos e, claro, são remunerados e reconhecidos por isso. Podemos citar iniciativas de *hackers* que expressam ações dadas como antídotos aos *crackers*, sobretudo, em relação à prevenção dos bancos de dados de empresas e burocracias estatais.

Podemos destacar as iniciativas de Julian Assange, do *Wikileaks* e Edward Snowden, ex-representante da CIA, que quebraram sistemas de informação de alguns países e divulgaram na rede. Recentemente, tivemos a ação do ICIJ (*International Consortium of Investigative Journalists*) conjuntamente com o jornal *Le Monde*, que divulgou a lista de contas correntes na Suíça de vários clientes do banco HSBC®. Escândalo denominado pela mídia como *Swissleaks*.

Se por um lado a internet é potência incluyente, por outro, também é tribunal de julgamentos do Outro. Linchamentos de trajetórias a partir de postagens que destilam ódios. Como apregoa o rebelde artista Tom Zé (2014), não escapamos ao Tribunal do Feicebuqui. Neste sentido, os ciberaltericideos abundam civilizatoriamente.

Mesmo que reconheçamos a necessidade de defesa da livre expressão na Rede, achamos que ela não pode ser um território sem regime de regulamentação jurídica e política. Neste sentido, o Brasil tem assumido o protagonismo mundial com a aprovação do Marco Civil da Internet pelo Congresso Nacional, sancionado pelo Governo Brasileiro.

Portanto, deus não está morto nem podemos empunhar revólveres e atirmos a esmo nos mares cibernéticos. Quem é o outro que nos afeta? Que relações devemos estabelecer com o mundo dos objetos? Que afetos seremos capazes de experimentar? Que política de civilização as redes sociais da internet são capazes de construir? Que tipos de alteridades na atualidade?

As manifestações que tomaram conta das ruas do Brasil em 2013 e das infovias têm características particulares e expressam resistências. Jovens que vivem na era fluida encontraram na interatividade telemática o exercício da combustão rebelde. Como

polegarzinhas com seus *touchscreens*, dedilham seus *smartphones* e disparam rebeldias por Whatsapp®, Twitter® e Facebook®.

Reivindicaram visibilidade e reconhecimento. É como se dissessem: “não podem ser vistos apenas os BBBs e outras celebridades mediáticas e políticas. Queremos lugares ao sol e fama política”. Definitivamente, a juventude polegarzinha pautou as autoridades e os media.

As manifestações de jovens, sem dúvida, inauguram uma ciberdemocracia na qual espaços íntimos, privados e públicos configuram uma nova espacialidade política. Sem necessitar do comando de secretários gerais, mobilizam-se horizontalmente em seus territórios de pertencimentos virtuais, produzem visualidades e conquistam reconhecimentos na sociedade. São massas cênicas. Basta que nos lembremos da capacidade superlativa de geração de imagens que os jovens do *Black Blocs* têm produzido: causam atração aos mais jovens e, claro, também repulsa as elites políticas conservadores, que os classificam de baderneiros mascarados.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. O poder soberano e vida nua I. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira Moral**. A perda da sensibilidade na Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. 3v.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de Hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

QUESSADA, Dominique. **L'inseperé**. Essai sur un monde sans autre. Paris: Presses Universitaires, 2013.

QUESSADA, Dominique. **Court traité d'altéricide**. Paris: Gallimard, 2007.

RIMBAUD, Arthur. **Correspondência de Rimbaud**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I. Bolhas. Microsferologia**. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II. Globos. Macrosferologia**. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas III. Espumas**. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.

SOARES, Ana Eliza Trajano. **Dádiva e Internet: os artífices dos tutoriais de software livre**. Mestrado em Ciências Sociais, 105f, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

ZÉ, Tom. **Vira a Lata na Via Láctea**. CD. São Paulo, 2014.

## MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E TECNOLOGIA: UMA PROPOSTA DE ARQUITETURA FLUTUANTE PARA A COMUNIDADE PESQUEIRA DA CIDADE DE LARANJEIRAS/SE

Ana Lúcia Pinto do Nascimento Alvaro  
Universidade Federal de Sergipe – Brasil. Graduada em Arquitetura e Urbanismo  
Email: [analuciapn@yahoo.com.br](mailto:analuciapn@yahoo.com.br)

José Glackson Santos Júnior  
Universidade Federal de Sergipe – Brasil. Graduando em Arquitetura e Urbanismo  
Email: [glacksonjunior@gmail.com](mailto:glacksonjunior@gmail.com)

### RESUMO

A cidade de Laranjeiras/SE possui uma comunidade pesqueira cuja Colônia de Pescadores compõe-se de 1030 integrantes. Localizada na Bacia Hidrográfica do Rio Sergipe, a cidade é banhada pelo Rio Cotinguiba onde em sua margem existem hoje 21 habitações em condições precárias utilizadas pelos trabalhadores da pesca. Com a intenção de recompor a mata ciliar e proporcionar ao pescador um espaço de trabalho onde possa ter melhores condições higiênicas, sanitárias e um descanso agradável, propomos a substituição desses barracos por habitações flutuantes. A arquitetura flutuante é hoje uma alternativa às formas usuais de construção muito utilizada por populações ribeirinhas. Aliada ao conceito mais amplo de arquitetura sustentável, tais habitações podem promover a modificação do modo como nos relacionamos com a natureza, pois causa menor impacto ambiental e exige sistemas que não afetem o ambiente ao redor. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar um projeto arquitetônico que alie simplicidade e consciência ecológica com o uso de tecnologias sustentáveis como *Wetland* construído, de reuso e de aproveitamento de água da chuva, para deste modo diminuir o impacto ambiental e modificar a relação homem e natureza.

**Palavras chave:** Arquitetura sustentável. Habitações flutuantes. *Wetland* construído.

### RESUMEN

La ciudad de Laranjeiras/SE tiene una comunidad de pescadores cuya Colonia de Pescadores consta de 1.030 miembros. Situado en la Cuenca Hidrográfica del Río Sergipe, la ciudad está bañada por el río Cotinguiba donde sus márgenes en la actualidad hay 21 casas en condiciones precarias usadas por los trabajadores de la pesca. Con la intención de restaurar la vegetación de ribera y dar al pescador un espacio de trabajo donde se puede obtener una mejor higiene, mejores condiciones sanitarias y un descanso placentero, nos proponemos sustituir estas chozas por casas flotantes. La arquitectura flotante es ahora una alternativa a las formas usuales de construcción ampliamente utilizadas por las comunidades costeras. Junto con el concepto más amplio de la arquitectura sostenible, este tipo de viviendas pueden promover cambios en la forma en que nos relacionamos con la naturaleza, ya que causa un menor impacto ambiental y requiere sistemas que no afectan al medio ambiente circundante. Este trabajo tiene como objetivo presentar un diseño arquitectónico que combina la simplicidad y la conciencia ecológica con el uso de tecnologías sostenibles como "wetland" construido, reutilización y aprovechamiento de aguas pluviales, para reducir así el impacto ambiental y modificar la relación hombre-naturaleza.

**Palabras clave:** Arquitectura sostenible. Casas flotantes. Wetland construido.

## 1. INTRODUÇÃO

Aliados ao conceito de Arquitetura Sustentável, nossa intenção neste artigo se desdobra em dois pontos: promover a discussão do modo como o homem se relaciona com a natureza e nas formas de redução do impacto ambiental, a partir de uma proposta arquitetônica de habitação flutuante que alie simplicidade e consciência ecológica com o uso de tecnologias sustentáveis. As reflexões aqui expostas são resultado de um trabalho acadêmico apresentado na Disciplina Planejamento II, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, no qual foi elaborado um projeto acadêmico de uma Arquitetura Flutuante voltada para a comunidade pesqueira de Laranjeiras/SE.

O município de Laranjeiras, localizado na bacia hidrográfica do Rio Sergipe, a cerca de 20 km da capital sergipana, é banhado pelo Rio Cotinguiba e tem a pesca como importante instrumento para a economia da população autônoma. Por esta razão, desde 1934, foi instalada na cidade a Colônia de Pescadores Z-14 que atualmente conta com cerca de 1.030 integrantes,<sup>12</sup> abrangendo pescadores de municípios vizinhos como Itabaiana, Areia Branca, Riachuelo e Maruim.

Os pescadores residentes na cidade de Laranjeiras desenvolvem suas atividades no Rio Cotinguiba<sup>13</sup> de segunda a sexta, sempre em grupos familiares com, no máximo, três pessoas. Eles saem da cidade com caixas de isopor com capacidade de 25 kg contendo gelo para a conserva do pescado e somente retornam quando alcançam o limite máximo de armazenamento. Durante sua permanência, eles ocupam vinte e um barracos situados a cerca de 10 km da cidade, numa faixa de 113 m da margem, onde costumam passar a noite. Essas habitações individuais são construídas pelos pescadores com madeira retirada do mangue.

---

<sup>12</sup> Segundo o chefe da Colônia, José Carlos dos Santos, popularmente conhecido como “Sobó”, e atual secretário municipal da pesca e igualdade racial de Laranjeiras, os pescadores da cidade são oriundos dos povoados Bom Jesus, Pedra Branca, Divina Pastora, Mussuca, Cedro e Quintalé.

<sup>13</sup> O Rio Cotinguiba é um importante afluente do Rio Sergipe que banha a capital sergipana. Nele são encontrados peixes (curimã, robalo, carapeba, tainha e bagre amarelo) e mariscos que são a base da economia da comunidade pesqueira.



Figura 1: Visão geral da ocupação dos barracos na margem do rio. Fonte: Arquivo da disciplina, 2013



Figura 2: Relação homem versus natureza. Fonte: Arquivo da disciplina, 2013

Culturalmente, durante a atividade pesqueira, a iluminação é proveniente de candeeiro com o intuito de sinalizar a localização da rede de pesca no rio. Atualmente, alguns pescadores tem substituído o uso do candeeiro por lâmpadas ligadas ao motor do barco. Seus barracos possuem a finalidade de serem utilizados estritamente para descanso e não para lazer, dessa forma não fazem uso de energia elétrica de modo a evitar dar a eles função de residência. O local não dispõe de água potável, fazendo com que os pescadores se desloquem, aproximadamente, 1 km para a sua obtenção na cacimba existente no leito do rio. O esgotamento sanitário é inexistente, sendo os dejetos lançados diretamente no rio ou na mata.

## 2. MÉTODO

A partir da temática proposta, iniciamos a pesquisa sobre edificações flutuantes a fim de compreendermos sua lógica construtiva e adequá-la à nossa realidade. Para tal, tomamos como referenciais arquitetônicos as casas flutuantes construídas para ribeirinhos na cidade de Manaus, no estado do Amazonas e a escola flutuante na cidade de Makoko, na Nigéria.

Com o intuito de conhecermos a dinâmica da comunidade pesqueira, foi realizada uma entrevista informal com “Sobó”, chefe da colônia de pescadores, e uma visita aos barracos na margem do rio para conhecermos a forma como os pescadores se relacionam com o meio ambiente e o impacto gerado no mesmo. Diante do levantamento realizado, iniciamos as pesquisas de tecnologias sustentáveis alternativas que fossem de fácil obtenção,

construção e manutenção, pois nossa intenção era que os pescadores fossem agentes ativos na implantação dos sistemas.

### 3. DISCUSSÃO E RESULTADO

#### 3.1 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA

A investigação do tema permitiu uma melhor definição da finalidade que pretendíamos alcançar com a proposta arquitetônica de substituição dos barracos. A situação atual destas instalações aponta para a necessidade de modificação das práticas de ocupação da margem do Rio Cotinguiba, de modo que seus efeitos passem a causar menos impacto ao meio ao mesmo tempo em que promova condições adequadas para a atividade da pesca e descanso dos pescadores.

De fato, tal orientação se enquadra num âmbito maior, o qual envolve atualmente a urgência da tomada de consciência do homem em relação aos modos como se relaciona com o meio natural e como modifica o meio construído. Para o filósofo Hans Jonas (2006, citado por Souza, 2010, p. 51-56), se impõe hoje o imperativo de adoção de novas posturas que estabeleçam um equilíbrio ético entre homem e natureza, de modo assegurar a sobrevivência de ambos frente aos problemas atuais de destruição e esgotamento do meio e recursos naturais. Estaríamos vivendo, portanto, sob a exigência da instauração de uma ética da responsabilidade que substitua os parâmetros éticos atuais.

Preocupações como essas estão em sintonia com a noção de Arquitetura Sustentável, tema que tem ganhado destaque desde o fim da década de 80. Apesar de não haver concordância sobre a definição do seu significado, de modo geral seu entendimento engloba questões em torno da escolha e modo de utilização dos materiais, do uso de tecnologias sustentáveis que gerem um meio arquitetônico passivo frente ao consumo energético e da adoção de uma atitude responsável frente à sociedade. Tendências que hoje se desdobram no que costumamos chamar de projeto sustentável, construção sustentável, edifício verde, edifício inteligente, etc., cujos pontos de partida seriam se valer da natureza como fator de orientação das soluções projetuais. Na verdade, utilizar as condicionantes naturais do sítio

para direcionar a criação do projeto arquitetônico é uma atitude considerada primordial na área, principalmente após avanço dos estudos da Arquitetura Bioclimática.

Sendo assim, defendemos que o compromisso com o cuidado no uso dos materiais, ao se buscar aqueles que possam corresponder a fontes não só renováveis e também reutilizáveis, para que menos recursos sejam consumidos e seja utilizada menos energia para construir deva ser o norte a ser seguido pelo profissional de Arquitetura. Além disso, com a adoção de sistemas passivos de energia, no qual a ventilação e a iluminação naturais possam ser utilizadas ao máximo, ou ainda aqueles que se beneficiem de formas renováveis de energia, podem incrementar sustentabilidade ao projeto arquitetônico.

Nesse sentido, nossa conceituação da temática parte da ideia base de oferecer uma alternativa de interação saudável entre a comunidade pesqueira atuante e o meio natural. O objetivo é buscar uma forma de ocupação saudável que gere menos impacto ambiental e que se mantenha, essencialmente, a partir de sistemas sustentáveis, seja pelo uso de material renovável e/ou reutilizável, pelo aproveitamento de eventos naturais, como a captação da água da chuva, ou pela utilização de tecnologias baseadas na ação da natureza.

O estabelecimento do conceito é de suma importância para o projeto arquitetônico, uma vez que este é o resultado da interpretação das diretrizes conceituais que dão clareza e objetividade àquilo que se pretende dentro de um tema específico. Dessa maneira, tendo em vista todas as implicações envolvidas na proposta da disciplina, estabelecemos um tripé conceitual formado pela função da habitação, pelos materiais utilizados e pela tecnologia adotada. Assim, foram definidas as seguintes prerrogativas conceituais para a edificação: a) Função de abrigo adequado para o produto da pesca e de descanso para o pescador; b) Preferência dos materiais que pudessem ser encontrados na região e; c) Adoção de sistemas sustentáveis para diminuir o impacto ambiental da habitação em seu entorno. A partir dessas premissas foi possível elaborar as estratégias projetuais que moldaram a proposta arquitetônica.

### 3.2 ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

O ponto de partida para a prática projetual teve como base elementos de fácil manutenção, que aliada à simplicidade permitem que a comunidade pesqueira atue ativamente na execução da proposta arquitetônica. Atualmente, os pescadores tem sido os responsáveis pela confecção de seus instrumentos de trabalho, desde sua rede de pesca a seu barco,<sup>14</sup> assim como de seus barracos na margem do rio. Isto demonstra capacidade construtiva, uma vez que utilizam da madeira oriunda do mangue para a construção de suas habitações temporárias.

Assim, as estratégias adotadas neste trabalho podem ser subdivididas em construtivas e tecnológicas. As estratégias construtivas foram desenvolvidas se utilizando madeiras de eucalipto de reflorestamento e de pequi, bambu, compensado naval e tambores de plástico de 200L comumente utilizados para armazenagem de água. A estrutura rígida da habitação é composta por toras de eucalipto, com diâmetro de 26 cm, que funcionam como pilares, que chamaremos neste trabalho de esteios, responsáveis por suportar as cargas do telhado. Esses esteios são utilizados também como elemento estrutural na confecção dos módulos habitacionais que serão apresentadas ao longo deste trabalho.

Convencionalmente, na construção habitacional é empregada a madeira de peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron*) e pinho-do-paraná (*Araucaria angustifolia*), porém com a exaustão destas culturas, o uso de madeiras de pinus (*Pinus spp.*) e eucalipto (*Eucalyptus spp.*) oriundas de reflorestamento, passaram a suprir o mercado. Em nossa proposta, o telhado da edificação é composto por dois tipos de madeira de eucalipto, que varia de acordo com a sua função estrutural. Nas tesouras, vigas e terças, utilizamos a espécie *Eucalyptus citriodora*, em substituição à peroba-rosa, pois é “adequada ao uso em peças estruturais pelas suas características de resistência mecânica, durabilidade natural e menor tendência ao rachamento”. (ZENID, 2009, p. 63). Nos caibros e tábuas, utilizamos a espécie *Eucalyptus grandis*, substituindo à pinho-do-paraná, pois segundo Zenid (2009, p. 64) é “uma madeira considerada com moderada durabilidade aos fungos apodrecedores e cupins”. Com o intuito de aumentar a durabilidade do telhado, substituímos as ripas por tábuas de madeira, dispostas sem espaçamento. Sobre elas estão fixadas as telhas de cavaco, reduzindo consideravelmente o peso da estrutura se comparado com o uso de telhas cerâmicas.

---

<sup>14</sup> Segundo Sobó, os barcos são construídos com 1,20 m de largura por 6,00 m de comprimento. A madeira utilizada para a sua confecção é trazida do estado do Amapá, do tipo pequi (*Caryocar brasiliense*) ou louro (*Ocotea spp.*).

O fechamento da edificação foi um dos pontos relevantes desta proposta, já que necessitávamos de um elemento de vedação relativamente leve que facilitasse a navegabilidade da habitação flutuante.

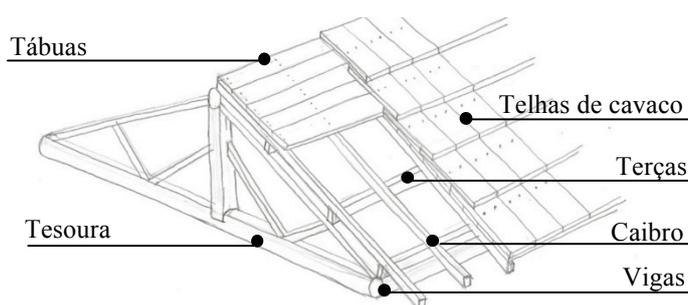
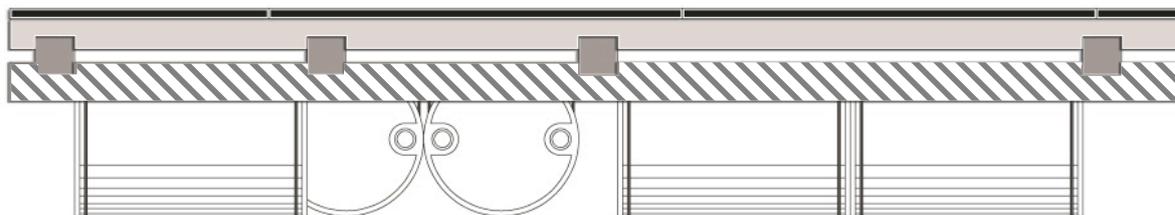


Figura 3: Estrutura do telhado.

Sendo a estrutura portante, ou seja, não é preciso que haja paredes de alvenaria estrutural para suportar o peso do telhado, optamos por substituir a alvenaria convencional pelo bambu. Segundo Filho (2003, p. 3), “a forma circular do bambu e sua seção oca tornam o material mais leve, de fácil transporte e armazenagem, permitindo rápidas construções de estruturas temporárias e permanentes”. Utilizamos o bambu partido ao meio, em seu diâmetro, a fim de evitar possível acúmulo de insetos em seu interior, fixados perpendicularmente sobre pequenas ripas. Estas, por sua vez, estão cravadas perpendicularmente nos esteios. Por estarem presos na base flutuante, os esteios estão passíveis de contato com a água e precisam ser tratados com resina epóxi adequada para peças estruturais a fim de prolongar sua vida útil.

A base da plataforma flutuante é composta por três camadas sobrepostas de peças de madeira pequi (*Caryocar brasiliense*), também tratadas com a resina, que se encaixam e são responsáveis pelo suporte da habitação, assim como pela fixação dos tambores que permitem a flutuação da edificação. Esses tambores de plástico, utilizados comumente para o armazenamento de água, tem sido reutilizados com frequência para soluções alternativas de construções flutuantes. Em nossa proposta, utilizamos tambores vazios com capacidade de armazenamento de 200 L que estão fixados nas toras de madeira da segunda camada e presos com corda e arame de aço galvanizado, comumente utilizado na confecção de cercas. Por sua vez, os esteios estruturais da edificação estão fixos nas toras que formam a primeira camada, sobre as quais estão fixadas as placas de compensado naval tratadas com resina epóxi que formam o piso da base flutuante e recebem a construção.



LEGENDA:

-  Placas de compensado naval (1600 x 2200 x 10 mm)
-  1ª camada – responsável pela fixação dos esteios
-  2ª camada – responsável pela fixação dos tambores
-  3ª camada – responsável por garantir a estabilidade dos tambores
-  Cordas de fixação dos tambores
-  Tambores plásticos dispostos em duas direções, ajustados à posição do madeiramento da 2ª camada

Figura 4: Esquema da base flutuante.

A cidade de Laranjeiras, segundo Bomfim (2002, p.4), “apresenta tipo climático Megatérmico Seco e Sub-Úmido, com temperatura média anual de 25,2 °C, precipitação média no ano de 1.279,3 mm, e intervalo mais chuvoso entre março a agosto”. Associando os aspectos físicos locais aos parâmetros que caracterizam a Arquitetura Sustentável, percebemos a necessidade de estratégias tecnológicas simples e de baixo custo, de rápida construção e fácil manutenção que se adequassem à estrutura flutuante e possibilitassem a participação ativa da comunidade, tais como: reaproveitamento da água da chuva, reuso de águas cinzas do chuveiro e lavatório e *Wetland* construído.

A captação da água pluvial foi adotada para o uso em descargas no sanitário. O sistema funciona por meio calhas que através de tubos de pvc direcionam a água para um reservatório inferior preso na base flutuante. Este reservatório é na realidade uma minicisterna, com capacidade máxima de armazenamento de 150 L, confeccionada a partir da adaptação de um dos tambores utilizados para a flutuação da base. O sistema de captação artesanal é composto por três estágios: filtro autolimpante, separador de águas e minicisterna.

O filtro é o responsável pelo descarte das sujeiras mais grossas (penas de pássaros, fezes de animais, etc.), por sua vez, o separador, como bem evidencia seu nome, tem como função “separar e descartar as primeiras águas de chuvas fortes que fazem a lavagem da atmosfera, do telhado, calhas e tubulações” (SEMPRE SUSTENTÁVEL, 2013a). Este segundo estágio

é subdividido em três etapas: a) reservatório temporário onde ocorre o descarte da primeira água de chuva ou de chuvas fracas; b) saída para descarte através de um pequeno furo na ponta do separador e; c) o separador responsável pelo desvio da água de chuva forte para a minicisterna. Finalmente, no terceiro estágio, para evitar a contaminação da água a partir da proliferação de microorganismos, é utilizada na minicisterna um clorador com cloro de origem orgânica comumente utilizado em piscinas. Caso a quantidade de água pluvial supere a capacidade de armazenamento, o sistema conta com um extravasor que direciona este excesso para o rio.

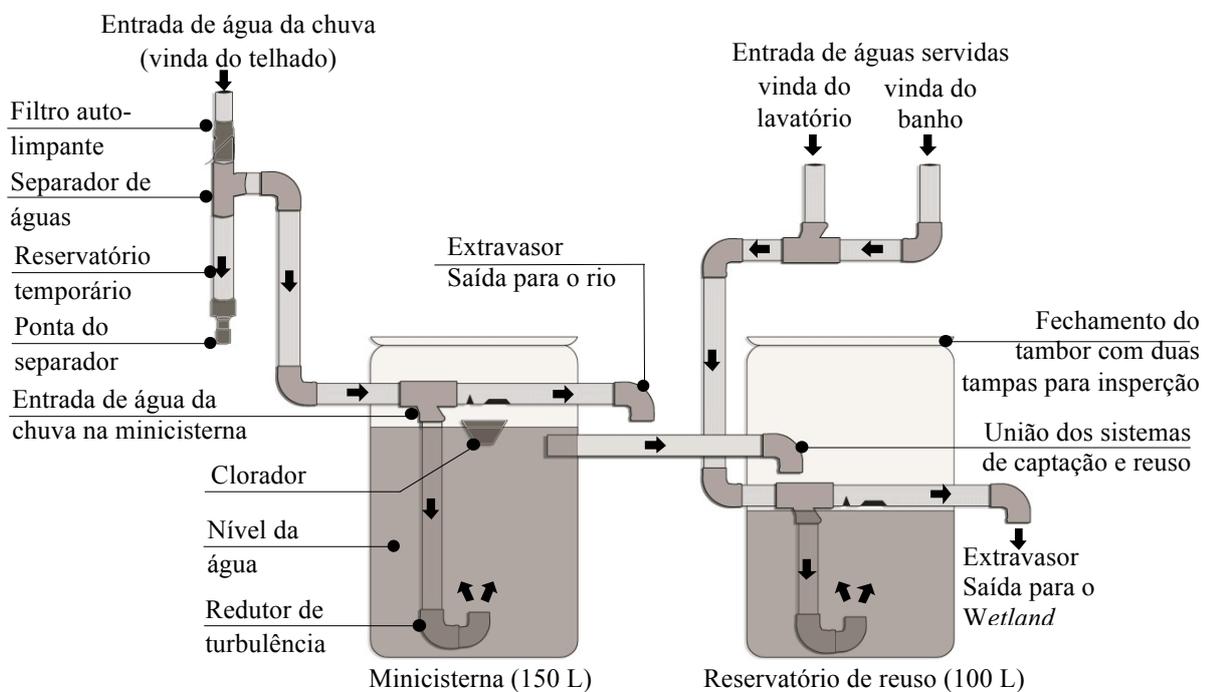


Figura 5: Sistema de captação de chuva e ligação dos tambores de captação e reuso de água.

Por conta da irregularidade de chuvas na cidade, optamos por unir os sistemas de captação de água pluvial e reuso de águas cinzas no reservatório de reuso. Este reservatório com capacidade máxima de 100 L receberá as águas provenientes da minicisterna, do banho e do lavatório, assim o volume acumulado será utilizado na descarga do sanitário, através de uma bomba manual construída com materiais de fácil aquisição que pode ser acionada sempre que necessário.

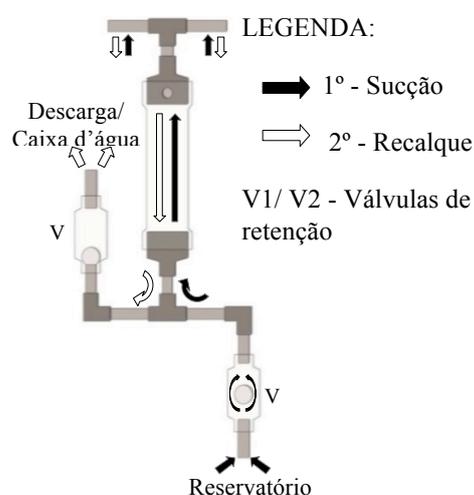


Figura 6: Reprodução do sistema de bomba manual. Fonte: Sempre sustentável (2013b) adaptado pelos autores.

Nas condições atuais, os dejetos dos pescadores, durante sua permanência nos barracos, são lançados diretamente no meio ambiente, seja no Rio Cotinguiba ou na mata, sem nenhuma forma de tratamento.

A destinação do esgoto doméstico na habitação flutuante exigiu grande atenção, uma vez que necessitávamos de um sistema de baixo custo que nos fornecesse água tratada em condições de ser despejada diretamente no rio, reduzindo assim o impacto ambiental se adequando ao clima da região. Para tal, adotamos o Sistema *Wetland* Construído (SWC) que, segundo Denny (1997, p.78, citado por Pereira, 2011, p. 70), “se destaca por sua capacidade em remover carga poluidora, manter a conservação dos ecossistemas terrestres e aquáticos, [...] além de conservar a biodiversidade”.

A tecnologia de tratamento *Wetland* aplicada [...] se baseia no processo natural que ocorre em regiões de pântanos, charcos e brejos, e é ancorado na biomimética, que corresponde a imitação da vida, um campo da ciência em que se apóiam pesquisas a partir do estudo das estruturas biológicas e suas funções, para utilizá-lo nas diversas áreas do conhecimento em busca do aperfeiçoamento e de soluções da engenharia (PEREIRA, p.73).

De acordo com as especificações previstas na NBR 7229/93, dimensionamos o volume total de tanque do SWC para limpeza do lodo a cada cinco anos, adequando-o ao sistema de fluxo sub-superficial na proporção 2:1 (comprimento: largura), com declive de 2 % para garantir o fluxo do esgoto, construído em fibra de vidro e impermeabilizado. As águas no SWC são mantidas com fluxo horizontal e são tratadas ao passarem pelo substrato composto por pedras que contém as raízes das macrófitas emergentes. A escolha desta cultura, de acordo com Pereira (2001, p.75), favorece o desenvolvimento da tecnologia na medida que o processo de fotossíntese com o aproveitamento de nutrientes presentes no esgoto permite ao sistema melhor eficiência. Salientamos que a manutenção do SWC necessita de monitoramento de técnicos especializados para acompanhar o tratamento e garantir o DESENVOLVIMENTO ADEQUADO DAS MACRÓFITAS.

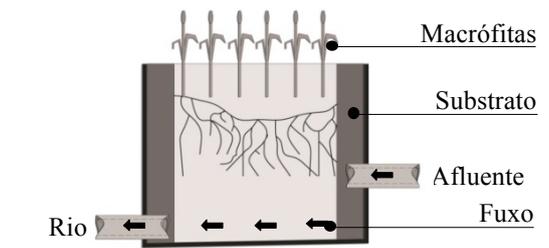


Figura 7: Fluxo sub-superficial no SWC. Fonte: Salati (n.d.) adaptado pelos autores.

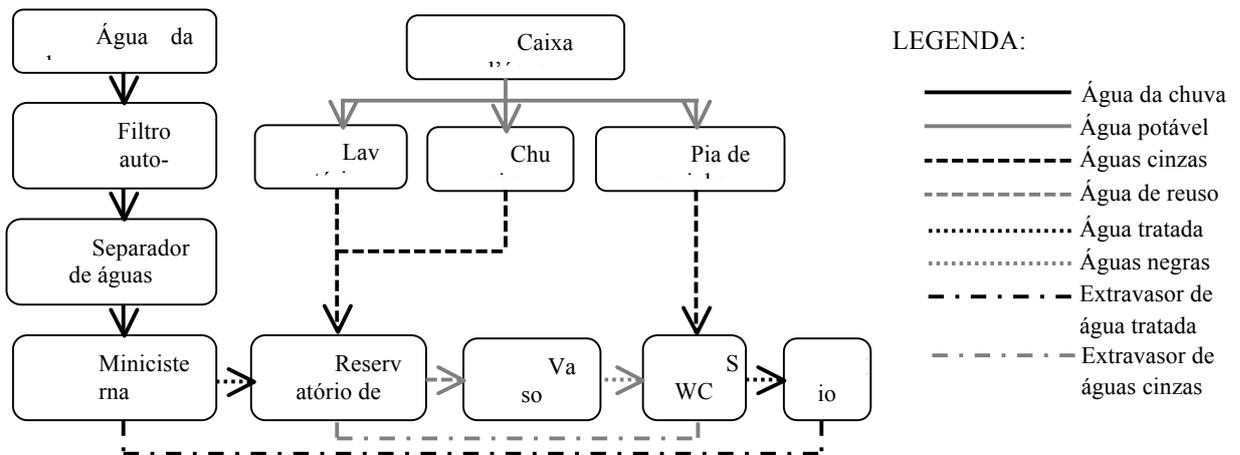


Figura 8: Esquema da distribuição de águas nos sistemas adotados. Todas as tubulações serão encamisadas, ou seja, receberão uma nova tubulação com diâmetro imediatamente superior para evitar possível vazamento em caso de danos.

### 3.3 SOLUÇÃO PROJETUAL

A partir de princípios fundamentais como o zoneamento de funções e visualização constante do rio, orientamos o arranjo das estratégias para a definição da solução projetual que deu forma ao projeto arquitetônico. Em suma, este se define numa Unidade Autônoma

(UA), na qual todas as estratégias projetuais são desenvolvidas. Ao adequá-la à atividade da pesca e como tal prática envolve no mínimo três pescadores, resolvemos dotar a UA com um beliche de três camas para compormos um sistema que utilizasse sete destas unidades. Nossa pretensão é enfatizar o caráter profissional das habitações e ao mesmo tempo incentivar a participação solidária entre os pescadores, de modo a os fortalecer enquanto comunidade. Tal atitude atua como reforço, uma vez que o sistema já impõe uma ação comunitária e participativa necessária para sua implantação, funcionamento e manutenção.

Assim, a reunião, ora de duas, ora de três UAs, cria um Módulo Básico (MB) e a interligação de três destes estabelecidas por meio de passarelas compõem o Sistema Completo (SC). Como cada UA é capaz de abrigar até três pescadores, o SC, que é composto de sete UAs, possui o número de habitações necessárias para substituir os vinte e um barracos individuais existentes. Todo este sistema flutuante no Rio Cotinguiba pode ser dividido em partes móveis – UAs, às quais conferimos navegabilidade, já que agregam maior complexidade e exigem maiores cuidados de manutenção –; e em partes fixas – as plataformas centrais (MBs) e passarelas –, estruturas mais simplificadas e destinadas a garantir estabilidade ao sistema flutuante e o acesso à margem do rio.

Dentro do sistema flutuante, é a UA que concentra todas as estratégias sustentáveis e, por constituir a habitação em si, é nela também que se materializa o tripé conceitual adotado. Assim, em resposta à premissa da função, estabelecemos que a habitação flutuante dispusesse de um programa de necessidades composto por áreas de descanso, serviço, higiene e depósito, que abrangeriam quarto, cozinha, banheiro e despensa para guardar os materiais e o produto da pesca. A exiguidade do programa então definido se adequa ao desejo dos pescadores de não se

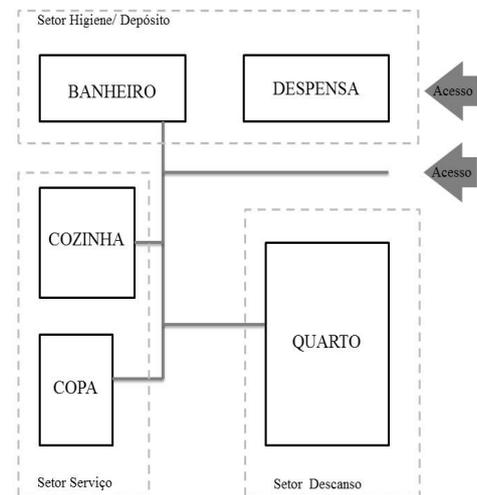


Figura 9: Funcionograma da Unidade Autônoma. Converter as habitações no rio em local de lazer e nem de residência familiar.

Desta maneira, as funções distribuídas em pouco mais de 22 m<sup>2</sup> têm o objetivo de abrigar três pessoas com condições mínimas de conforto e organizam-se em planta pela justaposição de duas formas retangulares.<sup>15</sup> Uma de nossas preocupações frente à organização da unidade era de que a funcionalidade do programa expressasse um zoneamento em planta racionalizado de acordo com as atividades a serem desenvolvidas no ambiente, tanto em termos de circulação quanto de higiene. Assim, localizamos as funções de descanso (quarto) e serviço (cozinha) dentro do mesmo espaço, onde situamos o acesso principal da habitação. O quarto foi resumido num espaço para o beliche, uma vez que a característica principal da unidade é de servir de abrigo à noite. A área da cozinha comporta, assim, uma bancada com pia e uso de fogão de acampamento com duas bocas, além de uma bancada para refeição para três bancos. Como a ideia era reduzir ao mínimo a necessidade de transportar mobília para as habitações, a estrutura da maioria dos móveis é a própria estrutura portante da unidade na qual se fixam as bancadas da pia e da despensa e os estrados que compõe a base do beliche. Já as funções de higiene (banheiro) e depósito (despensa) foram dispostas contiguamente com acessos próprios. O acesso privativo da despensa pelo lado de fora da habitação visa também garantir condições higiênicas que assegurassem tanto o melhor acondicionamento do pescado quanto reduzissem a proliferação dos odores característicos dos peixes dentro do local de descanso.

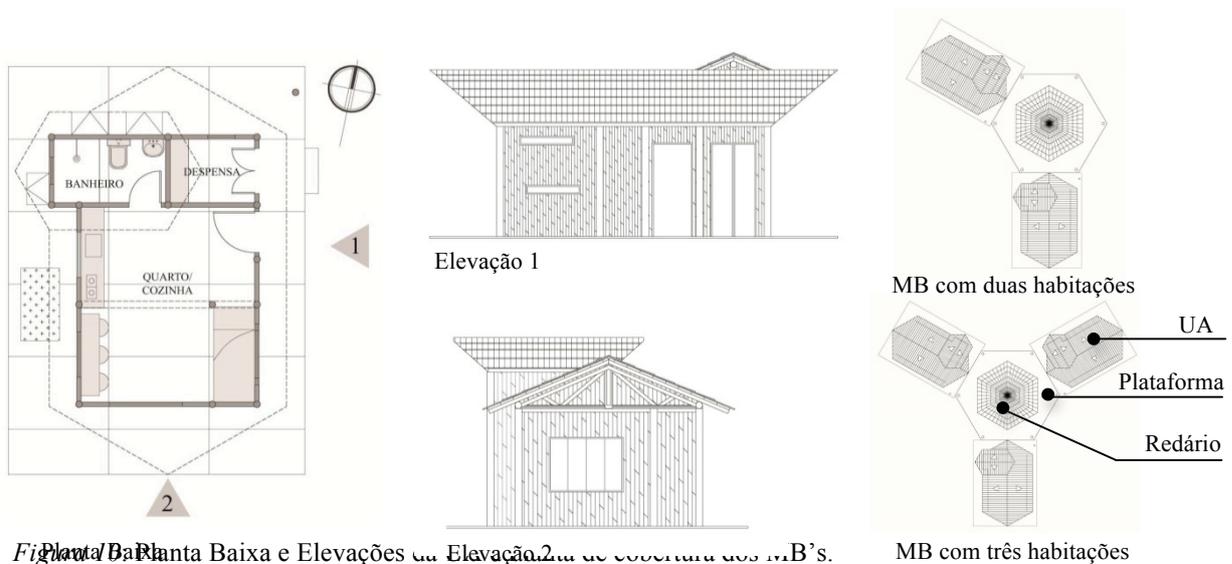


Fig. 10. Planta Baixa e Elevações da Elevação 2 da cobertura dos M.B's.

<sup>15</sup> A área total da Unidade Autônoma é de 22,35 m<sup>2</sup>, composta por Quarto/Cozinha de 16,33 m<sup>2</sup>, Banheiro de 3,43 m<sup>2</sup> e Despensa de 2,59 m<sup>2</sup>.

Para nós era fundamental fazer a natureza sempre presente no interior da habitação flutuante, a intenção era demarcar a coexistência dos meios e, ao permitir que os pescadores pudessem sempre ter em vista o rio e a vegetação de suas margens, tornar o ambiente mais agradável. Para isso, procuramos posicionar as aberturas em todas as paredes voltadas para o rio, essa estratégia também facilita a promoção de um conforto térmico maior, pois permite o uso de ventilação cruzada, sistema passivo de circulação do ar. Assim, as janelas, dispostas em paredes opostas, abrem como basculante, dando a possibilidade de serem mantidas abertas tanto em caso de incidência do sol, uma vez que evitam a entrada direta dos raios solares, quanto em caso de chuva, já que impedem que a água adentre no ambiente interno. Além disso, na cobertura os cavacos que compõe o telhado são pintados de branco para refletirem a luz solar, diminuindo a absorção de radiação e conseqüente aumento de temperatura no interior da unidade. Da mesma maneira, a escolha da madeira e do bambu para composição da estrutura e vedação da habitação foi devida às características destes materiais de absorverem menos calor e despendarem menor energia que os materiais convencionais de construção.

A adoção do sistema SWC para tratamento das águas cinzas e negras foi muito importante. Era preciso encontrar um meio que gerasse resíduos suficientemente tratados para serem despejados com segurança no rio. Assim, elaboramos uma solução projetual que utiliza tal tecnologia para tratar os resíduos domésticos, como último estágio de todo um sistema que inclui captação de águas pluviais e reuso de águas servidas.

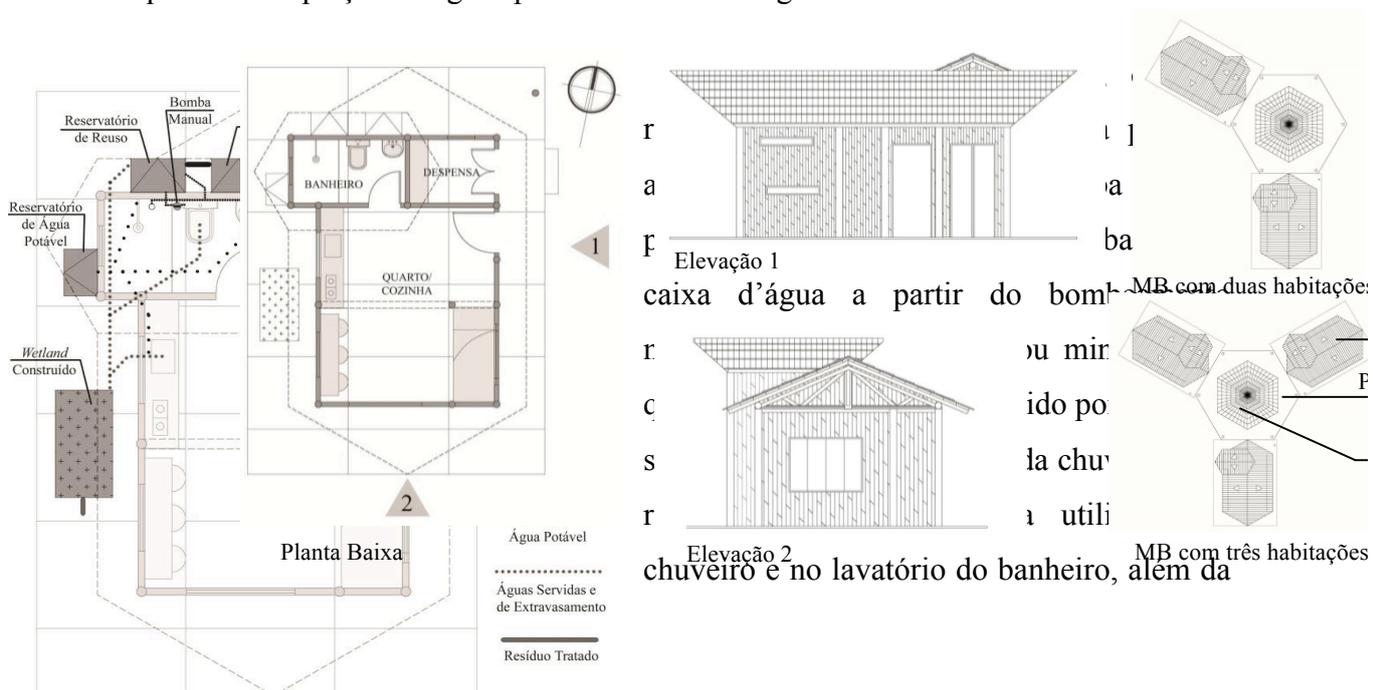


Figura 11: Esquema das tubulações por características da água.

água da chuva. Através destes reservatórios, o percurso da água utilizada na unidade cria um sistema de tratamento composto por dois blocos de uso que abastecem os pontos de água da cozinha e do banheiro, os quais direcionam seus efluentes para o SWC para a retirada das impurezas antes dos resíduos poderem ser despejados no rio.

Assim, enquanto as relações profissionais envolvem os hábitos desenvolvidos dentro do espaço da UA, as relações de convívio entre os pescadores foram propiciadas no Módulo Básico (MB). Estes promovem a interligação de, no mínimo, duas UAs por meio de uma plataforma com base hexagonal flutuante fixa cujos lados funcionam como atracadouros e em cujo centro dispomos um redário que serve como ponto de encontro e incentiva o contato entre os grupos de pescadores. Construída com quase todos os mesmos materiais e estratégia construtiva das UAs, a plataforma integra a parte fixa do sistema que compreende as estruturas que indicam a ocupação humana no Cotinguiba. Por se situarem muito próximas à margem, estas partes fixas sofrem a influência da variação do nível da água por causa da maré, alternando entre o nível mais baixo de 3m e o mais alto de 5m. Deste modo, nossa solução projetual foi garantir a imobilidade horizontal dessas estruturas e permitir um deslocamento vertical para acompanhar os constantes movimentos de maré com o uso de colunas pré-moldadas de concreto. Assim, as plataformas são “perfuradas” por colunas de 9 m em cada vértice do hexágono e no ponto central, elas se prolongam submersamente até o ponto de terem 3 m de seu comprimento aterrados. Devido ao componente que suporta os tambores de plástico, as plataformas flutuam, subindo e descendo de acordo com a maré.

A interligação dos MBs através de passarelas modulares (formadas por três placas de compensado naval protegidas por guarda-corpo de bambu e fixas a partir do mesmo mecanismo das plataformas centrais) e a utilização desta para o acesso à margem do rio compõem, por fim, o SC de habitação flutuante. É preciso vencer uma faixa alagada de cerca de 18m para ter acesso à área atualmente ocupada pelos barracos, situada num local com desnível de 5 m em relação ao fundo do rio imediatamente abaixo da construção flutuante. Para garantir que a estrutura deslocada pela maré tivesse uma ligação adequada com a

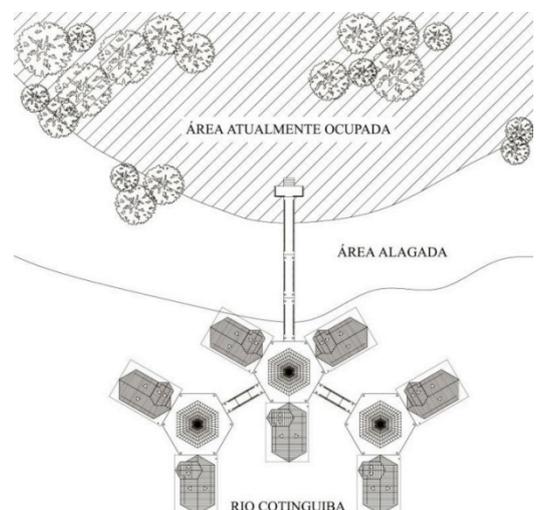


Figura 12: Sistema Completo (SC).

terra, estendemos uma plataforma (modulada com quatro placas de compensado naval) que não é flutuante, mas fixada à um píer que está a 0,70 m da terra, por apoios que lhe permitem uma articulação radial para acompanhar a flutuação do SC.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, no desafio de oferecer uma alternativa sustentável a partir de uma arquitetura flutuante para a atuação dos pescadores laranjeirenses nas margens do Rio Cotinguiba, buscamos uma proposta que estivesse condizente com os hábitos relacionados à pesca, mas que promovessem mudanças no modo como eles mantêm relações com a natureza, principalmente no que diz respeito ao estrago ambiental causado pela poluição e pelo desmatamento.

Por si só a arquitetura flutuante já diminui os impactos no meio, pois permite que as margens dos rios possam ser conservadas em seus aspectos naturais, mas por outro lado exige a responsabilidade em se utilizar estratégias adequadas que não contribuam para a contaminação das águas nas quais flutuam. Desse modo, para promovermos a harmonização do ambiente construído pelo homem com o ambiente natural, foi essencial a adequação de sistemas simples e passivos à proposta arquitetônica.

Por isso, procuramos sempre utilizar do potencial oferecido pela natureza como o eucalipto, o bambu, a chuva, a ação das macrófitas e os ventos predominantes. Buscando também conciliá-los com aquilo proveniente da produção humana que pode ser (re)utilizado com racionalidade e consciência, como as colunas de concreto e os tambores de plástico.

Nossa intenção era reunir as melhores qualidades de cada estratégia adotada, seja ela construtiva ou tecnológica, para que o projeto oferecesse aos seus usuários condições adequadas de trabalho e descanso. Mas que acima de tudo, lhes proporcionasse a oportunidade de repensar o modo como interagem com a natureza, pois agora a responsabilidade de cuidar do meio ambiente significa cuidar do bom funcionamento de sua própria habitação para que ela seja sempre um local confortável e apto e para se abrigar.

## 5. REFERÊNCIAS

BOMFIM, L. F. C., COSTA, I.V.G., & BENVENUTI, S.M.P. (2002). *Projeto Cadastro da Infra-Estrutura Hídrica do Nordeste: Estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Laranjeiras*. Aracaju: CPRM.

FILHO, O. M. F. (2003). Projeto de uma casa utilizando o bambu como principal material construtivo. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

FOSTER, N., KAPLICKY, J., ROGERS, R., YEANG, K., & HERZOG, T. Questionário Verde. In SYKES, A. K. (org.), *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009* (127-134). São Paulo: Cosac Naif.

McDONOUGH, W., BRAUNGART, M. (2001). Dos princípios às práticas: criando uma arquitetura sustentável para o século XXI. In SYKES, A. K. (org.), *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009* (165-171). São Paulo: Cosac Naif.

NBR 7229 (1993). Associação Brasileira de Normas Técnicas – Projeto, construção e operação de tanques sépticos.

NEVES, L.P. (1998). *Adoção do partido na arquitetura*. Salvador: EDUFBA.

PEREIRA, E. de P. P. (2011). O uso da unidade *wetland* no sistema de pós-tratamento de esgoto: um estudo de caso no semiárido nordestino. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Planejamento Energético – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SALATI, E. (n.d.). *Controle de Qualidade de Água Através de Sistemas de Wetlands Construídos*. FBDS – Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: RJ.

SOUZA, L.F. dos S. (2010). A responsabilidade como fruto do poder tecnológico: uma introdução ao pensamento de Hans Jonas. *Revista Estudos Filosóficos*. N. 4, São João Del Rey. Acesso em Novembro, 15, 2014, em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art3-rev4.pdf>.

VAN LENGEN, J. (2008). *Manual do Arquiteto Descalço*. São Paulo, SP: Empório do Livro.

ZENID, G. J. (coord.) (2009). *Madeira: uso sustentável na construção civil*. (2ª ed.) São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas: SVMA.

ARCHDAILY BRASIL. (2013). Escolas Flutuantes de Makoko / NLE Architects (J. Helm, trad). Acesso Março, 15, 2015, em <http://www.archdaily.com.br/106805/escola-flutuantes-de-makoko-nle-architects>.

CÂNDIDO, S. de O. (2012). Arquitetura Sustentável. É questão de bom senso. *Arquitextos*, Vitruvius. Acesso Agosto, 21, 2012, em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.147/4459>.

YACHT, G. D. Generalidades sobre o uso de resinas em barcos de madeira. (n.d.). Projetos de Veleiros. Acesso Março, 15, 2015, em [http://projetosdeveleiros.com.br/?page\\_id=43](http://projetosdeveleiros.com.br/?page_id=43).

SEMPRE SUSTENTÁVEL (2013a). Projeto experimental de aproveitamento de água da chuva com a tecnologia da minicisterna para residência urbana. Manual de construção e instalação. Versão 1.1 (jan 2012). Sempre Sustentável. Acesso Dezembro, 05, 2013, em <http://sempresustentavel.com.br/hidrica/minicisterna/minicisterna.htm>.

SEMPRE SUSTENTÁVEL (2013b). Bomba de água manual modelo puxa-empurra. Projeto experimental de baixo custo. Sempre Sustentável. Acesso Dezembro, 05, 2013, em <http://www.sempresustentavel.com.br/hidrica/bombasdeagua/bomba-de-agua-model1.htm>.

## **NATUREZA ATUAL E CULTURA PRÉ-HISTÓRICA NA SERRA DO RONCADOR – MT: NECESSIDADE DE INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO**

Fabiola Dalla Vechia  
Esp. Direito Ambiental  
Universidade Federal de Mato Grosso – Engenheira Florestal  
E-mail:

### **RESUMO**

Este trabalho visa ressaltar a criação de Espaço Territorial Especialmente Protegido (ETEP) como instrumento de proteção e/ou conservação do meio ambiente, conforme estabelece o artigo 225 da Constituição Federal de 1988. Tem a intenção, também, de localizar as categorias de ETEP na região do Vale do Araguaia e propor a criação de uma destas na Serra do Roncador, próximo ao distrito Vale dos Sonhos – MT. A área em questão possui atributos que, constitucionalmente, devem ser especialmente protegidos como sítios arqueológicos, cavernas, conservação da paisagem, recursos hídricos e outros. A utilização deste instrumento pode ser uma forma de assegurar a existência desses territórios e seus atributos, às presentes e futuras gerações, conforme o artigo da CF/88, mencionado. A metodologia para realização deste estudo consiste na pesquisa bibliográfica, com utilização do método dedutivo, partindo de uma abordagem mais ampla discorrendo sobre os ETEP, depois os delimitando, geograficamente, para a região do Vale do Araguaia e, por fim, apresenta-se uma proposta de criação de uma das categorias de ETEP, visando promover a proteção e conservação do patrimônio ambiental e cultural local, pertencente à sociedade como um todo.

**Palavras-chave:** Instrumento de Proteção. Direito Ambiental. Sítio arqueológico.

### **RESUMEN**

Este trabajo consiste resaltar la creación de los Espacios Territoriales Especialmente Protegidos (ETEP) como instrumento de protección y/o conservación del medio ambiente conforme establece el artículo 225 de la Constitución Federal de 1988. También tiene la intención de localizar a las categorías de ETEP la región de Araguaia Valley y proponer la creación de una de estas categorías a Sierra del Roncador, cerca del Vale dos Sonhos – MT. La zona en cuestión tiene atributos que, constitucionalmente, debe ser especialmente protegidos como sitios arqueológicos, cuevas, la conservación del paisaje, los recursos hídricos y otros. Este instrumento puede ser una manera de asegurarse de que estos territorios y sus atributos, las generaciones presentes y futuras, como el artículo de CF / 88, mencionaron. La metodología para la realización de este estudio fue a través de investigación bibliográfica con la utilización del método deductivo, partiendo de un abordaje más amplio discutiendo sobre los ETEP, después delimitándolos geográficamente para la región del Valle de Araguaia y finalmente presentando una propuesta para la creación de una categoría de ETEP, para promover la protección del patrimonio local que pertenece a la sociedad en su conjunto.

**Palabras clave:** Instrumento de Protección. Derecho Ambiental. Sitio Arqueológico.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo em questão consiste em abordar a importância que o Espaço Territorial Especialmente Protegido (ETEP) possui como instrumento de proteção e ou conservação do meio ambiente. Aponta que a utilização deste instrumento pode ser uma forma de assegurar o meio ambiente ecologicamente equilibrado às presentes e futuras gerações, conforme estabelece o artigo 225 da Constituição Federal de 1988.

Visa também localizar as categorias de ETEP na região do Vale do Araguaia e, demonstra a viabilidade da criação de uma destas categorias, através de elementos que, constitucionalmente, devem ser especialmente protegidos, como sítios arqueológicos, cavernas, recursos hídricos, áreas destinadas à conservação da paisagem e outros. A área proposta está localizada na Serra do Roncador, próximo ao distrito Vale dos Sonhos – MT, a 75 km de distância do município, a que pertence, Barra do Garças – MT.

A análise dos mapas de Áreas Protegidas de Mato Grosso elaborado pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente, em 2008 e, de Áreas prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade Brasileira são a base fundamental à consulta bibliográfica em relação à localização dos ETEP.

A metodologia para realização deste estudo consiste da pesquisa bibliográfica, com utilização do método dedutivo, partindo de uma abordagem mais ampla percorrendo sobre os ETEP, depois os delimitando geograficamente para a região do Vale do Araguaia e, por fim, a proposta de criação de uma das categorias de ETEP visando, especialmente, promover a proteção do patrimônio local e, que pertence à sociedade como um todo.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Mato Grosso, Estado localizado no centro-oeste do Brasil, possui extensão territorial de 906.069 km<sup>2</sup> (SEMA, 2015) e abriga parte de três biomas brasileiros, a floresta amazônica, o cerrado e o pantanal, sendo, assim, detentor de grande diversidade biológica.

O Estado possui as principais nascentes de três grandes regiões hidrográficas brasileiras: Amazônica, Paraguai e Tocantins-Araguaia com 132.23 km<sup>2</sup> (ARAÚJO, 2010, p. 15). Em Mato Grosso, a bacia Tocantins-Araguaia, é formada pelo rio Araguaia e corresponde a 14,3% da região hidrográfica. O rio Araguaia corta todo o Vale do Araguaia, região compreendida entre os estados de Goiás e Mato Grosso.

A região do Vale do Araguaia, limite geográfico deste estudo, é definida como "microrregião do Estado, pertencente à mesorregião nordeste, localizado no Médio Araguaia, Baixo Rios das Mortes e Baixo Araguaia" (ARAÚJO, 2010, p. 22). Consiste em uma área rebaixada que se estende desde a foz do rio Garças, no município de Barra do Garças, até o extremo nordeste do estado.

Historicamente, a bacia do rio Araguaia é considerada importante no cenário nacional, devido a "Expedição Roncador-Xingu". Esta Expedição, organizada pela Fundação Brasil Central, nos anos 40 do século XX, representa o primeiro esforço brasileiro em conhecer o interior do Brasil.

Do ponto de vista biótico, a região é caracterizada pelo bioma Cerrado e sua heterogeneidade de ambientes. As diferentes fisionomias vegetais encontram-se "distribuída em formações florestais, savânicas e campestres" (RIBEIRO & WALTER, 1998) e suas subdivisões. Tal característica proporciona rica biodiversidade e, distintas e exóticas paisagens.

Essas paisagens e belezas naturais, também destacam a região nacionalmente. A Serra do Roncador consiste no exemplo mais recente, pois está sendo palco para reportagens que divulgam, não só a beleza natural, mas, principalmente, o misticismo, mitos e lendas que permeiam o local.

Esta Serra é um divisor de águas, pois está localizada entre os rios das Mortes e Araguaia, a leste, e o rio Xingu e Kuluene, a oeste. Possui grande importância pela

contribuição hídrica e pela função de corredor ecológico, pois é um planalto de grande continuidade.

Essa continuidade ou grande extensão, também consiste do itinerário percorrido pelo homem pré-histórico que, deixa seu vestígio em cavernas e paredões da Serra (DOLZAN, 2006). Provas denunciam a riqueza do patrimônio arqueológico da região do Vale do Araguaia, onde inscrições, gravuras e pinturas são encontradas nos paredões de rocha, cavernas e abrigos. O acervo arqueológico existente é representado por gravuras rupestres, cerâmicas, indústria lítica e pinturas rupestres.

Muitas cavernas, abrigos e rochas na região, apresentam gravuras, pinturas e marcas de pés de todos os tamanhos, falos e vulvas, evidenciando a presença do homem pré-histórico na área, por varias épocas. (DOLZAM, 2006, p. 84)

Muitos desses sítios não são conhecidos ou, indiscriminadamente,

são visitados ou conhecidos. Porém outros o são apenas dos moradores das propriedades onde os mesmos se localizam, como os indígenas, os antigos faiscaidores / garimpeiros, os antigos caçadores profissionais e os madeireiros. (DOLZAM, 2006, p. 97)

Pode ser observado que o “centro oeste representa hoje, uma das grandes e inexploradas fronteiras da Arqueologia Brasileira”. (SCHMITZ, p. 57, 19970 apud DOLZAM, 2006, p. 97). Observa-se também há a necessidade de estudos etnoarqueológicos, “para que a região do Araguaia possa criar mecanismos de preservação, uma vez que o mito está levando agora, o homem moderno, a depredar esses locais.” (DOLZAM, 2006, p. 84).

Ou seja, a ação antrópica, nos últimos anos, principalmente, devido ao avanço da fronteira agrícola, da pecuária e concentração fundiária, vem atingindo a integridade do patrimônio arqueológico e ambiental da região. As fisionomias vegetais estão restritas a reduzidos fragmentos, devido às extensas áreas destinadas à agropecuária e áreas urbanizadas.

Esse contexto ameaça o patrimônio natural e cultural da região. O equilíbrio ecológico do meio ambiente no presente e futuro, também fere alguns direitos, principalmente, o artigo 225 da Constituição Federal do Brasil de 1988 (CF/88), que considera o ambiente um bem difuso, bem de uso comum do povo.

Nesse mesmo artigo da CF/88, também é imposto ao poder público, o dever de definir os espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos. E essas áreas podem ser criadas em âmbito municipal, estadual ou federal.

## 2.2 ESPAÇO TERRITORIAL ESPECIALMENTE PROTEGIDO (ETEP)

Espaço Territorial Especialmente Protegido (ETEP) caracteriza-se como instrumento que o Poder Público, e a sociedade, deve valer-se para garantir o meio ambiente ecologicamente equilibrado à coletividade. Possui “caráter constitucional e estão dispostos no artigo 225, § 1, III da Constituição Federal de 1988 (CF/ 88), como forma do Poder Público assegurar o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado” (MIRANDA, 2009), conforme:

Art. 225 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo essencial a sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e de preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

[...]

III - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua preservação.

Em relação a este artigo considera-se relevante ressaltar as consequências que se pode ser extraída, conforme apontadas por (IRIGARAY, 2013, p. 21):

- a) Cabe ao Poder Público em âmbito Federal, Estadual e Municipal o dever definir espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos.
- b) Estes espaços somente poderão ser alterados ou sofrer supressão através de Lei.
- c) O Poder Público tem o dever de impedir qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos inerentes a esses bens.

Nota-se a intensão de preservar o meio ambiente no dispositivo e, a fim de ampliar a concepção destes ETEP, a definição dada por Pereira; Scardua (2008) traz maior clareza. Assim, os ETEP são

aqueles espaços, públicos ou privados, criados pelo poder público e que conferem proteção especial ao meio ambiente, tomado este em sua acepção mais ampla, de modo a incluir o aspecto cultural do meio ambiente (PEREIRA; SCARDUA, 2008).

Os espaços territoriais e seus componentes a serem protegidos são classificados em diferentes categorias que, “abrangem inúmeras categorias de proteção legal e limitações administrativas” (MIRANDA, 2009, p. 44). De acordo com a revisão de Pereira; Scardua (2008) são categorias de ETEP:

a) unidades de Conservação; b) áreas destinadas às comunidades tradicionais; c) áreas tombadas; d) monumentos arqueológicos e pré-históricos; e) áreas especiais e locais de interesse turístico, destinados à prática do ecoturismo; f) corredores ecológicos; g) espaços protegidos constitucionalmente como patrimônio nacional, a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, a Zona Costeira e o Pantanal do Mato Grosso; h) áreas de proteção especial, destinadas à gestão ambiental urbana; i) jardins botânicos; j) jardins zoológicos hortos florestais; k) terras devolutas e arrecadadas, necessárias à proteção dos ecossistemas naturais; l) áreas de preservação permanente e as reservas legais, previstas no Código Florestal; m) megaespaços ambientais.

Pode haver certa confusão na consideração entre espaço territorial especialmente protegido e unidades de conservação. A classificação evidencia que, Unidades de Conservação (UC), estão contidas nos ETEP, dentre outras categorias.

Nem todo espaço territorial especialmente protegido se confunde com unidade de conservação, mas estas são também espaços especialmente protegidos. Não é fácil, porém, diante da legislação em vigor, dizer quando um espaço territorial especialmente protegido deve ser considerado unidade de conservação. O máximo que se pode dizer é que um espaço territorial se converte numa unidade de conservação, quando assim declarado expressamente, para lhe atribuir um regime jurídico mais restritivo e mais determinado (SILVA, 1994, p. 161).

As Unidades de Conservação são criadas pela Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Essa Lei cria diferentes categorias de proteção e conservação legal, aliadas às específicas limitações administrativas e diferentes forma de gestão. Algumas dessas categorias foram criadas na região do Vale do Araguaia, são compostas, principalmente, de terras indígenas, como pode ser observado, a seguir.

## 2.3 ESPAÇOS TERRITORIAIS ESPECIALMENTE PROTEGIDOS NO VALE DO ARAGUAIA

Através do Mapa de Áreas Protegidas (ETEP) de Mato Grosso, elaborado pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA) em 2008, se obteve as informações em relação ao ETEP. As cidades que compõem o Vale do Araguaia foram identificadas, neste documento, assim, como, as Áreas protegidas em seus territórios.

Dentre as categorias de ETEP há, em todo o Vale do Araguaia, Unidade de Conservação, Terra indígena, Área tombada e Monumento Arqueológico e pré-histórico. Há também as categorias de Reserva Legal (RL), Áreas de Preservação Permanente (APP), Zona de Amortecimento (ZA), que são tratadas, pelo código florestal, como planejamento da paisagem e, por inviabilidade técnica, estas categorias não estão quantificada no estudo.

### 2.3.1 Unidades de Conservação

#### 2.3.1.1 Unidades de Conservação Federal

a) Área de Preservação Ambiental Meandros do Araguaia – abrange os Estados de Goiás, Mato Grosso e Tocantins com uma área total de 357.126,00 ha, sendo em Mato Grosso 255.695,08 hectares composto pelo Bioma Cerrado.

b) Reserva Particular do Patrimônio Natural RAMA – localizada no município de Água Boa, com 400 hectares, ocupados pelo Bioma Cerrado.

#### 2.3.1.2 Unidades de Conservação Estadual

a) Parque Estadual do Araguaia – localizado no município de Novo Santo Antônio, com 223.169 hectares ocupados pelo Bioma Cerrado.

b) Parque Estadual da Serra Azul – localizado no município de Barra do Garças com 11.002,44 hectares ocupados pelo Bioma Cerrado.

d) Área de Preservação Ambiental Pé da Serra Azul – localizada no município de Barra do Garças com 7.780 hectares ocupados pelo Bioma Cerrado.

e) Refúgio de Vida Silvestre Corichão da Mata Azul – localizado nos municípios de Novo Santo Antônio e Cocalinho, com 40 mil hectares ocupados pelo Bioma Cerrado.

f) Refúgio de Vida Silvestre Quelônios do Araguaia – localizado no município de Cocalinho, com 60 mil hectares ocupado pelo Bioma Cerrado.

#### 2.3.1.3 Unidades de Conservação Municipal

a) Estação Ecológica Bacaba – localizada em Nova Xavantina, com 42 hectares ocupados pelo Bioma Cerrado.

### 2.3.2. Terras Indígenas Homologadas

- a) Terra indígena Areões, Areões I e Areões II com 179. 690,33, 25.187,77 e 15.735,43 hectares, localizados no município de Nova Nazaré, pertencentes à etnia Xavante.
- b) Terra indígena Cacique Fontoura da etnia Karajá, com 32.099,85 hectares, localizados em São Félix do Araguaia e Luciara.
- c) Terra indígena Karajá de Aruanã II pertencente à etnia Karajá, com 770,81 hectares, localizados no município de Cocalinho.
- d) Terra indígena Maraiuatsede da etnia Xavante, com 165.994,84 hectares, localizado nos municípios de São Felix do Araguaia, Alto Da Boa Vista e Bom Jesus do Araguaia.
- e) Terra indígena Parabubure da etnia Xavante, com 224.839,96 hectares, localizados nos municípios de Nova Xavantina, Água Boa e Campinápolis.
- f) Terra indígena Merure da etnia Bororo, com 83.606,11 hectares, localizados nos municípios de Barra do Garças e General Carneiro.
- g) Terra indígena Pimentel Barbosa pertencente à etnia Xavante, possui 328.453,68 hectares, localizados nos municípios de Ribeirão Cascalheira e Canarana.
- h) Terra indígena São Domingos Karajá da etnia Karajá, com 5.410,16 hectares, localizados no município de Luciara.
- i) Terra indígena São Marcos, etnia Xavante, possui 172.627,03 hectares, localizados no município de Barra do Garças.
- j) Terra indígena Tapirapé/Karaja, etnia Tapirapé e Karajá, possui 66.917,84 hectares, localizados em Santa Terezinha e Luciara.

### 2.3.3 Áreas Tombadas

Ao todo, segundo IPHAN, há oito tombamentos estaduais dentre as cidades que compõe a região do Vale do Araguaia, são eles:

a) Posto telegráfico de Voadeira - tombado em 2009 pelo Estado, localizado na cidade de Barra do Garças.

b) Casarões e Fachadas - Casa Irmã Vilas Boas - Fachada da casa do Senhor Venâncio, Casa do Coronel Vanique, Casa Teatro Municipal Heitor Vilas Boas, Capela Nossa Senhora Auxiliadora e Praça Dom Bosco. Todos localizados na cidade de Nova Xavantina e tombados pelo Estado no ano de 2011.

c) Painéis dos Murais da Libertação - tombados pelo estado no ano de 2004, localizados na cidade de São Felix do Araguaia.

### **2.3.4 Monumento Arqueológico e Pré-histórico**

De acordo com os dados do IPHAN, estão cadastrados os sítios arqueológicos assim denominados:

a) Arutana, Posto Diaruaum, Tuteceta, Mona, Roca do Posto, Aldeia Prepori, Tehukugl, Kuguhi, Netonug, Hatsikug, Wagihiti, Agahiti, Itafanusu, Anganga e antigo Cemitério Karajá - localizados no município de São Felix do Araguaia.

b) Peixinho, Monumento do Barra do Garças, São Marcos, Lagoa Mirara, Sítio do Simeão, Marrecão, Lagoa Azul e Barra do Garças - localizados no município de Barra do Garças.

c) Toca do Piro - localizado no município de Campinápolis.

d) São Domingos - localizado no município de Luciara.

### **2.3.5 Outros sítios no trabalho de DOLZAM, 2006**

O trabalho de mestrado da pesquisadora Nina Teresa de Oliveira Dolzam, realizado em Barra do Garças e adjacências, revela a existência de outros sítios arqueológicos não cadastrados no IPHAN. Considera-se esse item pertinente, pela importância de tornar esses espaços legalmente protegidos, pois estão sendo visitados indiscriminadamente. Estes sítios

estão localizados no perímetro da proposta de criação de uma categoria ETEP apresentada adiante.

Os sítios arqueológicos estão localizados principalmente nos abrigos Gruta da Estrela Azul, situada à margem da estrada, no topo da Serra Azul (ramificação da Serra do Roncador); Moreti, situado na propriedade de Sandro Moretti, no topo da Serra Azul, e, o abrigo da A.P.V., situado na propriedade da Instituição APV – Associação Pró Fundação Vespertina, no topo da serra azul, todos próximo ao Distrito de Vale dos Sonhos, Barra do Garças – MT. Nos abrigos, citados acima, contém:

I - Gravuras rupestres - encontradas no Abrigo Moreti, no Abrigo da A.P.V. (Associação Pós Vespertina), e no Abrigo estrela Azul.

- Abrigo Moreti

Possui gravuras de símbolos sexuais femininos, figuras geométricas, “calendários”, pés de animais e humanos, sendo algumas gravuras pintadas de vermelho e resinadas. O sítio arqueológico Moreti situa-se a 140 Km no distrito de Vale dos Sonhos, município de Barra do Garças, no topo da Serra do Roncador. Formado por um abrigo com três divisões, apresentado pelo pesquisador Wilson Ferreira de Oliveira, no programa “O globo Repórter”. A área continua intacta visitada por pesquisadores e curiosos somente com a permissão e guia da propriedade. É uma bela área de cerrado com acesso a água potável (córrego com lajedos, onde se encontram enormes oficinas líticas, piscinas naturais) e abundante caça. (DOLZAM, 2006, p. 86)

- Abrigo A.P.V.

É um grande sítio com poucas pinturas, já que a rocha que era suporte caiu e as soterrou, ficando apenas um paredão composto por gravuras e pinturas rupestres. São geométricas, de cor ocre, já desbotadas pelas intempéries do tempo. Pelos desmoronamentos que apresenta, sugere ter sido outrora um grande abrigo. As rochas em seu interior apresentam vestígios de uma oficina lítica. O sítio está dentro da propriedade de uma instituição de caráter filosófico (DOLZAM, 2006, p. 87)

- Abrigo Estrela Azul

É um pequeno abrigo, onde o homem poderia apenas abrigar-se das chuvas e do frio durante a noite. Contem gravuras geométricas de incisão. Possui o mesmo tipo de sinais dos demais abrigos sobre a Serra do Roncador, sugerindo um “contato” entre os grupos que habitavam a área. Este cenário está sobre uma bancada de rocha, como se fosse um pequeno ‘altar’. Situa-se a uns 15 km de Vale dos Sonhos, distrito de Barra do Garças. (DOLZAM, 2006, p. 87)

## II - Oficina lítica - encontrado em abrigos e próximos aos rios.

Muitas oficinas líticas ocorrem em rochedos próximos às cachoeiras e aos rios menores, sendo motivo de muitas especulações e mitos, exceto de cunho arqueológico.[...] no abrigo Moreti, e abrigo e APV (DOLZAM, 2006, p. 89)

## III – Cerâmica Tipo Mourão - encontrada na Serra do Roncador.

Sítio situado no ‘bico’ da Serra do Roncador, possui um abrigo recente, com grande espaço, sem pinturas, mas com boa quantidade de cerâmicas de grande espessura, podendo ser funerária. (DOLZAM, 2006, p. 91)

## IV - Pinturas rupestres

Gruta da Estrela Azul - o tipo da pintura é Pintura parietal de cor azul escuro.

Abrigo Moreti - pintura rupestre e pinturas sobre gravuras, na cor ocre e vermelha.

No abrigo da A.P.V. - pintura rupestre na cor ocre e amarela.

Os detalhes revelados pelo trabalho de DOLZAM evidenciam a necessidade de se delimitar territórios e seus atributos, a serem protegidos, legalmente, nessa região. Evidencia também, a necessidade de estudos etnoarqueológicos e educação patrimonial com toda comunidade local, visando construir uma relação de compreensão e respeito a esses ambientes.

## 2.4 POTENCIALIDADES PARA CRIAÇÃO DE ETEP NA SERRA DO RONCADOR

Este item apresenta uma série de potencialidades para criação de ETEP na Serra do Roncador, especificamente, na região do distrito de Vale dos Sonhos-MT. São considerados potencialidades, os atributos e elementos que devem ser especialmente protegidos, segundo a Constituição Federal de 1988 e outros dispositivos jurídicos brasileiros.

Importante ressaltar que, além de identificar e criar essas áreas a serem protegidas, deve haver uma política contínua de manutenção, atualização e estudos, que acompanha a dinâmica natural da evolução do ambiente e da sociedade.

#### **2.4.1 Conservação do Patrimônio Histórico e Arqueológico**

A proteção do patrimônio histórico e arqueológico, assim como incentivo a educação patrimonial é extremamente essencial à integridade do rico acervo pré-histórico existentes nessa região.

#### **2.4.2 Importância ecológica**

Contempla o favorecimento ao deslocamento da fauna silvestre, como também, a conectividade entre os diferentes tipos de fisionomias do Cerrado, importante para conservação do fluxo e diversidade genética.

#### **2.4.3 Conservação do recurso hidrológico**

Através do ordenamento da ocupação do solo e adequação das atividades econômicas às características da área, haverá manutenção bem como aumento do potencial dos corpos hídricos em qualidade e quantidade.

#### **2.4.4 Conservação da paisagem**

A Área proposta apresenta imponente beleza cênica, vegetação nativa renascente, cavernas e grutas. Características que representam grande potencial para conservação da paisagem nos aspectos físicos, geológicos e biológicos, podendo integrar-se aos corredores ecológicos e ou outras estratégias de conservação integradas aos ecossistemas protegidos da região (gestão de mosaico).

#### **2.4.5 Aspectos Culturais**

Os locais tradicionalmente utilizados para realização das manifestações culturais precisam, evidentemente, existir para que essas manifestações continuem ocorrendo. Não há como não se intrigar com os mitos, enigmas e lendas que permeiam a região do Vale dos Sonhos, comunidade situada na base da Serra do Roncador a 75 km do município de Barra do Garças.

Especificamente, essa região da Serra é muito valorizada pelos seguidores de religiões, filosofias, indígenas e seitas místicas. Ufólogos acreditam ser o lugar ideal para fazer vigílias existindo ali o "Núcleo Araguaia de Pesquisas Ufológicas do Roncador".

Os índios Xavantes protegem a região e se consideram guardiões da "terra sagrada". Há também as histórias do coronel inglês Percy Fawcett que, desapareceu misteriosamente procurando pela civilização perdida de Atlântida, inspirando o primeiro filme de Indiana Jones.

Há muita especulação em relação a tudo isso, o que pode ser um ponto favorável à proteção do meio ambiente, pois esses locais precisam existir para que as manifestações culturais continuem ocorrendo.

#### **2.4.6 O turismo como economia**

O turismo é uma atividade que, de maneira planejada, promove a economia de forma sustentável. A região tem todo potencial turístico a ser explorada como a natureza, beleza cênica, história, misticismo, aspectos culturais, sítios arqueológicos, modo de vida bucólico, enfim aspectos que podem ser explorados pelo turismo.

#### **2.4.7 Proposta de Criação de uma Unidade de Conservação**

O trabalho de VECHIA, (2012) apresenta estudo técnico preliminar para verificação da viabilidade de criação de uma Área de Proteção Ambiental (APA, uma categoria de Unidade de Conservação (UC)), em um fragmento da Serra do Roncador próximo ao Vale dos Sonhos. O estudo considerou a necessidade de criação de uma UC de uso mais restritivo, devido às condições e características do meio ambiente, e não a APA. Para este mesmo local VECHIA (2014) apresenta o arcabouço jurídico que fundamenta a criação de Espaço Territorial Especialmente Protegido, a fim de apontar um caminho para a conservação e proteção do patrimônio natural e cultural local.

A área da proposta abrange 107.531.997 hectares da Serra do Roncador. É composta por fragmentos consideráveis de vegetação original remanescente, cavernas, sítios arqueológicos ainda não cadastrados pelo IPHAN, beleza cênica como também contempla a Zona de Amortecimento (ZM) da Terra Indígena da tribo Xavantes, a aldeia São Marcos. Logo, a região representa todo potencial para a criação de ETEP.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A importância de se definir os Espaços Territoriais Especialmente Protegidos está diretamente relacionada à integridade e defesa dos recursos ambientais e do patrimônio histórico e cultural, como, também, às ações que visam promover qualidade de vida da atual e futura geração, por meio do meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Delimitar espaços e seus atributos a serem protegidos torna legalmente restritivo o uso de determinadas áreas. Dessa maneira os dispositivos legais podem ser aplicados quando

necessário. A criação de Espaço Territorial Especialmente Protegido é um importante instrumento que confere proteção ao meio ambiente e a sociedade deve valer-se deste e, exigir do Poder Público o cumprimento de sua função, de definir esses espaços territoriais e seus componentes a serem protegidos, visando o meio ambiente ecologicamente equilibrado, como rege o artigo 225 da C F/88.

Poder Público e sociedade devem estar presentes, de modo efetivo e alinhado, na defesa do patrimônio ambiental e cultural local. A Serra do Roncador, especialmente a região do Vale dos Sonhos-MT, possui atributos que necessitam de especial proteção e, segundo a CF/88, devem ser protegidos, entretanto estão vulneráveis à degradação, por meio das atividades potencialmente impactantes, que ocorrem em toda região.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adélia Alves de; et. al. (orgs.). **Relatório de Monitoramento da Qualidade da Água da Região Hidrográfica Tocantins-Araguaia – 2007 a 2009**. Cuiabá: SEMA/MT:SMIA, 2010.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Mapa de Áreas Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade**. Brasília - DF, 2003.

DOLZAM, N. T.O. **Tecnologia e Arte: Prerrogativas da Evolução Humana**. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) – Faculdade de História, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.

IPHAN. **Banco de dados**. Brasília: IPHAN, [201-?]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17734&retorno=paginaIphan>> Acessada em 19 ago. 2013, 09:30.

MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA). **Mapa de Áreas Protegida em Mato Grosso e Unidade de Conservação propostas pelo ZSEE-MT**. Cuiabá: SEMA-MT, 2008.

MIRANDA, João Paulo Rocha. **Fundamentos do Direito Ambiental**. Editora Amazon. Juína –MT. 2009.

PEREIRA, Polyana Faria; SACRDU, Fernando Paiva. Espaços Territoriais Especialmente Protegidos: conceitos e implicações jurídicas. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, nº 1, p. 119-121. Campinas, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2008000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2008000100007&script=sci_arttext)>. Acessada em 10 ago. 2013, 16:01.

RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. **Fitofisionomias do Bioma Cerrado**. In: Sano, S.M.; Almeida, S.P. (eds.), Cerrado - Ambiente e Flora. EMBRAPA, Planaltina – Distrito Federal. 1998.

SEMA, Secretaria Estadual de Meio Ambiente de Mato Grosso. Coordenadoria de Unidades de Conservação. **Base de dados**. Cuiabá-MT. 2015.

SILVA, José Afonso da. **Direito Ambiental Constitucional**. São Paulo: Malheiros, 1994.

SILVA, Regina; SATO, Michele. Território e identidades: Mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil. **Ambiente & Sociedade**. v. XIII, p. 261-281. Campinas, 2010.

VECHIA, Fabiola Dalla. Estudo Técnico Preliminar para criação de uma Área de Proteção Ambiental. 2011. 66 f. **Monografia** (Graduação em Engenharia Florestal) - Faculdade de Engenharia Florestal, Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.

VECHIA, Fabiola Dalla. Espaços Territoriais Especialmente Protegidos no Vale do Araguaia. 2014. 60 f. **Monografia** (Especialização à Distância em Direito Ambiental) – Faculdade de Direito, Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2014.

## A ARTE COMO INSTRUMENTO DEMOCRÁTICO DE HUMANIZAÇÃO E EXERCÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE NOS CURSOS DE DIREITO

Francisco Flávio Oliveira dos Anjos  
Doutor em Ciências Sociais pela UFRN – Advogado  
Professor da Associação Educativa Evangélica – Faculdade Evangélica de Goianésia  
Professor da Universidade Estadual de Goiás – UEG  
E-mail: [ffaanjos@gmail.com](mailto:ffaanjos@gmail.com)

### RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão acerca da crise provocada, dentre outros fatores, pelo modelo tecnicista e dogmático absorvido pela educação jurídica, que não dialoga com outras visões de mundo, não se abrindo para a complexidade que nos cerca. Dessa forma, graduamos indivíduos que atuarão em uma sociedade complexa, oferecendo aos mesmos uma educação bancária, mecânica, que desconsidera as relações que circundam o direito. É um modelo frio, estático, tecnicista, mecânico, que não dialoga com a arte, especialmente com a poesia, tão necessária em uma cultura que se diz humanista, mas que não assume essa condição de forma ampla. Esse modelo ultrapassado não prepara o pretense jurista para o enfrentamento das questões sociais nas quais será exigida a sua intervenção, pois é baseada em uma visão fria de mundo, estabelecida a partir da mercantilização dos cursos de direito que proliferaram nas últimas décadas e que se encontram espalhados pelo país. Esse modelo precisa ser ultrapassado, para que possamos oferecer uma sólida formação humanista, promovendo transformações profundas e consistentes, não apenas no modelo de educação jurídica oferecido, mas na sociedade como um todo.

**Palavras chave:** educação jurídica; crise; arte.

### ABSTRACT

This study presents a reflection on the crisis caused, among other factors, by the technician and dogmatic model absorbed by the legal education that does not dialogue with other world views and not open to the complexity that surrounds us. Thus, graduated individuals who will work in a complex society, offering them a banking education, mechanics, which ignores the relationships that surround the law. It's a cold model, static, technicalities, mechanic, who does not dialogue with art, especially poetry, so necessary in a culture that says humanist, but that assumes this condition broadly. This outdated model does not prepare the lawyer alleged to deal with social issues in which your intervention is required because it is based on a cold world vision, drawn from the commodification of law courses that have proliferated in recent decades and that are spread by country. This model needs to be overcome, so we can offer a solid humanistic education, promoting deep and consistent changes, not only in legal education model offered, but in society as a whole.

**Key words :** legal education ; crisis; art.

*A concepção da arte, como todas as outras, deve representar uma parte  
cada vez mais importante na solidariedade humana, na comunicação  
mútua entre as consciências e na simpatia ao mesmo tempo física e mental  
que faz com que a vida individual e a vida coletiva tendam a se fundir.  
Assim como a moral, a arte tem como resultado final arrebatar o indivíduo  
de si mesmo e identificá-lo com todos.*

JEAN MARIE GUYAL

*Onde não há amor, não há mais do que problemas de carreira, de dinheiro  
para o docente, e de aborrecimento para o aluno. A missão supõe,  
evidentemente, fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano. A  
missão é, portanto, elevada e difícil, porque supõe, simultaneamente, arte,  
fé e amor.*

MORIN, CIURANA, MOTTA

*A educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da  
alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la.*  
PLATÃO

*Poeticamente, o homem habita a terra.*

HOLDERLIN

A educação jurídica enfrenta muitos obstáculos, em nosso país. Não se trata de um fenômeno recente, mas que se acentuou a partir da proliferação irresponsável e exacerbada de Cursos de Direito, principalmente nos últimos 25 anos. Os entraves decorrem, principalmente, de uma visão mercadológica, mas, também, de equívocos gradativamente cometidos por aqueles que são responsáveis pelo direcionamento da chamada educação jurídica, no Brasil.

O tecnicismo, que passou a vigorar a partir do Século XVIII, e o positivismo, cujo predomínio remonta ao Século XIX, transformaram, no Século passado, a formação historicamente humanista dos bacharéis em direito em uma ferramenta predominantemente voltada para a defesa dos interesses mercadológicos, dentre eles a venda indiscriminada de diplomas, e a mercantilização do sonho em lograr aprovação no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil, e ingressar na carreira jurídica como advogado, que, para a imensa maioria, jamais se concretiza.

Outro sonho constantemente vendido é o da independência financeira, que promoveria a realização de ideais consumistas flagrantemente motivados pela bandeira ilusória do progresso, pelo domínio da ideologia capitalista, pela predominância da mecanização excessiva. É esse sonho que conduz milhões de pessoas aos cursos de direito,

principalmente na rede privada, objetivando aprovação em certames que exigem um conhecimento técnico que a maioria não se preocupa em adquirir nos cinco anos de duração mínima do curso de direito.

Existe uma resistência organizada, poderosa economicamente, nociva, que, defendendo a fragmentação, a especialização, a individualidade egoísta, a competição, se levanta, há décadas, contra a reflexão, a humanização, a interdisciplinaridade, negando-se reconhecer a complexidade social. Tal fenômeno ocorre em quase todos os cursos jurídicos espalhados pelo país, profundamente marcados pelo dogmatismo e pela visão tecnicista, concurreira, ou seja, voltada para os interesses de uma parcela desinformada que acredita que o simples fato de ser aprovado nas disciplinas que compõem a Matriz Curricular do curso habilitará ao exercício da advocacia, ou, ao menos, à aprovação no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil, abrindo as portas para a pretensa aprovação em Concursos Públicos que oferecem salários acintosos, se comparados com o salário de um educador, somente para citar um exemplo dentre tantos outros profissionais que não percebem remuneração equivalente à de membros do Poder Judiciário, do Ministério Público, de outros cargos ligados à carreira jurídica, com exceção da docência nos cursos que formam esses profissionais.

As questões mercadológicas se sobrepõem, cada vez mais, às questões acadêmicas, determinando as regras que devem ser seguidas pelas instituições educacionais que, teoricamente, deveriam oferecer uma educação jurídica de qualidade. Tais questões se encontram, portanto, em primeiro lugar. Questões acadêmicas relevantes, discussões enriquecedoras, contextualização, reconhecimento da complexidade social, não interessam para os supostos formadores de bacharéis em Direito, ou em Ciências Jurídicas, como querem alguns.

A maior parte das Instituições de Ensino Superior, especialmente algumas instituições privadas, enxergam o discente como um número, não como um indivíduo em busca da melhor formação, até mesmo porque muitos discentes buscam apenas o diploma, e não o conhecimento. Assim, para que cobrar desse acadêmico os conteúdos que poderiam solidificar a sua formação, dotando-o de conhecimentos sociológicos, literários, filosóficos, políticos, históricos, naturalmente acrescidos de uma visão humanista, se a finalidade precípua é a comercialização de um diploma, que possibilitará, supostamente, a aprovação

do candidato no Exame da Ordem dos Advogados, ou nos concursos públicos que proliferam pelo país, a maior parte destes permitindo, caso se consolide a sonhada provação, a independência financeira do candidato?

Diante desse contexto sombrio, predomina, no Brasil, no que concerne aos cursos de direito, a educação bancária, mecânica, *concurseira*, o que se configura em um dos mais significativos e nocivos males dentre aqueles que acometem a formação jurídica, hodiernamente. O processo de mecanização na formação jurídica e essa visão *concurseira* se retroalimentam, provocando danos irreparáveis a curto e a médio prazo, o que nos leva à constatação de que, cada vez mais, a educação jurídica encontra-se profundamente marcada, na nossa realidade contemporânea, pelo dogmatismo, pelo tecnicismo, pela formação de autômatos, memorizadores de Códigos, pretensos intérpretes da letra da lei.

Nesse cenário, são visíveis os prejuízos causados pela nociva ausência de compromisso, por parte de muitas Instituições de Ensino Superior, naquilo que diz respeito a uma formação humanista, crítica e ética, voltada para a defesa e preservação de valores que parecem não mais predominar em nosso meio social, valores que foram responsáveis, inclusive, pelo despertar jurídico, na aurora dos tempos.

Todavia, o que mais causa espécie é o fato de que a maior parte das IES “dedicadas” à Educação Jurídica – uma verdadeira mina de ouro, para muitas delas – acena para uma suposta formação humanista, que propicie ao bacharelado uma visão crítica acerca do direito e da sociedade regulada pelo mesmo. Esse é o discurso difundido nos Projetos Pedagógicos e Políticos de Cursos, em várias instituições, não obstante a flagrante verificação de uma prática contrária aos princípios éticos relacionados a uma postura crítica e humanista.

Se existisse uma preocupação verdadeira em oferecer uma formação norteada por uma crítica acerca da condição humana, bem como dos reflexos do reconhecimento dessa condição sobre o processo educacional, não existiria um panorama tão tenebroso quanto à qualificação dos bacharéis em direito, no Brasil. Uma prova irrefutável disso é o fracasso de várias instituições em uma prova que apresenta um grau médio de dificuldade, como o Exame de Ordem, bem como no ENADE, que exige do discente um conhecimento contextualizado, raramente exercitado na formação tecnicista.

Diante dessa aparente vitória do egoísmo mercantilista e do individualismo capitalista, muitas instituições se desvinculam cada vez mais do compromisso em formar cidadãos éticos, comprometidos com os mais legítimos anseios sociais, movidos por uma visão bem mais abrangente e complexa quanto ao exercício da cidadania, quanto ao respeito à diversidade e quanto à necessidade de religação, de defesa do meio ambiente, de defesa dos interesses daqueles que se encontram à margem da sociedade, desfavorecidos economicamente, politicamente, juridicamente, daqueles que, em decorrência de questões étnicas, políticas e religiosas foram historicamente relegados a um plano secundário, deixados à margem da sociedade, a partir de um modelo educacional agressivo, que se esquivava de priorizar, sem concessões, uma educação que valorize a defesa dos Direitos Humanos.

Falta poesia na pretensa educação jurídica. Devemos reconhecer, urgentemente, que vivemos de prosa e poesia. À ideia de Holderlin, de que poeticamente, o homem habita a terra, MORIN (1997, p. 39) acrescenta que “é necessário dizer que o homem a habita poética e prosaicamente ao mesmo tempo.” Uma educação jurídica poética reconheceria o diálogo entre direito e arte, direito e natureza, direito e sociedade, de forma mais ampla, promovendo a discussão constante de temas usualmente abordados a partir de elementos legais, técnicos, encarados a partir de uma perspectiva fragmentada.

Quanto conhecimento não é perdido em uma abordagem que valoriza as partes e desconsidera o todo? Quanto não poderia ser acrescido na formação dos bacharéis em direito, se houvesse uma contextualização dos temas apresentados nos Planos de Ensino? Se a sala de aula se transformasse em um local onde ocorresse um constante exercício de ligação entre o que está sendo discutido, e que se encontra presente nos Códigos, nas leis, na doutrina, quase sempre a partir de uma perspectiva dogmática, e a realidade social, os elementos históricos, antropológicos, políticos, filosóficos, que circundam os aspectos jurídicos, e complementam a formação do jurista, estabelecendo um vínculo entre temas aparentemente restritos ao âmbito jurídico com aquilo que se encontra na parte externa, fora desse âmbito, mas que guarda com o fenômeno jurídico uma relação incontestável de proximidade e de interdependência, o ganho intelectual para os acadêmicos seria incalculável.

Tomemos como exemplo a violência urbana. Uma de suas facetas é a violência contra a mulher, historicamente tolerada no Brasil e em grande parte do mundo, por séculos. Muitos Trabalhos de Conclusão de Curso de acadêmicos de Direito tratam da Lei Maria da Penha, criada para proteger a mulher da violência que, anteriormente, quase sempre gerava impunidade. A lei foi criada, está em vigor desde o ano de 2006, mas inexistente uma conscientização social, e a maior parte daqueles discentes que pesquisam o tema omitem, muitas das vezes, os aspectos históricos, sociológicos, econômicos, políticos e religiosos que devem nortear qualquer pesquisa sobre a temática, valorizando apenas a letra da lei, e, quando muito, as estatísticas relacionadas à violência contra a mulher, em uma determinada localidade.

Essa postura equivocada decorre especialmente do modelo em que foram formados esses discentes. A preocupação principal, talvez única, foi com a transmissão de conteúdos normativos, revestidos de uma análise muitas vezes superficial, raras vezes mais aprofundada, dependendo do perfil do docente.

Quanto não seria vantajoso para os discentes se o docente, demonstrando preparo para o exercício da docência, discutisse o tema não apenas com base no viés jurídico? A utilização de obras de arte, de letras de músicas, de películas, de peças teatrais, serviria para educar e estimular a discussão da temática abordada, a partir de um ponto de vista mais abrangente, que não se limitasse à análise da lei, da doutrina e da jurisprudência, tripé sobre o qual se sustenta a formação jurídica dogmática e tecnicista.

No âmbito dessa perspectiva, também poderiam ser discutidos muitos outros tópicos, como a delinquência entre jovens e adolescentes, os métodos cada vez mais sofisticados de invasão à privacidade, o desrespeito à imagem, as diferentes facetas e acepções da liberdade, os mecanismos de poder, as questões de gênero, a desigualdade, o tráfico de drogas, a questão carcerária, a crise educacional, a corrupção, a impunidade, dentre outros temas, estabelecendo as conexões necessárias e pertinentes entre os referidos temas e a abordagem que a arte realiza acerca destes.

A partir de uma didática que percorreu os séculos, os cursos de direito seguem o ritual da fragmentação, que desconsidera constantemente que o direito é uno, sendo dividido, fracionado e compartimentado para atender a uma metodologia ultrapassada, que

não dialoga com a realidade. Esse modelo parece representar o desconhecimento do fato de que o futuro jurista estará inserido no contexto social, como agente transformador. Para que isso ocorra, se faz necessária uma formação que o prepare de maneira adequada para a adoção de um papel fundamental no processo de transformação da sociedade.

A educação jurídica teima em desconsiderar que a criatividade é o destino do homem, e que a arte – espaço da criatividade – deveria ser uma eterna parceira na busca do conhecimento, uma ferramenta essencial à compreensão do mundo que nos cerca, e que é regulado pelo direito. O processo educacional não pode prescindir desse instrumento e os gregos compreendiam isso na Antiguidade pré-cristã.

A Grécia foi educada a partir das manifestações artísticas. Homero, tratado por Platão como “o educador de toda a Grécia” (Jaeger, 1994, p.61) ou “o primeiro maior criador e modelador da humanidade grega” (Jaeger, 1994, p.62) ofereceu subsídios, a partir da divulgação de uma obra imortalizada pela História. Segundo Jaeger, “A concepção do poeta como educador do seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos Gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância” (1994, p.61).

A formação oferecida ao homem grego, humanista e poética, poderia ser oferecida nos cursos de direito atuais mesmo que, a princípio em doses moderadas. Uma formação que gradativamente absorvesse conteúdos humanistas, para depois adicioná-los ao conteúdo dogmático, tecnicista, poderia modelar juristas que unissem aos aspectos normativos, frios, rígidos do sistema legal, a flexibilidade, a criatividade, a leveza, tão distantes do tecnicismo burocrata que infelizmente prevalece na educação jurídica.

Morin (1997, p.37) ensina que o ser humano, em qualquer cultura, “produz duas linguagens a partir da sua língua: uma linguagem que é a linguagem racional, empírica, prática, técnica; a outra que é simbólica, mítica, mágica.”. O primeiro modelo apontado por Morin predomina na transmissão do direito, desafortunadamente. Essa predominância se reflete, principalmente na frieza normativa, na rigidez dogmática, na inércia legislativa. A esse estado, Morin chama de prosaico, contrapondo-se ao estado poético, que é desconsiderado na formação jurídica.

Para Morin, a contemporaneidade assiste ao “desfraldar de um modo de vida monitorizado, cronometrado, fragmentado, compartimentado, atomizado, e não só de um modo de vida, mas também de um modo de pensamento em que especialistas são doravante competentes para todos os problemas, e esta invasão da hiperprosa está ligada ao desfraldar económico-tecno-burocrático.” Esse modelo precisa de um antídoto, de um antagonista, que nos apresente o estado poético, mesmo diante do diálogo com a ciência e com a filosofia.

Precisamos, mais do que nunca, de juristas preocupados com o exercício da solidariedade, comprometidos portanto, com uma postura que priorize o respeito à condição humana, que não reduza o indivíduo, como ocorre muitas vezes no âmbito judicial, ao ato transgressor que praticou, mas que por outro lado, possua a sensibilidade necessária para se posicionar ao lado dos que defendem os interesses coletivos mais nobres; que não se atenha apenas à letra fria da lei, mas também aos anseios sociais legítimos; que não sacralize o direito, mas entenda a sua atuação profissional cotidiana como um sacerdócio. Humanistas, e não positivistas. Esse perfil aponta para um jurista mais preocupado em aplicar a justiça, e não a letra da lei propriamente dita.

Trata-se de defender um resgate necessário de uma cultura de matiz universal, como ocorreu com a *Paideia*, entre os gregos, e a *Humanitas*, entre os romanos, esta última mais preocupada com os aspectos cosmopolitas da formação e que segundo ARANHA (2006, p.89), buscava “aquilo que caracteriza o ser humano, em todos os tempos e lugares”. E é entre os romanos que encontramos o embrião da educação jurídica, desenvolvida de forma original pelo espírito pragmático romano. Todavia, existe uma distância abismal entre esse modelo humanista, que se apoiava na elevação da justiça, da igualdade e do bem, enxergando no direito uma arte capaz de assegurar esses ideais e o formato educacional adotado por muitos cursos de direito a partir do predomínio da ideologia capitalista e de um modelo competitivo flagrantemente norteador das relações sociais.

Essa concepção romana foi sufocada pelo modelo mercadológico que assaltou a contemporaneidade e que passou a ser construído a partir da ascensão burguesa e do Renascimento, passando pelo Iluminismo e pelo domínio do capitalismo e do individualismo egoísta. MORIN, com propriedade, assevera que a Europa Ocidental presenciou o nascimento da nação moderna que “instituiu um novo modelo de

sociedade/comunidade” (2005, p.148), e que permitiu que competições, rivalidades e antagonismos individuais, coletivos, econômicos e ideológicos se desenvolvessem. (Idem).

Na antiguidade romana, o direito era visto de forma bem distinta daquela forma adotada em nossa sociedade e que decorre da visão mercadológica, egoísta e supostamente progressista apresentada pelo modelo capitalista. A ideia de direito entre os romanos encontra-se relacionada com a percepção do direito como a arte do justo equitativo, a partir do exercício da justiça, ou arte de dar a cada um o que lhe é devido. Tal concepção também expressa a dimensão humana. O direito, que era enxergado pela cultura romana como um verdadeiro saber das coisas humanas e divinas, se apresentava representado por premissas representativas dessa visão: viver honrosamente; não prejudicar o próximo; dar a cada um o que lhe é devido; A ética, o equilíbrio e a ponderação se apresentavam como aspectos essenciais ao direito, que era o saber das coisas humanas e divinas.

O espírito romano associou a justiça à natureza. Em Cícero, encontramos a defesa da tese de que fomos constituídos pela natureza “para compartilharmos o senso de Justiça um com o outro e para transmiti-lo a todos os homens”. (MORRIS, 2002, p. 38), Trata-se de uma reflexão emblemática para a compreensão da ideia adotada pelos romanos adotaram acerca da justiça. Essa concepção também associa o direito à arte, representada pelo exercício desse senso de justiça.

Edgar Morin assevera que o Século XX foi um século em crise, que deve ser olhado “com um olhar binocular” (2010, p.21), em que o “primeiro olho” nos apresenta o progresso, o desenvolvimento científico, econômico, industrial, consumista, civilizatório. Com base nessa via de compreensão do mencionado século, enxergamos o “progresso do desenvolvimento e de aparente racionalidade” mencionado por Morin (2010, p. 21) como uma de suas características mais marcantes. Essa ideia atinge a educação jurídica de forma contundente, uma vez que existe um flagrante desprezo àquilo que não comporta em si uma relação intensa com a questão do progresso e com uma falsa concepção de civilização, de cidadania, de valorização, de qualidade. Assim, com base na relação existente entre direito e sociedade, muitos enxergam aquele como um elemento que assegura efetivamente a consolidação dos objetivos mais nobres desta última, assegurando igualdade, segurança, liberdade, sem enxergar a real natureza do direito fenômeno jurídico. Essa postura representa, de forma clara, o comodismo que acomete muitos daqueles que não conseguem

enxergar o direito como um instrumento de transformação, e sim, apenas, como mera representação de uma vontade social que, muitas vezes, pode se encontrar ultrapassada.

Existe uma automação incontestável na formação de bacharéis que são condicionados a valorizar as disciplinas técnicas, como o Direito Civil, o Direito Constitucional, o Direito Penal, o Direito Administrativo, dentre outros ramos do conhecimento jurídico relacionados aos aspectos técnicos ou mecânicos de sua formação, menosprezando a valiosa formação – essencial, e não meramente complementar ou propedêutica – que é oferecida por campos distintos do conhecimento, como a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, a História do Direito, a Ciência Política, a Hermenêutica, somente para citar algumas disciplinas vistas com importância menor por docentes equivocados e discentes mal informados.

Morin (2005, p.181) considera que, diante da incapacidade de um sistema em tratar do que acomete os seus problemas vitais, “ele se desintegra ou se transforma num metassistema capaz de tratar desses problemas”, ou seja, “quanto mais nos aproximamos de uma catástrofe, mais a metamorfose é possível.” (2005, p. 181) No que diz respeito à crise da educação jurídica, no Brasil, a catástrofe parece já ter se estabelecido. Precisamos agora de uma metamorfose, que se configure em salvação, mesmo que, aparentemente, nada possa ser vislumbrado, nesse sentido.

Uma reforma paradigmática sem precedentes no âmbito da Educação Jurídica se faz necessária, para que essa espécie em extinção, que é representada claramente pelo jurista conhecedor dos princípios que regem o Direito; pelo advogado conhecedor dos princípios jurídicos, que se posiciona de forma favorável aos anseios legítimos daqueles a quem representa; pelo Promotor Público conhecedor da realidade social, bem como dos princípios de natureza sociológica, filosófica, histórica, que devem nortear a sua nobre atuação como defensor dos interesses sociais; pelo Procurador do Estado – ou da República – preocupado com os anseios legítimos do Estado, bem como do respeito que esse deve destinar aos cidadãos; pelo Juiz que atue como magistrado combativo, que, indignado com a injustiça, procura reverter o quadro a partir do lugar que ocupa na sociedade, não se extinga.

Existe uma incontestável necessidade em formar profissionais detentores de um olhar humanista, bem como de uma visão crítica acerca da sociedade e do próprio Direito que os cerca, juristas éticos, defensores dos Direitos Humanos e de valores relevantes como a

dignidade da pessoa humana, a vida, a liberdade, a isonomia, incansáveis na defesa dos valores mais nobres dentre os que devem nortear a vida social. Precisamos formar bacharéis voltados para a discussão dos grandes temas nacionais e mundiais, defensores ferrenhos da justiça, dos interesses legítimos da sociedade e daqueles que representam, profissionais idealistas, humanistas, cultos, críticos.

O direito não pode ser visto como fenômeno isolado no mundo do conhecimento. Sua autoridade como instrumento regulamentador de condutas humanas, objeto de estudo fundamental ao conhecimento das normas que regulam a vida social, não pode ser diminuída, menosprezada, desprezada. Porém, não podemos deixar de levar em consideração o fato de que o mundo jurídico não pode se desligar do mundo consuetudinário, do mundo sociológico, do mundo religioso, do mundo filosófico. Entender o direito dentro de uma plenitude, de uma abrangência que lhe deve ser atribuída, de uma ligação e religação constantes com o mundo que regula, e que o cerca, é bem mais salutar do que entendê-lo como fenômeno isolado, desprovido de conexões com os diversos aspectos que compõem a vida social.

Ainda com base nas ideias de Morin, podemos afirmar que existe uma “segunda via”, uma contraposição à ideia de progresso e de racionalidade, que é representada pelas convulsões e pelos horrores. Trata-se daquilo que ele denomina “o segundo olho”, que enxerga um século ‘vulcanizado’ por duas guerras de proporções gigantescas, uma via “de convulsões e horrores”. Essa segunda via decorre do fato de que, ao mesmo tempo em que ocorre, na modernidade, um desenvolvimento extraordinário “da ciência, da técnica, da economia e da capitalismo”, verifica-se, também, a existência simultânea de uma capacidade surpreendente de invenção, de um lado, e, de outro lado, de uma capacidade de manipulação e de destruição. (MORIN, 2011).

A universalização se concretizou nas últimas décadas. Essa sociedade globalizada, universalizada em suas relações, principalmente tecnológicas e econômicas, não experimenta uma solidariedade universal, uma ideia de pertencimento a uma sociedade-mundo, no contexto de uma era planetária. Assim, ao mesmo tempo em que se verificam claramente as consequências de uma unificação eficaz, intensa, no que concerne às comunicações que se verificam no âmbito mercantil e no âmbito técnico, também nos

deparamos com os fechamentos e as regressões, que levam a isolamentos tão significativos quanto as aberturas. (MORIN, 2005, p. 163).

As forças de destruição parecem levar significativa vantagem, em muitos momentos, sobre as forças de regeneração e de conservação. Os nocivos efeitos da atuação dessa segunda força projetam seus reflexos sobre a educação jurídica, que não consegue apresentar elementos de resistência consistentes o suficiente para a efetivação de um combate eficaz contra as forças de destruição. Assim, a violência, a injustiça, a desigualdade, a intolerância, acabam imperando em um mundo que, aparentemente, não consegue reunir as forças necessárias à resistência.

As consequências dessa segunda via também atingem diretamente, na contemporaneidade, à educação jurídica, que não consegue indicar que caminhos devem ser percorridos na busca de soluções para algumas situações que demonstram a existência de uma crise sem precedentes na moral social, uma crise que repercute também sobre o direito. Na era planetária em que vivemos é fundamental a preparação do bacharelado para a compreensão dos mecanismos que regem a sociedade-mundo. Tal formação deve valorizar a adoção de temas transversais, a dialogar com todas as disciplinas, como a dignidade da pessoa humana, a tolerância, a solidariedade, a conciliação, sendo fundamental a discussão de temas urgentes como a morosidade do Poder Judiciário, a violência doméstica, o crime organizado, a impunidade, o sistema penitenciário, o preconceito, a desigualdade.

Vivemos em uma Nova Idade das Trevas e precisamos de um novo Renascimento. A exemplo do que aconteceu na Idade Média e na década de 1960, o homem precisa vencer a escuridão mais uma vez e voltar à luz. De tempos em tempos a História, cíclica, nos mostra a necessidade de regeneração, reorganização, de bifurcação e de aposta. Assim, urge implantar uma educação jurídica que refute a fragmentação dos conteúdos disciplinares, exercitando a religação, e que consiga captar a complexidade do mundo, valorizando o que está tecido em conjunto. É necessário evitar os erros do passado e valorizar uma educação que privilegie a diversidade e a solidariedade, uma educação que liberte, contagie e revolucione, negando o isolamento disciplinar e favorecendo o reconhecimento da identidade planetária do indivíduo. A arte auxilia sobremaneira à necessária compreensão da antropoética, nas palavras de Morin, “o modo ético de assumir o destino humano”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- ALMEIDA, Maria da Conceição e CARVALHO, Edgard de Assis. (org.). Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios/Edgar Morin 5 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ANJOS, Francisco Flávio Oliveira dos. Duas mãos e o sentimento do mundo: Hélio Vasconcelos. Tese de Doutorado em ciências Sociais UFRN, Natal 2013.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil, 3. ed. rev e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GILISSEN, John. Introdução Histórica ao Direito. Coimbra: Editora Calustre 2001.
- MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. Trad. Ana Paula de Viveiros. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- MORIN, Edgar. Meus demônios. Trad. Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. O método 6: ética. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 3ª Edição, 2007.
- MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade. Trad. Juremir Machado da Silva. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (orgs.) 5.ed. São Paulo: Cortez, 2009
- MORIN, Edgar. Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. Para onde vai o mundo? Trad. de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília: UNESCO, 2010.

MORIN, Edgar. Rumo ao abismo?: ensaio sobre o destino da humanidade. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

## **TÍTULO: ESTALEIRO DE SABERES: UMA PROPOSTA DE POLITIZAÇÃO PEDAGÓGICA**

Professor Doutor: João Bosco Filho  
Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Coordenador do  
curso de Ciências da Religião da UERN. Pesquisador do Grupo de Estudos da  
Complexidade (GRECOM/UFRN)  
E-mail: [boscofilho38@gmail.com](mailto:boscofilho38@gmail.com)

Ana Carla Oliveira Nascimento  
Aluna do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
(UERN).  
E-mail: [ana100me2009@hotmail.com](mailto:ana100me2009@hotmail.com)

### **RESUMO**

Desenclausurar conhecimento científico, experimentar novas práticas pedagógicas e exercitar o diálogo na diversidade dos saberes tem sido o propósito do projeto de extensão “Estaleiro de Saberes” desenvolvido pelo Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN) desde a sua 1ª edição em 2008. No biênio 2014/2015 vive a sua 5ª edição numa perspectiva transdisciplinar na qual estudantes e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) propiciam encontros de formação para docentes e discentes da Educação Básica de escolas que compõem o entorno da lagoa Piató no município de Assu-RN/Brasil. Trata-se de uma aproximação entre as experiências do cotidiano e os conteúdos pragmáticos de base comum do currículo escolar. O método de trabalho consiste em 4 oficinas/estaleiros temáticos realizados ao longo dos anos letivos nos quais são expostos e ensaiados fazeres pedagógicos capazes de suscitar criticidade e criatividade nos sujeitos envolvidos.

**Palavras chave:** Estaleiro de saberes. Proposta pedagógica. Complexidade.

### **RESUMEN**

Quitar del encierre el conocimiento científico, experimentar nuevas prácticas pedagógicas y ejercitar el diálogo en la diversidad de los saberes es el propósito del proyecto de extensión universitaria “Astillero de Saberes” desarrollado por el Grupo de Estudios de la Complejidad (GRECOM/UFRN) desde su 1ª edición el 2008. En el bienio 2014/2015 vive su 5ª edición en una perspectiva transdisciplinaria en la cual estudiantes y profesores de la Universidad Federal de Rio Grande del Norte (UFRN) y Universidad del Estado de Rio Grande del Norte (UERN) propician encuentros de formación para docentes y discentes de la Educación Básica de escuelas que componen los alrededores de la laguna Piató en el municipio Assu-RN/Brasil. Se trata de un acercamiento entre las experiencias del cotidiano y los contenidos pragmáticos de base común del currículum escolar. El método de trabajo consiste en 4 talleres/astilleros temáticos realizados a lo largo de los años lectivos en los cuales son expuestos y ensayadas prácticas pedagógicas capaces de suscitar criticidad y creatividad en los sujetos participantes.

**Palabras clave:** Astillero de saberes. Propuesta pedagógica. Complejidad.

O contexto desta reflexão assenta-se na experiência de ensino-aprendizagem vivenciada no Projeto de Extensão Universitária Estaleiro de Saberes, um conjunto de oficinas que propõe um exercício de diálogo entre a ciência formal e os saberes locais. Tais estaleiros efetivam-se como um investimento cognitivo realizado mensalmente nas comunidades ribeirinhas da Lagoa Piató, Zona Rural do município de Assú, no estado do Rio Grande do norte/Brasil.

Desde 2008 o Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/Brasil tem acompanhado a ação docente dos professores das escolas que ficam no entorno da lagoa, e com eles, desenvolvidos práticas pedagógicas que possibilitam enxergar aquele recinto como laboratório transdisciplinar, no qual é possível estudar as diversas áreas de conhecimento previstas no currículo escolar com suas especificidades sem desconectar-se dos apelos e desafios observados no cotidiano daquele ecossistema.

A escolha do lugar para implantação do projeto decorre da história de uma pesquisa desenvolvida desde 1986 por pesquisadores da UFRN. Naquele ano, capitaneados pela professora Teresa Aranha, adentram o semiárido potiguar para pesquisar as questões que afligiam os homens submetidos à inconstância climática, pesquisadores da UFRN e da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM). Era intitulada de “Pesquisa sobre a seca”. Dentre os pesquisadores estava a professora Maria da Conceição de Almeida que, ao lembrar o início dessa história, afirma:

Um princípio matriz orientava a pesquisa. Tratava-se de fazer dialogar, compor e buscar complementaridade entre diversas formas de compreensão da seca: as interpretações da Ciência, o discurso da política e os saberes sistematizados pelas populações rurais [...]. Essa experiência de uma Ciência que se abre às várias leituras do mundo e dialoga perigosamente com as instâncias da tecnoburocracia do aparelho do Estado e da política consolidou-se certamente pela opção por uma organização meta-departamental e fora das estruturas dos Centros Acadêmicos Administrativos da UFRN. (ALMEIDA, 2003, p. 23-24).

Mesmo com o fim do projeto de pesquisa acima citado, o desejo de continuar e ampliar aquele jeito de fazer Ciência alimentou a professora Conceição Almeida que, se juntando a outros pesquisadores que comungam o propósito de abrir a universidade a todas

as camadas da sociedade, tem acalentado o sonho de tratar a construção do conhecimento a partir “da politização do pensamento” e da “razão apaixonada” (ALMEIDA, 2012).

Depois de vinte e nove anos mantendo vivo o ideário de que a construção do conhecimento é um processo de apropriação cognitiva da realidade orquestrada pela razão e pelo afeto, o investimento num projeto de extensão que permitisse aos professores do município de Assú o acesso a monografias, dissertações, teses, artigos e livros que resultam dessa trajetória acadêmica ocasionou a criação desse projeto de formação.

A opção de intitula-lo de Estaleiro de Saberes deve-se à sensibilidade da professora Maria da Conceição Almeida que ao longo dos anos tem acompanhado a labuta da pesca pelos moradores ribeirinhos e a confecção de barcos em estaleiro artesanal sob a maestria de Francisco Lucas da Silva, experiente pescador de Areia Branca Piató, uma das comunidades do entorno da lagoa. Análogo à construção de um barco nos estaleiros, onde cada peça vai sendo talhada, polida e acoplada, também os encontros de formação são oficinas nas quais os professores daquela redondeza são instigados a talhar ideias, polir conhecimentos já sistematizados e acoplar disciplinas disjuntas em vistas da construção de um conhecimento pertinente.

Um dos grandes desafios do século é saber ler bem o mundo imerso na incerteza. É saber colher e tratar informações; é transformar informações em conhecimento pertinente (aquele que está inserido num contexto, como ensina Edgar Morin); é exercitar, aprender e ensinar uma ecologia das ideias e da ação; e compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanecem; é facilitar a emergência de novas sabedorias (ALMEIDA, 2007, p.11).

Visando suscitar novas sabedorias, a primeira edição do projeto contou com o apoio da Secretaria de Educação Municipal de Assú. Reuniu na escola da Comunidade ribeirinha Olho D'água os professores das outras comunidades para discutir a Ecologia de Saberes querendo compreender as relações de proximidade entre os saberes da tradição, aqueles que se constituem das raízes da história dos sujeitos do lugar e são repassados de modo assistemático às futuras gerações, aclimatando-se às contingências e aos saberes albergados nos livros didáticos. Cabe esclarecer o que tomamos por saberes da tradição a partir da patente de Maria da Conceição Almeida.

A palavra tradição é problemática em si mesmo porque se consagrou como o que é do passado. Características das chamadas sociedade primitivas, modo de viver e conhecer amputando de criatividade e transformação. É em oposição a esse entendimento que procuro reproblematicar o conceito de tradição e afirmar a destreza, o vigor e o rigor dos saberes da tradição e de seus intelectuais. Longe, entretanto, de afirmar a supremacia, a originalidade e a pureza desses saberes, argumento a partir de vários cenários a simetria, a singularidade e a complementaridade possível entre saberes científicos e saberes da tradição. (ALMEIDA, 2010, p. 12-13).

Temas como Cosmologias, Ecologia, cultura Infantil, Ciências da Saúde, Literatura, Matemática, Educação Física e Filosofia são abordados sob o prisma das Ciências da Complexidade por professores de Graduação da UFRN e outras instituições de ensino superior.

No biênio de 2009-2010 foi realizada a segunda edição do Projeto. Desta feita além de pesquisadores do GRECOM também envolveram-se docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, por intermédio da Pró-Reitora de Extensão, professora Geovania Toscano e professores do Curso de Ciências da Religião; e do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, o professor Samir Cristino de Sousa. A ação do Projeto foi alargada a todos os professores do município de Assú.

No ano de 2011 aconteceu a terceira edição do projeto. O eixo temático aglutinador continuou sendo os saberes da tradição que, segundo Frijot Capra, são baseados “numa pedagogia que facilita o entendimento por ensinar os princípios básicos da ecologia, com eles um profundo respeito pela natureza viva, por meio de uma abordagem multidisciplinar baseada na experiência e na participação”. (CAPRA, 2006, p, 14).

Com a ressalva de que no ano de 2012 transcorreu no GRECOM uma comemoração extensiva aos vinte anos do grupo o que impossibilitou nesse ano a dedicação dos pesquisadores ao empreendimento dos estaleiros, o projeto ficou sob a tutela do Curso de Ciências da Religião da UERN. Nesse momento, percebe-se uma sincronicidade entre os temas tratados no âmbito do Ensino Religioso e os saberes da tradição. Considerando um aprendizado para o respeito à natureza viva, recruta-se o Ensino Religioso como uma das áreas de conhecimento capaz de evidenciar a noção de Sagrado a partir da experiência dos professores e alunos com os ciclos da natureza.

Acoplar a discussão dos sabres da tradição à compreensão imanente no ecossistema do Vale do Assú permitiu planejamentos, excursões, aulas-passeio, estudos dos mitos que constroem e recriam narrativas ordenadoras de costumes e inventário de lugares considerados sagrados no contexto do cenário religioso do município de Assú e região.

No ano de 2013, com a solicitação da Secretaria Municipal de Educação do Assú de que a ação dos Estaleiros fosse integrada ao calendário de planejamento dos professores, obedeceu-se a dinâmica das reuniões bimestrais realizadas na sede do município. Nesta edição primou-se pela formação a partir dos apelos da arte. Temas como música, fabricação de brinquedos educativos, literatura e preservação do patrimônio histórico da região deram o tom dos Estaleiros naquele ano.

Em 2014 retornou-se o intento formativo com a parceria UERN/UFRN. Os estaleiros voltaram às margens da Lagos Piató cumprindo a regularidade de acontecer uma vez por mês em uma das escolas que circundam a lagoa, para incluir também os alunos. Essa foi a quinta edição dos Estaleiros dos Saberes.

As oficinas foram sistematizadas em três estaleiros. Um primeiro dedicado ao ensino de Ciência com o objetivo de instigar o pensamento crítico-reflexivo sobre os fenômenos naturais. O substrato desse encontro apresenta a natureza como norteadora da “teia da vida” e portadora de hierofanias, reservas enigmáticas que modulam os mistérios e configuram a crença no sagrado imanente. Para este estaleiro foi construído um material didático na perspectiva de aguçasse os sentidos de alunos e professores para aproximar a discussão sobre os fenômenos da natureza experimentados pelos sentidos com os conceitos apontados nos livros didáticos.

Um segundo estaleiro foi voltado para o ensino de Filosofia com crianças no intuito de aguçar a curiosidade infanto-juvenil e pontificar o ensino escolar como um ponto de partida para compreender o essencial da vida. Trata-se de trabalhar o desenvolvimento de habilidades e competências que possibilitem no educando o desabrochar de uma estética de pensar e agir mais responsável e solidário.

Por fim, o terceiro e último estaleiro desta etapa de 2014 abordou a questão da Educação Física: competição ou cooperação. Apostar numa relação de completude entre a

cooperação e competição supõe por em dialogo entre as forças antagônicas do egoísmo e do altruísmo em busca de recompor fragmentos da condição humana cindidos pelo fundamentalismo e pelo dogmatismo que se alicerçam no proselitismo, seja científico, político ou religioso.

O planejamento do Estaleiro de Saberes 2014 levou em questão a estratégia de formação em serviço, efetivada durante o turno de trabalho dos professores. Enquanto os docentes ficavam num ambiente de estudo sob orientação de um mestre para refletir sobre os temas em pauta, os discentes eram orientados pelos alunos da graduação e pós-graduação pertencentes ao GRECOM. Estes orientadores eram denominados “tutores de afeto”, por tratarem os mesmos temas estudados pelos professores a partir de jogos e brincadeiras de modo a recrutar habilidades afetivas dos educandos.

Conjugar saberes, incitar o pensamento e ensaiar a abertura de outros caminhos didáticos tem sido o investimento dos que se envolvem no projeto Estaleiro de Saberes. Os frutos ainda brotam devagar, mas a alegria, a esperança e a confiança de todos fortalece o propósito de continuar a ação educativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.

\_\_\_\_\_. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses: uma experiência de reforma universitária**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica: educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Natal: Flecha do tempo, 2007.

## PAPA FRANCISCO: A FACE DE UMA IGREJA DE BASE COMPLEXA

Professora Doutora: Josineide Silveira de Oliveira  
Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da  
Universidade Potiguar (UnP). Pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade  
(GRECOM/UFRN)

E-mail: [josineidesilveira@grecom.ce.ufrn.br](mailto:josineidesilveira@grecom.ce.ufrn.br)

Leilane Karina Campos Carlos  
Aluna do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
(UERN).

E-mail: [leylanek@hotmail.com](mailto:leylanek@hotmail.com)

## RESUMO

O trabalho discute o modelo de Igreja exposto na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2014), texto que revela o desejo de Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, de uma reforma política da instituição eclesial romana atenta ao acolhimento e à tolerância religiosa nesses tempos de exacerbação de fundamentalismos e indiferença da existência. Compreende-se nesse documento um esforço de evangelização de base complexa que possibilite o diálogo com a diversidade religiosa e o respeito ao pluralismo de ideias. Salienta-se a discussão de um humanismo atento às exigências de uma nova ordem planetária. A base de referência teórica de sustentação desta pesquisa ancora-se em Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Henri Atlan e Leonardo Boff e Baruch Spinoza.

**Palavras chave:** *Evangelii Gaudium*. Complexidade. Reforma da Igreja.

## RESUMEN

El texto discute el modelo de Iglesia expuesto en la exhortación apostólica *Evangelii Gaudium* (2014), texto que revela el deseo de Jorge Mario Bergoglio, el Papa Francisco, de una reforma política de la institución eclesial romana atenta al acogimiento y a la tolerancia religiosa en tiempos de exacerbação de fundamentalismos e indiferencia de la existencia. Se comprende en ese documento un esfuerzo de evangelización de base compleja que posibilite el diálogo con la diversidad religiosa y el respeto al pluralismo de ideas. Abre la discusión de un humanismo atento a las exigencias de un nuevo orden planetario. La base de referencia teórica de esta investigación, es Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Henri Atlan, Leonardo Boff y Baruch Spinoza.

**Palabras clave:** *Evangelii Gaudium*. Complejidad. Reforma de la Iglesia.

## INTRODUÇÃO

Os valores humanos estão a cada dia mais distantes da humanidade, as leis superam a moral, as regras se tornam cada dia mais injustas e assim, “partimos do pressuposto de que estamos dentro de uma situação de crise, mas não de tragédia. Toda crise acrisola, decanta e liberta as energias construtivas. A crise implica transição e passagem” (BOFF, 2005, p.9). A passagem não implica demolição, mas sim restauração. É preciso mudar as regras sem perder seus valores.

Para tanto, o assunto abordado apresenta alguns desafios e contribuições que o atual pontífice Jorge Mario Bergoglio, o então Papa Francisco, tem não só para a Igreja Católica, mas para toda a sociedade. Metodologicamente, o presente trabalho insere-se num exercício de revisão bibliográfica. Tem como principal fonte alguns dos documentos eclesiais e muitos deles de autoria ou participação do Papa Francisco. Além de livros, artigos e internet.

O trabalho se insere no contexto religioso, cultural e social, tendo em vista a atuação do Papa Francisco em todos os contextos da sociedade, enquanto líder que atua tanto no âmbito religioso quanto no âmbito político e social. Assim, será analisada sua influência e contribuição nos primeiros anos de seu pontificado como líder religioso, tendo como objetivo geral, discutir a concepção de Igreja do Papa Francisco e revelar fragmentos de sua história de vida como atributos que lhe conferem conhecimento de causa para lidar com temáticas como periferias existências, evangelho da alegria e revolução da ternura.

Papa Francisco, vem fazendo revelar ou redescobrir os valores de um cristianismo humanista, tendo em vista que, o ser humano enquanto ser transcendental procura constantemente estar em harmonia com seu ser divino. No entanto, a religião, seja ela qual for, precisa corresponder a esta expectativa, sendo necessário abertura a toda humanidade, buscando valores pautados na cultura do encontro e do bem comum. Sem esses valores, a humanidade padece vivendo à margem num tipo de opressão que ultrapassa a dimensão socioeconômica e insere-se no âmbito existencial, subjetivo num tempo em que não se busca a solidariedade, mas o benefício individual e consumista. Até mesmo no interior da própria Igreja. As funções, movimentos e pastorais estão se comportando muitas vezes como departamentos de uma empresa que busca cada dia mais crescer no lucro e na competitividade, assim, os exemplos deixados por Jesus Cristo, não se concretizam e o verbo não se faz carne.

Estamos vivendo num mundo paradigmático por dois modelos de existir: o da conquista e o do cuidado. A conquista, desde o século XVI, vem predominando até os dias de hoje. Conquistar terras, povos, tudo aquilo que for possível no planeta inteiro. De fato, houve conquistas, mas, com muitas injustiças, à custa de muitas vidas e culturas. O que houve, na realidade, foi devastação, saques e destruição. Contrapondo a isso, vem o cuidado. O cuidado cura as feridas passadas e impede as feridas futuras. Uma relação amorosa, amigável e protetora para com o ser humano, baseada no afeto. Esse segundo modelo hoje, é fundamental! Não se trata apenas de um ato de cuidar pontualmente. Trata-se de uma atitude permanente, uma nova forma de organizar nossa relação em sinergia para com o próximo, respeitando o tempo de cada um, protegendo seus limites e seus alcances.

O trabalho será dividido de forma a apresentar fragmentos da história de vida de Jorge Mario Bergoglio, fazendo uma discussão sobre o que é Igreja, abordando o seu papel no mundo, mostrando seus desafios e contribuições.

## **O SACERDOTE DO “FIM DO MUNDO”**

Jorge Mario Bergoglio foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969, três dias antes de completar 33 anos. Uma de suas paixões foi a Ordem dos Jesuítas, uma das principais dentro da Igreja, na qual ingressou aos 21 anos e à qual teve de renunciar, em 1992, para se tornar bispo auxiliar da cidade de Buenos Aires na Argentina. Função que só foi aceita devido aos votos de pobreza, castidade e obediência, feitos por ele diante da Igreja. É pela obediência que ele também aceitou sua eleição ao papado anos mais tarde.

Irmãos e irmãs boa noite! Sabeis que o dever do conclave era de dar um bispo a Roma. Parece que meus irmãos cardeais foram buscá-lo quase ao fim do mundo. Mas estamos aqui... Agradeço-vos o acolhimento da comunidade diocesana de Roma e ao seu bispo. Antes de mais nada, queria fazer uma oração pelo nosso bispo emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele. Para que o Senhor o abençoe e a Senhora o proteja. Pai nosso que estás nos céus (...). E agora, começamos esse caminho, bispo e povo, esse caminho da Igreja de Roma, àquela que preside na caridade todas as igrejas. Um caminho de fraternidade e amor, de confiança entre nós. Vamos rezar sempre por nós, um pelo outro. Vamos rezar por todo o mundo, para que exista uma grande fraternidade. Desejo que esse caminho de Igreja que hoje começamos seja frutuoso para a evangelização dessa

belíssima entidade. E agora gostaria de dar a bênção, mas antes peço um favor, antes que o bispo abençoe o povo, peço que vocês rezem ao Senhor pedindo a bênção para seu bispo. (PAPA FRANCISCO – primeiro discurso em público. 13/03/2013).

Bergoglio, o sacerdote que construiu seu pastoreio no serviço, no contato direto com os problemas do povo e na percepção das carências e necessidade do povo da periferia da América do Sul, que em geral são as carências e necessidades de todos os despossuídos do planeta. Agora Papa, sua vontade continua a ser sempre a de estar no meio do povo, conhecendo suas realidades e lutas. Talvez por isso, estando hoje no Vaticano, vez por outra surpreende a imprensa internacional com o rompimento de protocolos necessários a um chefe de estado, mas que para ele nada mais são do que atitudes pautadas na simplicidade que fazem parte de sua personalidade e ação. Humildade, simplicidade e pobreza são características do homem por trás do líder religioso. Hoje, portanto, tenta continuar com esse caminho baseado nesses três princípios, não em seu sentido miserável, mas no sentido de compadecimento para com a dor do outro; aquilo que funda a verdadeira ideia de caridade. Leonardo Boff escreve que “pobreza é um modo de ser pelo qual o homem deixa as coisas serem; renuncia a dominá-las e a submetê-las e a serem objeto da vontade de poder humano. Abdica de estar sobre elas para colocar-se junto delas” (1981, p. 55).

Em síntese, o papa do fim do mundo, expressão alusiva à dimensão austral em que se encontra a Argentina com relação ao centro da Igreja Católica em Roma, por 32 prestou obediência como religioso à Companhia de Jesus até ser nomeado arcebispo auxiliar da Arquidiocese de Buenos Aires, ocasião em que se desculpou como deve fazer todo jesuíta. Na ocasião de sua nomeação, o então Papa João Paulo II, exigiu que ele aceitasse a nomeação. Sua resistência em aceitar altos cargos dentro da Igreja é o fato de ele querer fazer parte da vida do povo e por isso, preferia ser somente um simples padre.

Franciscanos e Jesuítas têm algo em comum: sua predileção pelos pobres. Embora ideologicamente procedam de vertentes distintas, essas duas ordens, como os dominicanos e os capuchinhos, são atualmente as principais dentro da Igreja. Segundo os relatos de entrevistas com amigos de Bergoglio, como o padre Roberto Musante (que hoje está à frente da missão em Angola), Jorge Bergoglio ingressou na ordem tendo influência direta do Padre Enrique Pozzoli, da comunidade salesiana de Almagro, na basílica de Maria Auxiliadora.

Este padre foi uma das principais pessoas que o influenciou em sua caminhada vocacional. Quando Bergoglio pensou em entrar para a Companhia tinha apenas 17 anos e teve que esperar mais três, ingressando no Seminário Metropolitano ao completar 21 anos.

Em 11 de março de 1958, aos 22 anos, ingressou no noviciado, mais uma etapa da formação sacerdotal. Foi o primeiro passo dentro da carreira de sacerdócio, que anos depois o levaria a Roma. Vale lembrar que educar um jesuíta implica em prepará-lo para o oposto de ser Papa. Em 12 de março de 1960, fez seus primeiros votos como jesuíta, sendo transferido para o Seminário Jesuíta do Chile pouco depois.

Em uma de suas primeiras declarações como Papa, deixou claro seu pensamento acerca da Igreja: “Quero uma Igreja pobre para os pobres,” foi assim que Francisco descreveu o caminho do seu pontificado numa audiência concedida à imprensa internacional do Vaticano. Na ocasião ainda referiu-se à escolha de seu nome de pontificado: “Francisco para mim é o homem da pureza, o homem da paz, o homem que toma conta de toda criação, o homem pobre. E eu quero uma Igreja pobre para os pobres”<sup>16</sup>. O fruto desencadeante desse pensamento foi entrar em contato direto com os pobres e suas necessidades.

Para dar uma rápida ideia da anterioridade da opção de Bergoglio pelos pobres, Evangelina Himítiam (2013), relata:

Nesse trecho da carta, escrita a máquina, costume que manteve até o último dia como arcebispo de Buenos Aires e cardeal primaz da Argentina, Francisco, que então tinha 23 anos, abriu seu coração. Doía-lhe a dor alheia. Sentia frio daqueles que não tinham um casaco e estremezia ao pensar que uma criança não tinha o que comer. (HIMITIAN, 2013, p. 40).

Em 1964 e 1965, aos 28 anos, Bergoglio chegou à Instituição de Santa Fé para ensinar Literatura, Psicologia e Arte. Depois de dois anos trabalhando nessa instituição, voltou para Buenos Aires e continuou lecionando por mais um ano no Colégio Máximo de San José. No dia 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote. Em 1973, tornou-se autoridade máxima da Ordem Jesuíta na região, tendo apenas 36 anos de idade e quatro como sacerdote da ordem. Em 1979, terminou seu mandato como provincial da Companhia

---

<sup>16</sup> <http://pt.euronews.com/2013/03/16/francisco-uma-igreja-pobre-para-os-pobres/>

com um gosto amargo por não ter conseguido evitar a fratura da ordem devido à politização da missão.

A opção preferencial pelos pobres, pregada no Concílio Vaticano II (1961 a 1965), pôs os menos favorecidos no centro da Igreja. Assim, entra em cena o conceito mais caro ao então sacerdote Bergoglio: “a piedade popular”. Trata-se de exercitar a escuta do pobre para com ela aprender e buscar a ação. Esse é o espírito do Papa Francisco ou simplesmente bispo de Roma.

O concílio Vaticano II (1962-1965) significou, principalmente, um esforço coletivo de codificação da fé cristã em resposta às exigências do homem moderno; é o seu grande valor teológico. Ao mesmo tempo encerra, oficialmente, uma era da Igreja, aquela do regime de cristandade, com o tipo específico de presença cristã dentro da sociedade; é o significado de presença cristã dentro da sociedade; é o significado cultural do Concílio. (BOFF, 1981, p. 129).

Não é a toa que Bergoglio escolheu por nome Francisco. Francisco, simboliza um projeto de Igreja, uma Igreja simples, humilde, pautada na missão através do trabalho e o devido valor que o ser humano precisa ter: uma vida digna. Seu espírito é de reformador, no sentido de corrigir erros, de reparação, reorganização, mudança para melhor, assim, vem propondo uma correção, emenda e revisão em todos os âmbitos da Igreja, começando por ele mesmo. O conceito “reforma” entra novamente na linguagem cotidiana da Igreja católica. Vive-se na expectativa de reformas, uma nova forma de exercer o poder na Igreja, com um clima propício para o diálogo sobre as decisões a serem tomadas. Há um revigoramento da ação pastoral, há mudanças profundas na administração financeira e isso acontece na esteira dos ensinamentos do Concílio Vaticano II.

Assim, o Papa Francisco está inovando o modelo de Igreja já existente. Do mesmo modo, como fez São Francisco de Assis quando ouviu: “Francisco, reconstrói a minha Igreja”.

Diante do Crucifixo, ele escuta a voz de Jesus que lhe diz: “Francisco, vai e repara a minha casa”. E o jovem Francisco responde, com prontidão e generosidade a esta chamada do Senhor: “Repara a minha casa”. Mas, qual casa? Aos poucos, ele percebe que não se tratava de fazer as vezes de

pedreiro para reparar um edifício feito de pedras, mas de dar a sua contribuição para a vida da Igreja; tratava-se de colocar-se ao serviço da Igreja, amando e trabalhando para que transparecesse nela sempre mais a face de Cristo'. (PAPA FRANCISCO, JMJ, p. 31).

Francisco de Assis foi obediente a Igreja dos Papas no seu tempo e também é criador de uma Igreja popular. É importante dizer que São Francisco de Assis, só se tornou padre bem depois de sua caminhada junto ao povo. Ele reformou a Igreja não porque tinha o poder vindo do clericalismo; ele reformou junto ao povo, aos mais excluídos e necessitados, indo de frente as injustiças vigentes da época.

## FRANCISCO E UMA IGREJA DE BASE COMPLEXA

Para iniciar sua atividade papal, nos primeiros meses de pontificado, o Papa Francisco elegeu oito cardeais vindos dos cinco continentes para formar o chamado G8 para discutir uma reforma na administração da Igreja, portanto da cúria romana, inaugurando uma nova forma de consultoria na Igreja. Os cardeais ficaram reunidos em três dias de reuniões em que oitenta documentos foram apresentados ao Papa. Os cinco cardeais estudaram a constituição apostólica *Pastor Bonus* promulgada por João Paulo II em 1988 e que trata do universo de atribuições da cúria romana. Tal documento permitiu não somente as últimas mudanças na cúria, mas propõe a reforma na cúpula da Igreja. Bergoglio acusou a cúria de vaticanocentrismo, ou seja, limitada a pensar a totalidade da Igreja tendo como referência apenas os limites da realidade do Vaticano. A partir daí, propõe uma Igreja descentralizada e em comunhão com todas as realidades pastorais do mundo. Essa descentralização, o renovo da Igreja está pautada em ações de base complexa.

Pensar uma Igreja de base complexa é perceber e acolher que dentro de uma estrutura uma está irremediavelmente presente a multiplicidade de formas de fazer e de ser Igreja; é perceber que é essa multiplicidade e pluralidade de rostos, cores e formas que dá um caráter universal a uma instituição que prevalece há dois milênios.

Embora o Papa Francisco não trate da questão unidade e multiplicidade da Igreja utilizando-se da expressão complexidade, assim a percebemos baseado na ideia de

complexidade me sua raiz etimológica, conforme aborda Edgar Morin. Complexo vem de *complexus*, aquilo que é tecido em conjunto. Uma Igreja alinhada com o espírito do tempo presente precisa ser plural, engajada, acolhedora, autocrítica e ativa em ações concretas.

Para tanto, não deve ser demasiado burocrática ou doutrinária – mas missionária, alegre e aberta aos laicos, ou seja, ao povo que a ela recorre. Essa reforma tornará as questões mais claras no que diz respeito à questão financeira, da qual, veio à tona com o *vatileaks*<sup>17</sup>; à maior facilidade de fazer um balanço financeiro, elaboração de orçamentos anuais. Em outras palavras, muda-se a questão administrativa e financeira do vaticano, descentraliza-se o poder.

Para além das questões financeiras, o líder maior da Igreja de Roma pede que seus ministros ordenados ou não permitam-se arregaçar e sair ao encontro do outro. Diz na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, em português, “Evangelho da Alegria”:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muita vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar as próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos vivendo sem sonho sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. (EVANGELII GAUDIUM, p.42)

Dessa forma, é preciso sair e ultrapassar as periferias existenciais instauradas na vida em sociedade. Esse é um dos trabalhos primeiros do Papa Francisco já que, a periferia existencial não é um bairro, uma rua, uma cidade ou outro tipo de demarcação geográfica. Ela é o vazio da vida, é a falta de sonho, de utopias, de esperança. Lamentavelmente o mundo está cheio de periferias existenciais. A sociedade está cheia de pessoas que tem casas confortáveis, cheias de móveis, com geladeiras cheias de comida, com dinheiro no banco, com carro e coisas semelhantes. No entanto, essas mesmas pessoas sentem-se cada vez mais

---

<sup>17</sup> *Vatileaks* é o nome dado ao escândalo envolvendo documentos secretos que vazaram do Vaticano que revelam a existência de uma ampla rede de corrupção, nepotismo e favoritismo relacionados com contratos a preços inflacionados com os seus parceiros italianos. Este termo foi usado pela primeira vez pelo porta-voz do Vaticano Federico Lombardi, em comparação com o fenômeno Wikileaks.

infelizes, vazias, sem sonhos, sem projetos que possam dar um sentido maior a suas vidas. Muitas vezes essas mesmas pessoas, para poderem suportar o vazio da vida e do cotidiano, precisam recorrer a algum tipo de vício ou de experiência traumática, como por exemplo, o uso de drogas, o excesso de bebidas alcoólicas, de remédios antidepressivos e coisas semelhantes.

O Papa Francisco convoca homens e mulheres de boa fé a irem combater a pobreza material, dentro das periferias materiais, mas ainda adverte que se as periferias existenciais não forem alcançadas, se a pobreza existencial, a falta de sonho e de esperança, não for combatida, muito provavelmente a pobreza material irá crescer e se multiplicar. Por isso, o apelo da vivência de comunidade vinda dos primeiros cristãos, “eles partilhavam tudo entre si”. Viviam uma espiritualidade espontânea e profunda.

É uma proposta de abertura à espiritualidade em complementação à religiosidade e suas normas e repetições. Assim, temos por definição a espiritualidade como: “Relação com o sagrado ou o transcendente (Deus, poder superior, realidade última) (Koenig *et al.*, 2001). E religiosidade sendo um “sistema organizado de crenças, práticas e símbolos desenvolvidos para facilitar a proximidade com o sagrado ou transcendente”. (Koenig *et al.*, 2001). Ambos os termos são parecidos e um não pode submergir o outro, mas sim devem se completar. Deste modo a religiosidade deve estar dentro da espiritualidade de cada realidade de comunidades, povos e culturas, estando a espiritualidade particularmente dentro de cada ser humano, religioso ou não.

Assim, é preciso viver o sentido da verdadeira comunidade, aquela que, a exemplo dos primeiros cristãos, partilhavam tudo em comum, tendo em vista que:

Aprofundou-se a ideia de fraternidade cristã, de tal forma que as comunidades sentiam-se responsáveis umas pelas outras. Os membros da comunidade se tratavam como irmãos e se distinguiam dos costumes pagãos. O sentimento de irmandade se expressava no cuidado e na assistência a todos que necessitavam de auxílio, especialmente viúvas, desempregados, presos, órfãos, velhos e doentes. (COMUNIDADE DE COMUNIDADES, p. 64).

O cuidado de uns para com os outros é essencial para a manutenção da Igreja comunidade. “Vejam como eles se amam”, assim viviam os primeiros cristãos.

Assim, ninguém ficava excluído e a Igreja se tornava comunidade onde se vive a comunhão fraterna e a partilha. Partilha dos costumes, das crenças, da fé e principalmente da vida. A importância de conhecer uns aos outros gera a confiança, o sentimento fraternal e humano. Assim uns ajudam aos outros para a vivência concreta da fé pessoal de cada um.

Portanto, a Igreja sendo lugar da abertura e do acolhimento, proporciona o encontro entre a ação de Deus e a atuação humana, que apesar de viver na história e no tempo, destina-se à eternidade e que deveria ser a grande missão da Igreja buscar desenvolver a cultura da proximidade e do encontro.

## A VIRTUDE DA ACOLHIDA

A experiência encarnada do acolhimento no cotidiano nem sempre acontece. Opta-se cada vez mais pelo desprezo ou a repugnância daquilo que parece estranho ou diferente. Muitas vezes católicos migram para outras religiões porque nestas outras se sentem mais acolhidos e notados. A acolhida não se resume a um grupo de pessoas que ficam na porta da Igreja distribuindo um jornal de cânticos. A acolhida começa pelo olhar sem julgamento, pelo abraço sem desprezo e pelo ombro amigo disposto a enxugar suas lágrimas e mostrar um novo caminho, uma nova esperança. “São valores que movem os seres humanos. São virtudes que transformam as práticas para que sejam benfeitoras à vida dos seres humanos e da terra, nossa casa comum” (BOFF, 2005). Segundo o dicionário de filosofia (2001), "Virtude" (do latim "virtus" que significa força viril) designa o poder de uma coisa para produzir determinados efeitos. Em termos filosóficos, a virtude designa um conjunto de características que contribuem para que o indivíduo tenha uma vida boa, nomeadamente a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça (as chamadas "virtudes cardeais"). Quanto à Aristóteles, este define a virtude como aquilo que completa de forma excelente a natureza de um ser: enquanto para um pássaro a virtude pode ser o voar depressa, para o Homem a virtude será agir conforme a razão. A virtude não é aquilo que nos torna mais felizes, mas

aquilo que nos torna dignos de ser felizes. Assim a virtude da acolhida é a primeira de todas as outras virtudes. Portanto, para Francisco, a Igreja é o lugar do acolhimento:

Jesus também apresentou quatro recomendações para a missão dos discípulos: *hospitalidade* (...), os discípulos e as discípulas não deveriam levar nada, nem mesmo duas túnicas (cf. Mt 10,9-10). *Partilha*: não deveriam ficar de casa em casa, mas hospedados na primeira casa em que fossem acolhidos, (...), (cf. Lc 10,7). *Comunhão de mesa*: deveriam comer o que o povo lhes oferecesse (cf. Lc 10,8) (...). *Acolhida dos excluídos*: por isso curavam os doentes, libertavam os possessos purificavam os leprosos (cf. Lc 10,9; Mt 10,8)". (COMUNIDADE DE COMUNIDADES, *ibid*, p.46).

Essas virtudes sustentavam a vida dos discípulos de Jesus, e deve ser também a vida da missão da Igreja que para tanto, precisa sempre está de portas abertas para acolher a todos, pois os homens:

Não precisam só de coisas, precisam sobretudo que lhes sejam propostos aqueles valores imateriais que são o coração espiritual de um povo, a memória de um povo (...): espiritualidade, generosidade, solidariedade, perseverança, fraternidade, alegria; trata-se de valores que encontram a sua raiz mais profunda na fé crista (PAPA FRANCISCO, JMJ, *ibid*, p. 15).

Os bons atos são essenciais à vida de todo ser humano e faz parte da condição humana. A generosidade significa partilha, doação. Ela se torna plena quando somos capazes de doar a nós mesmos, o nosso tempo, um abraço, um ouvido sempre disposto a escutar.

Portanto, a Igreja como “totalidade do povo de Deus” é mãe também, a mãe gera, amamenta, cuida e os prepara para uma vida de dignidade, responsabilidade e de compromisso de uns para com os outros. Somos uma grande família, o que nos une é nossa humanidade e está pautada ou não em valores cristãos, deve correr nas veias o sangue da acolhida. Somente quando formos capazes de acolher o outro, temos condições de crescer na fé, na esperança e na caridade, pois:

Não é a cultura do egoísmo, do individualismo, que frequentemente regula a nossa sociedade, aquela que constrói e conduz a um mundo mais habitável; não é ela, mas sim a cultura da solidariedade; a cultura da solidariedade é ver no outro não um concorrente ou um número, mas um irmão. E todos nós somos irmãos! (PAPA FRANCISCO, JMJ, *ibid*, p. 31).

Fé, esperança e caridade, consideradas três virtudes teológicas, são essenciais não só à vida dos cristãos, mas também indispensáveis na vida de todo ser humano.

As virtudes teológicas fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão. Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para serem capazes de agir como seus filhos e merecer a vida eterna. São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. (CIC, p. 1813).

Sendo todos irmãos e irmãs e nos tratando como tal, a cultura do individualismo tende a desaparecer e fazer aflorar um mundo mais justo e solidário, aquele pregado por São Francisco de Assis e tão urgente e necessário a todo ser humano.

## PARÓQUIA ROSTO DA IGREJA

Tendo em vista que o processo de secularização diminuiu a influência da paróquia sobre o cotidiano das pessoas, há dificuldades para que seus membros se sintam participantes de uma autêntica comunidade cristã. Para tanto, cresce o desafio de renovar a paróquia em vista de sua missão já que “Há séculos a paróquia tem sido a presença pública da Igreja nos diferentes lugares. (...) Sua configuração social, entretanto, tem sofrido profundas alterações nos últimos tempos” (Documento CNBB, 100, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, p. 11).

Por paróquia entende-se, no geral, que é uma subdivisão territorial de uma diocese. Na Igreja Católica a definição de paróquia é dada pelo Código de Direito Canônico que declara: “Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano” (Cân. 515 § 1º). Determina ainda o Direito Canônico que

“toda diocese ou outra Igreja particular seja dividida em partes distintas ou paróquias”. (Cân. 374 § 1º).

Assim, o Papa Francisco está propondo uma nova visão do que seja paróquia que, para tanto, não é uma estrutura ultrapassada apenas, necessita de constante renovação para se adequar aos novos modelos de sociedade, como é proposto na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) onde propõe a revisão da situação atual da paróquia que, apesar de parecer superada, “não é uma estrutura caduca, precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor e da comunidade” (EG, n. 28).

Assim, a Igreja se mostra pelo rosto da paróquia e esta precisa corresponder aos apelos da sociedade vigente, que para tanto necessita do apoio e do empenho de toda a Igreja. E para se comunicar com o mundo atual precisa pôr em prática o que foi proposto desde o Concílio Vaticano II e reforçado na Conferência de Aparecida que inclui a ideia de descentralização do poder para dar abertura ao povo enfatizando a Igreja como totalidade do povo de Deus. Entretanto, não veio à prática, porém o Papa Francisco retoma essas ideias e as atualizam para que a Igreja possa se tornar o lugar do encontro e da acolhida.

O Papa Francisco vem inaugurando um tempo novo na Igreja com relação também às questões doutrinárias. Para ele o corpo de Cristo também é o corpo que sofre, que padece. “vocês que são a carne de Cristo”. Hoje a Igreja precisa urgentemente abrir as portas para abraçar a todos e principalmente os que sofrem, os que não se sentem parte do corpo de Cristo. Conseqüentemente “as comunidades da paróquia precisarão acolher a todos, em especial os moralmente perdidos e os socialmente excluídos” (Documento CNBB, 100, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, 2014, p. 144). Pois, o amor precisa ser radicado no amor a Deus e ao próximo aqui se dilata toda doutrina, regras e normas.

O trabalho por uma Igreja inclusiva, alegre e acolhedora passa por todos aqueles que vivem o contexto eclesial já que o Papa Francisco não demonstra pretensão de dar uma resposta definitiva ou completa a todos os problemas vigentes, mas sim iluminar e abrir caminhos para a Igreja nos próximos anos. Caminhos este já iluminado pelo Concílio Vaticano II, onde o povo se tornou parte fundamental na Igreja “Cristo é a cabeça e nós os membros”.

A doutrina da Igreja precisa ser partilhada e não imposta como uma obrigação, ela não pode ser propriedade privada, mas sim, quando vivida em sua essência, aquela deixada pelo exemplo de Jesus Cristo presente em “amai-vos uns aos outros como eu vós amei” (Jo, 13, 34). Esse é o mandamento do amor e o resumo da lei, que, quando vivida no amor se torna um bem precioso à sociedade e, assim sendo, precisa ser derramada gratuitamente e livremente já que “a Igreja não cresce por proselitismo, cresce por atração do testemunho alegre do anúncio de Cristo ressuscitado. (...) Sem este gozo, sem esta alegria não se pode fundar uma Igreja, não se pode fundar uma comunidade cristã. É uma alegria apostólica, que se irradia, que se expande”, assegurou o Pontífice durante a cerimônia realizada na igreja romana de Santo Inácio na missa em ação de graças pela canonização de São José de Anchieta em abril de 2014. Para tanto, precisamos criar o hábito da cultura do encontro. Evangelizar significa não impor ordens, preceitos, normas, mas sim apresentar algo apetecível. Precisa-se mostrar o lado religioso, cultural e humano que existe na religião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Papa Francisco, um papa ecumênico, que vive próximo ao povo, simples, amigo dos pobres, vem conseguindo ultrapassar as periferias existências tão presente na sociedade. Assim, Francisco, representa um projeto de Igreja, um novo começo para a Igreja Católica, um pontificado presidido na caridade e no diálogo como ele mesmo fala. É aberto aos temas mais polêmicos da Igreja como: aborto, homossexualidade, adoção de crianças por casais de mesmo sexo, questões anteriormente blindadas ao diálogo. Falar desses temas é um jeito de acolher sensivelmente a realidade de cada um, conhecer seus desafios e necessidades. Mas as mudanças que necessitam acontecer na Igreja não são transformações simples; elas são fruto de uma profunda mudança de mentalidade, o que demanda tempo e esforço, além de formação contínua e autêntica.

Pensar complexo é urgente, mas para isso é preciso reformar o próprio pensamento como sugere Edgar Morin. Para muitos fiéis, a Igreja se tornou uma empresa prestadora de serviços religiosos em que se contrata o batismo, o casamento; em que se vive a experiência religiosa, mas não a experiência de fé necessariamente. Essas ocorrências acabam por deixar as pessoas “engessadas”, impossibilitadas de crescer na fé, na esperança e na caridade,

passos fundamentais para o crescimento social em busca da justiça, da solidariedade e da igualdade. Parece obvio, mas não é! Nenhuma cultura é homogênea nem caminha para ser. O ser humano só cresce através desse encontro com o diferente.

Assim sendo, não existe a verdadeira crença, esta se encontra sempre infiltrada na cultura e que por isso não pode ser rebaixada, mas sim explorada para que o homem se torne cada vez mais humano e compassivo à dor e necessidades do seu semelhante. Essa é a verdadeira crença quando se é capaz de igualar os crentes em processos que envolva os valores humanos como a solidariedade, compaixão, respeito, igualdade e principalmente o amor, que se radica na alegria do encontro.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade, direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **São Francisco de Assis: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO 1983. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COMUNIDADES DE COMUNIDADES: Uma nova paróquia. **Documento 100 – CNBB**. 2014.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto concluído da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo. Paulinas, Paulus e CNBB, 2007.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. **Evangelii Gaudium (A Alegria do Evangelho)**. São Paulo. Paulinas, 2013.

HIMITIAN, Evangelina. **A vida de Francisco: o papa do povo**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2013.

MOURA Ferrater. **Dicionário de Filisofia**. Ed. Loyola, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método 4: A Vida das Ideias**. São Paulo: Bertrand, 2005.

PAPA FRANCISCO NO BRASIL. **Viagem Apostólica ao Rio de Janeiro por ocasião da XXVIII Jornada Mundial Da Juventude**. Rio de Janeiro, 2013.

<http://www.significados.com.br/dogma/> acesso em 10/11/2014.

<http://www.brazilsite.com.br/religiao/catolica/cat02.htm/> acesso em 02/12/14.

<http://wiki.cancaonova.com/index.php/Conclave/> acesso em 02/12/14.

<http://www.amoranossasenhora.com.br/> acesso em 20/12/2014.

<http://pt.euronews.com/2013/03/16/francisco-uma-igreja-pobre-para-os-pobres/> acesso em 09/12/2014.

## **A NECESSÁRIA METAMORFOSE DE UM MESMO INTELECTUAL: PRIMEIRA INCURSÃO**

Miriam Flávia Medeiros de Araújo  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRN)  
E-mail: Miriam\_cefet@yahoo.com.br

Profª Dra: Ana Laudelina Ferreira Gomes  
Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN  
E-mail: analaudelina@uol.com.br

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma primeira incursão na pesquisa em andamento para a escrita de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem como objetivo apresentar o andamento e proposições de uma pesquisa que deseja mostrar a metamorfose de pensamento de um intelectual. A intelectual em questão é Dalcy da Silva Cruz, uma militante do pensamento e educadora cuja trajetória de vida está atrelada a história do ensino das Ciências Sociais no Estado do Rio Grande do Norte/Brasil Metodologicamente, optou-se apresentar fragmentos da trajetória de vida de Dalcy baseados em escritos autobiográficos de seu memorial intercalando com os primeiros autores lidos, o qual destacamos Morin (2013), Estérs (1998) e Agamben(2009). Entendendo que toda metamorfose é críscica, tentaremos perceber nas descontinuidades e rupturas na vida de Dalcy o que constitui um intelectual.

**PALAVRAS CHAVE:** Intelectual. Metamorfose. Educadora.

### **ABSTRATC**

This work presents a first incursion in the ongoing research, to write a dissertation for a master's degree in the Post Graduation Program in Social Science by the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). Has as objective, present the course and propositions of a research that aspires to show the metamorphosis of thought of an intellectual. The intellectual in case is Dalcy da Silva Cruz, a militant of thoughts and educator, whose trajectory of life is linked to the education of Social Science in the state of Rio Grande do Norte/Brazil. Methodologically, it was chosen present the trajectory fragments from the life of Dalcy, based in autobiographic texts of her memorial, interleaving with the first authors read, which we highlight Morin (2013), Estérs (1998) and Agamben (2009). Understanding that every metamorphosis is a crisis, we will try to realize in the discontinuities and ruptures of Dalcy's life, which constitutes an intellectual.

**KEYWORDS:** Intellectual. Metamorphosis. Educator.

## INTRODUÇÃO

Quem conta uma história, faz necessariamente apelo à memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista. Ao relatar sua história de vida, o narrador apresenta parte dos fatos e eventos que a constituíram de acordo com a situação e com as relações que ocorrem durante a própria narrativa. No entanto, nem sempre tal processo é consciente, ele contém continuamente dimensões que escapam ao próprio narrador. A memória é processual e situada, ela vai construindo-se e desenhando sentidos (sempre parcelares) na relação que estabelece entre experiência passada, presente e projeção de futuro (desejo) e, igualmente, com a subjetividade daquele que escuta, num processo dialético entre a subjetividade do ouvinte e a do narrador. Para Laurence Bardin (1997), na elaboração do discurso

é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições (p.170).

Nesse sentido, Garcia Márquez (2003) nos convida à reflexão na epígrafe do seu livro autobiográfico “Viver para contar”, na qual escreve que a vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda e como recorda para contá-la. Para tornar a realidade inteligível, portanto, as pessoas necessitam organizá-la por meio de narrações que estão em permanente movimento de intercâmbio e em conexão com outras histórias.

Ainda nesse contexto de memória e história, se faz importante ressaltar toda a riqueza que se constrói em termos de conhecimento quando o indivíduo relata a sua história de vida. Destacamos aqui que, as contribuições e aprendizagens depreendidas da narrativa de uma história de vida podem refletir de maneira positiva ou não nos dias atuais.

Quase sempre o pensamento formado em um contexto, sofre uma espécie de metamorfose com o passar do tempo, por diversos motivos: mudanças políticas, sociais,

emocionais, dentre outras. O que um mesmo sujeito pensava e acreditava em uma determinada época de sua trajetória de vida, pode até manter-se em alguns aspectos, mas também, pode ser mudado com o passar dos anos. Pode ainda acoplar-se de novos pensamentos ou negar vivamente ideias anteriores. O mais dificultoso e raro nesse processo é assumir essa metamorfose e pensá-la como necessária e urgente para que sejamos capazes de “pensar bem”, ou seja, elaborar ideias, estratégias e ações com o que temos à nossa disposição para fazer ampliar as possibilidades de vida do que nos cercam, conforme aceitação de Maria da Conceição de Almeida (2007). Mas, assim como na metamorfose da lagarta em borboleta na qual muda-se a composição física, mas o sistema nervoso central permanece (MORIN apud ALMEIDA, 2012), na metamorfose da vida de um sujeito há sempre um “essencial que permanece”, conforme expressão de Clarissa Pinkola Estés (1998).

A reflexão a respeito da necessária metamorfose de um mesmo intelectual proposta neste trabalho, iniciou-se no ano de 2010 quando nos aproximamos da professora Dalcy da Silva Cruz, num exercício de orientação de um trabalho acadêmico de graduação em Geografia (IFRN). A partilha generosa das experiências de trabalho e vida de Dalcy levaram-nos a fazer vários questionamentos: como desfazer-se de ideias necrosadas do passado? É possível mudar de ideia a respeito de um mesmo fenômeno? E mais: É possível assumir uma outra lente para ver o mundo e a vida? O passar dos dias e a consolidação de uma amizade com Dalcy proporcionou a problematização deste projeto que propõe fazer emergir sua trajetória de vida por meio da sinalização das metamorfoses que ela se propôs a viver na academia, nas amizades, nas ideias, na vida. À medida que reconstruímos a história vamos discutir a metamorfose como uma atitude necessária a uma “política de humanidade” (MORIN, 2013).

Uma pesquisa desta natureza faz-se importante por diversos pontos que podemos situar como intelectuais e, sobretudo, políticos.

A história de Dalcy da Silva Cruz, atualmente com 84 anos de vida, confunde-se com a história das Ciências Sociais no estado do Rio Grande do Norte; com a federalização do ensino superior; com a história da Fundação José Augusto; com a estruturação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); com a discussão ampliada da Reforma Agrária brasileira e latino-americana; com a discussão sobre aquele que ela chama de “intepretador da cultura brasileira”, tão caro às Ciências Sociais, Caio Prado Júnior.

Além disso, que por si só já toca em situações socio-históricas e geopolíticas importantes para o Rio Grande do Norte, o Brasil, a América Latina e para as Ciências Sociais, Dalcy é mulher, militante, professora, intelectual, uma leitora voraz de clássicos da literatura, da pintura e das Ciências. Uma curiosa por opção que não se contentou com a vida rural e de baixa escolaridade fatalmente apontada para ela.

Como objetivo geral buscamos perceber e sinalizar por meio da escrita da trajetória de vida de Dalcy da Silva Cruz a metamorfose de seus pensamentos, atitudes e ideais procurando apontar o essencial que permanece. Quanto aos objetivos específicos destacamos aqui: discutir a metamorfose das ideias como uma atitude de politização da Ciência e da vida; Problematizar a importância de contar a própria história para inseri-la num contexto global; Situar a importância de Dalcy da Silva Cruz na construção das Ciências Sociais no Brasil.

Abordar como problema de pesquisa e estratégia de método a construção de uma história de vida requer como uma de suas principais características o estabelecimento de um vínculo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Teresa Maria Frota Haguette(1992) sugere que o método de história de vida, dentro da metodologia da abordagem biográfica relaciona duas perspectivas metodológicas podendo ser aproveitado como técnica ou captação de dados.

Já para Nogueira(2004) a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa, onde possa haver uma relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados, havendo assim a possibilidade de nova ressignificação daquele que narra sua história.

O exercício de retomada de trajetórias de vida opera numa relação recursiva: ao mesmo tempo em que faz com que pensadores de referência tornem-se sujeitos de carne e osso pelo reconhecimento dos motivos de suas escolhas teóricas fundamentais, ao passo que nos revelam ideias outras de grande relevância, mas que não chegaram ao registro geral da Ciência e da vida. Podemos citar como exemplo o reconhecido físico alemão Albert Einstein (BRIAN, 1999) cujas preocupações humanistas com os desmandos da civilização só chegou ao registro por meio da publicação de suas biografias e cartas endereçadas a familiares e intelectuais de sua época.

Alguns poucos intelectuais de grande abrangência dentro e fora do âmbito da Ciência exercitam a escrita e publicação de sua própria trajetória como forma de lembrar histórias e rever decisões e escolhas teóricas do passado. Nessa esteira é possível destacar Edgar Morin, um incansável construtor de um método que ao invés de fragmentar, reúne vida e ideias. Morin já permitiu a publicação de alguns diários e livros autobiográficos, tais como *Diário da Califórnia*, na década de 1960, *Meus demônios*, na década de 1990 e *Meus filósofos* de 2013. Neste último Morin fala do entrelaçamento de sujeitos que construíram e estruturaram suas principais ideias e rumos de vida.

É nesse espírito que estruturamos esta pesquisa, uma vez que a protagonista da história, a professora Dalcy é, para mim, um modelo de ousadia intelectual, de coragem como mulher e de forte influência na minha própria trajetória de vida.

## BREVE BIOGRAFIA

Dalcy da Silva Cruz nasceu em 15 de Agosto de 1930 na cidade do Natal, mais precisamente no bairro do Alecrim onde viveu um pouco da sua infância. Posteriormente ela, acompanhada de sua família, foi morar na região oeste do estado, na cidade de Angicos e logo após no pequeno povoado no vale do Assú denominado de Rosário, hoje conhecido como Ipanguaçu. Durante esse período, vivendo em um contexto simples e envolvida pela natureza, Dalcy já começava seus primeiros contatos com o conhecimento formal, uma vez que sua mãe preocupada com seu futuro já lhe apresentara uma cartilha do ABC e uma tabuada e com os saberes locais como a contação de histórias, as cantigas de roda, a dança e diversos elementos que faziam parte do contexto cultural daquele lugar.

Em seu memorial, Dalcy relaciona seus primeiros anos de vida com os escritos de João Cabral de Melo Neto em *Morte e vida Severina* quanto ressalta a infância simples em meio à mais crua realidade de fome e seca no sertão nordestino. Mas, foi em Assú que aquela menina simples e sonhadora vivenciou momentos marcantes de sua infância. Após essa etapa Dalcy continua a percorrer o seu caminho e sai daquele contexto rural para sentir a efervescência sociocultural da Segunda Guerra Mundial na capital Natal, onde vivencia

toda sua adolescência e passa a traçar uma nova estratégia para sua vida: a juventude e a academia.

Nos anos 50 do século XX, Dalcy ingressa na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa curso de História e Geografia. Com o desmembramento do curso em 1959 ela opta pelo Bacharelado em Geografia. Ao concluir o curso, viu-se impedida de realizar sua mais acalentada paixão que era lecionar. As circunstâncias exigiam definições rápidas de sustento para a própria vida. Mas o desejo de ser professora apenas aguardou um pouco mais tempo.

Devido a questões financeiras ela teve que se sustentar e foi então que surgiu a oportunidade de atuar em um projeto de extensão rural coordenado pela EMATER (Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural). Após o treinamento realizado em Recife e considerado complexo pela sua diversidade profissional ela retorna ao Estado do Rio Grande do Norte para atuar na sua nova profissão, na colônia de Pium, São Tomé e Macaíba.

Logo, algo lhe inquietava, pois percebeu as mudanças sociais e que os conhecimentos adquiridos na universidade de nada serviam para o que fazia naquele momento. Mas, foi essa inquietação que alimentou a necessidade de aprofundar outras leituras, bem como a vontade de contribuir enquanto militante. A jovem Dalcy, marcada pela incessante fome pelo conhecimento mergulha no mundo da sociologia e uma nova etapa de sua história começa a surgir.

Em 1965 Dalcy matricula-se na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para cursar a Licenciatura em Geografia e, em 1966, já criada a Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto, órgão do Estado, tenta o vestibular para o Bacharelado em Sociologia e Política. Apesar das dificuldades trazidas pelo golpe militar de 1964 e pelas viagens que o trabalho exigia, abriram-se novas perspectivas: o contato agora de forma sistemática com a teoria sociológica. Passou a conhecer as ideias de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim, Florestan Fernandes, Yves Lacoste, Celso Furtado, entre tantos outros pensadores de referência não apenas na Sociologia e Geografia, mas na formação de um pensamento social global e local ao mesmo tempo.

Em 1970, Dalcy submete-se a um concurso público para a cadeira de Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Sociologia e Política onde leciona até 1976, quando as Escolas de Sociologia e Política foram fechadas pela ditadura militar. Com o fechamento da Faculdade, a UFRN buscou professores e alunos daquela entidade superior e o seu acervo bibliográfico. Dalcy passa a compor o quadro daquela instituição federal como professor colaborador, até o ano de 1977 quando é aprovada no concurso de Professor Assistente.

Além da UFRN, em sua trajetória profissional, trabalhou Serviço Social do Comércio (SESC) como pesquisadora. Trabalhou também no Movimento de Educação de Base (MEB) que lhe possibilitou voltar a ter contato com o meio rural, com outra visão de mundo. Atuou ainda no Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e como assessora de pesquisa do Centro de Educação Técnica do Nordeste (CETENE), ligado ao Ministério de Educação e Cultura.

Complementando a sua formação faz um curso de Especialização em Planejamento Educacional na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em seguida, cursa o Mestrado na cidade de Campina Grande (Campus II da UFPB), entre 1977 e 1978. Essa foi uma etapa muito importante, pois lhe permite consolidar sua visão de mundo numa perspectiva crítica e de engajamento político nas transformações da realidade. De volta à UFRN, começa a pensar no doutorado, projeto concretizado em 1985, indo cursá-lo na UNICAMP em São Paulo. Esse projeto foi interrompido em 1989. Retornando a Natal, retoma os estudos fazendo o doutorado em Educação na UFRN, onde defende uma tese sobre o pensamento de Caio Prado Júnior iniciada na UNICAMP em 2002.

Dando continuidade, aos 72 anos de vida, segue para Portugal para fazer o Estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa. Ao voltar para o Brasil em 1993 já aposentada formalmente da UFRN, retoma a atividade docente como professora colaboradora, mas também passa a lecionar na Universidade Potiguar (UnP), instituição privada do estado. Nesse momento intensifica seu diálogo com jovens estudantes interessados em discutir questões diversas.

Dalcy sempre esteve engajada em grupos de pesquisa diversos ao longo de sua trajetória, mas quando retorna de sua temporada na Europa intensifica sua adesão intelectual aos grupos Cultura, Política e Educação, coordenado pelo Professor Doutor José Willington

Germano e do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), coordenado por Maria da Conceição de Almeida. Nesses espaços Dalcy reconhece que muitas de suas inquietações teóricas que não se enquadravam nos modelos homogêneos de Ciência podem encontrar terreno fértil para desdobrar-se. Fazer parte desses grupos revela uma característica nobre de nossa personagem: a humildade intelectual. Os dois professores que passaram a ser orientadores e coordenadores das bases de pesquisa às quais ela aderiu foram seus alunos de graduação ainda na época da Escola de Sociologia e Política da Fundação José Augusto. Como bom mestre sabe reconhecer quando o discípulo vai além.

Atualmente suas inquietações de pesquisa giram em torno de questões que afligem o indivíduo na contemporaneidade principalmente neste início de século e de milênio, como globalização, avanço tecnológico, comunicação, cultura e ciência e as relações do homem com a natureza, nesse momento de agonia planetária pela agressão que o meio ambiente vem sofrendo.

## INTERLOCUTORES

Há um processo de identificação da pesquisadora com a personagem central da pesquisa. Assim como ela, optei por não me contentar com a vida rural na qual nasci e percebi que era preciso ousadia para galgar outros espaços. Assim como Dalcy, cursei Geografia e percebo nesta Ciência a complexidade da vida e do universo. Outra questão que traça nossa afinidade é busca incessante pelo conhecimento que levou Dalcy a conquistar seu espaço tanto como profissional, quanto como mulher para além de todas as dificuldades enfrentadas na vida.

As primeiras incursões na vida e obra de Dalcy Cruz nos permitiram chegar ao objeto desta pesquisa que é o de perceber as mudanças significativas pelas quais um mesmo intelectual pode ou não permitir-se viver em relação a ideias a respeito de um mesmo fenômeno. Na pesquisa pretendemos sinalizar essas mudanças significativas nas ideias de Dalcy por perceber em sua prática o acolhimento do novo com humildade intelectual. Para isso, além do contato próximo com a própria Dalcy, faremos interlocuções com pensadores

da cultura na busca que compreendermos essa metamorfose do pensamento e ao mesmo tempo estabelecer um dialogo entre o passado e presente.

No filósofo italiano Giorgio Agamben, buscamos uma concepção atualizada sobre o que é o contemporâneo. Segundo AGAMBEN(2009, p. 62), “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Percebemos que nossa personagem sempre esteve em busca de ver por meio de suas pesquisas o que está para além do trivial.

Em Clarissa Pinkola Estés, percebemos a importância que há na socialização de histórias, como formas de curar feridas e corrigir erros do passado.

O dom essencial da história tem dois aspectos: que no mínimo reste uma criatura que saiba contar a história e que com esse relato forças maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança sejam continuamente invocadas a se fazer presentes no mundo. (ESTÉS, 1998, p. 09).

Para a autora, o relato de uma história é considerado uma prática espiritual básica. A história pode ensinar, corrigir erros, aliviar, o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos.

A busca incessante pelo conhecimento se faz presente dia a dia em nossas vidas. Com a consolidação da globalização e suas tecnologias, acabou-se de vez qualquer tipo de fronteira de acesso à informação que pode ser transformada em conhecimento. Mas, é importante ressaltar que se faz necessário uma lapidação desse conhecimento. Para Almeida,

Para conhecer é preciso selecionar informações, eleger algumas como mais importantes, articulá-las entre si, imputar significados a elas. Conhecimento é tratamento de informações. É o resultado de uma ação e de um trabalho ao mesmo tempo árduo e prazeroso do pensamento para estabelecer elos entre os dados, observar aproximações e afastamentos, procurar encaixes entre indícios e sinais que reconhecemos como informações sobre um fenômeno, um problema, um tema. (2007, p. 07)

Para complementar Almeida (2007), traz uma importante diferenciação entre conhecimento e sabedoria, onde deixa claro que de um lado estamos a todo tempo sendo enxotados de informações científicas e do outro temos a recepção de uma informação pautada na simplicidade e na vivência de um indivíduo. O que pretendemos com essa discussão é justamente mostrar a capacidade que o individuo tem de construir ou transformar esse conhecimento e de principalmente permanecer ou não com ele de acordo com que o meio social o qual ele está inserido deixa. Essa permanência desse tipo de conhecimento seria ou não uma forma sabedoria?

Mas, como falar de conhecimento, saberes, vivências, metamorfose, diálogo e não falar da figura que manuseia tudo isso tão bem, chegando muitas vezes a nos deixar com algumas indagações Qual o caminho a seguir para o conhecimento? Existe uma receita certa para isso? Estamos aqui falando da pessoa que poderá identificar essa tal mudança de pensamento e dialogar com ele mesmo: o intelectual. Percebemos Dalcy como uma intelectual nas acepções de Almeida

O intelectual é aquele que manipula, constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes... É um artista do pensamento, porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual. (2007, p. 08).

Ao longo da pesquisa, novos interlocutores serão agregados ao processo de construção do texto da dissertação.

Este projeto trata de considerações iniciais acerca de analisar a metamorfose dos pensamentos de Dalcy da Silva Cruz em um tempo, fazendo um paralelo com os dias atuais com a pretensão final de construirmos um diálogo entre essas vertentes e perceber o quão essa metamorfose traz significados para a Ciência e para a vida que não podem ser concebidas como entidades separadas. A estratégia principal é a de fazer o que sugere Edgar Morin (2003): estar aberto às incongruências do caminho e perceber nelas a possibilidade e ampliar nosso entendimento sobre os fenômenos.

Um trabalho que se pauta na emergência de uma trajetória de vida requer uma pesquisa aguçada especialmente no que diz respeito a possíveis imprecisões históricas dos fatos abordados. Nesse sentido, todas as etapas da história de vida de Dalcy serão mergulhadas no contexto socio-histórico e geopolítico do Brasil, da América Latina e do mundo.

No que diz respeito a metodologia, esta se encontra em fase inicial. Tendo em vista a adesão da própria Dalcy à pesquisa, contaremos com a mais privilegiada interlocutora no processo de rememoração dos aspectos que para ela são os mais relevantes em sua existência. O objetivo é compor sua trajetória de vida a partir, tanto da sua própria narrativa, presente em seus relatos pessoais, quanto por meio de documentos obtidos em pesquisas de campo relativos ao seu exercício profissional docente, militante e, além de considerar posições de personagens que fizeram e fazem parte desse itinerário construído ao longo de sua vida.

O trabalho de percepção e sinalização da metamorfose será feito a partir da confrontação com a entrevistada após fazermos a escuta e transcrição dos áudios das entrevistas. Estas, por sua vez, serão gravadas em áudio e vídeo, objetivando também construir um banco de imagens que possam ser disponibilizadas em eventos e pesquisas dessa natureza.

O processo metodológico se dará da seguinte forma:

- a) Montagem da entrevista aberta e em profundidade;
- b) Gravação em áudio e vídeo;
- c) Transcrição dos áudios;
- d) Limpeza das repetições;
- e) Sinalização das imprecisões históricas;
- f) Percepção das mudanças de pensamento;
- g) Retorno à entrevistada para confrontar as mudanças e assim, delinear o “essencial que permanece” no pensamento de Dalcy.

Faremos uma busca das principais publicações de Dalcy por meio de suas participações em congressos e eventos diversos. Serão elencados nomes de estudantes,

professores, pesquisadores e amigos de Dalcy para que construam depoimentos a seu respeito.

A incursão bibliográfica primará por pensadores que discutem não apenas história de vida como registro histórico, mas que procuram fazer emergir dessas histórias, problemáticas para pensarmos a nossa própria vida.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada, politização do pensamento.** Natal: EDUFRN, 2012.

BRIAN, Denis. **Einstein: a ciência da vida.** Tradução: Vera Caputo. São Paulo: Ática, 1998.  
ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem.** São Paulo: Rocco, 2013.

\_\_\_\_\_. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **Escrever o movimento: o cinema Itinerante como reinvenção de uma estética do viver.** 2014. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Eu não vim fazer um discurso.** São Paulo: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. **Viver para contar.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORIN, Edgar. **Meus demônios.** Tradução: Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Meus filósofos.** Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Método I: a natureza da natureza.** Tradução: Ilana Heinberg. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edigar. Viveret, Patrick. **Como viver em tempos de Crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Nogueira, M. L. **Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, FAFICH, 2004.

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse.** Natal: Flecha do Tempo, 2007.

## PARADOXOS DA CONDIÇÃO HUMANA: CRISE, MISTÉRIO E SACRALIDADE NA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Professora Doutora Josineide Silveira de Oliveira  
Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e da Universidade  
Potiguar (UnP). Membro do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN).  
E-mail: [josineidesilveira@grecom.ce.ufrn.br](mailto:josineidesilveira@grecom.ce.ufrn.br)

Antônio Rênio Gurgel de Oliveira  
Aluno da pós-graduação em Ciências da Religião.  
E-mail: [profreniofilo@gmail.com](mailto:profreniofilo@gmail.com)

### RESUMO

A pesquisa sobre a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, suscita uma reflexão sobre o sentido das relações humanas e dos valores essenciais, como o cuidado, a compaixão e o amor. Busca repensar a condição humana na procura de reconciliá-la com os elementos contraditórios e excludentes, conforme os postulados da cultura ocidental: a sabedoria e a loucura. Significa dizer que a razão do coração não é irracional e sentimentalista, como se costuma afirmar, mas que a afetividade é, também, ao seu modo, uma forma de conhecer e perceber as coisas, através da sensibilidade, da intuição, do símbolo e do mito. É o conhecimento da afetividade que possibilita a razão levantar as questões essenciais à vida. É isso que faz *O Pequeno Príncipe* partir em sua viagem existencial pelos sete planetas onde se encontra com sete personagens metafóricos dos quais tirará sete lições de vida.

**Palavras Chave:** Cuidado. Compaixão. Amor.

### RESUMEN

En la investigación de la obra *el Pequeño Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, hace una reflexión acerca del sentido de las relaciones humanas y de los valores esenciales, como el cuidado, la compasión y el amor. Tiene por finalidad repensar la condición humana en la busca de reconciliación con los elementos contradictorios y excludentes, conforme en los postulados de la cultura occidental: el conocimiento y la locura. Significa decir que la razón del corazón no es irracional y sentimentalista, como en general se puede afirmar, pero que la afectividad es, también a su modo, una forma de conocer y percibir las cosas a través de la sensibilidad, de la intuición, del símbolo y del mito. Es el conocimiento del afecto que posibilita la razón de buscar las preguntas esenciales a la vida. Esto que hace *el Pequeño Príncipe* en su viaje existencial por los siete planetas donde se encuentra con siete personajes metafóricos de los cuales resultaran en siete enseñanzas de la vida.

**Palabras Clave:** Cuidado. Compasión. Amor.

## COMPLEXIDADE EM O PEQUENO PRÍNCIPE

Que leituras possibilitam o Pequeno Príncipe? Quando se olha apenas de raso, para esta questão, há uma pressa ingênua e infunda em responder que o trata-se de uma obra somente para crianças. Não se nega que parte da verdade, encontra-se imbricada na resposta oferecida, porém, se reconhece sua insuficiência. A obra de Saint-Exupéry pode ser considerada como parte de um pensamento frutífero, complexo, metafórico e simbólico. Por isso, aberta a interpretação de vários olhares diferentes e até divergentes. A criança e o adulto podem adentrar, no mundo do Pequeno Príncipe, sem exclusividades ou negações. Por se tratar de um pensamento frutífero e imagético, possui a riqueza inesgotável de um conhecimento-sabedoria, capaz de oferecer uma compreensão sempre fascinante e atual, acerca da condição humana paradoxal, ambivalente e complexa. Saint-Exupéry fala, na sua obra, da necessidade e da busca humana, pelas coisas essenciais e indispensáveis da existência. As cinzas da superficialidade, da rotinização, da pressa opressora, do consumismo feroz e da falta de cuidado, encobrem a beleza da vida e a percepção do mistério e do sentido que as coisas podem carregar e manifestar. Na perspectiva do autor, as coisas não tem sentido em si mesmas. Elas recebem do olhar humano: significação, valor e o atributo de preciosas ou não. É este humano que traz na sua estrutura simbólica, mítica e imagética, a capacidade única de duplicar a realidade, dando-lhe o sentido verdadeiramente humano e espiritual. Quando se reprime ou nega, estas dimensões profundas, da condição humana, por se trilhar um caminho de uma racionalização louca, dogmática e insensível; perder-se a confiança e a esperança, de se encontrar, em meio às agruras, desta vida, algum sinal de amor, aconchego, afeto, compaixão e cuidado.

Por este prisma, a reflexão que este artigo pretende suscitar, sobre o Pequeno Príncipe, parte de uma crítica aos parâmetros de uma racionalização fechada e incapacidade, de dialogar, com a multidimensionalidade da condição humana, principalmente, com o mundo da afetividade e das coisas essenciais como: amor, compaixão e cuidado. Que numa perspectiva, paradoxal, a razão e a afetividade se desenvolvem de modo concomitante e não excludentes. Na segunda parte, deste artigo, propõe-se uma análise sobre o mistério e a sacralidade, no pensamento de Saint-Exupéry, como sendo realidades que quebram o sem-sentido, o absurdo e tráfico da existência. A metodologia utilizada para construção desta reflexão, sobre o Pequeno Príncipe, não tem como objetivo dissecar ou racionalizar em

esquemas fechados, o pensamento de Saint-Exupéry, mas abordá-lo de forma dialógica, bibliográfica e complexa.

## **A CONDIÇÃO HUMANA PARADOXAL E UMA CRISE DE PARADIGMA**

Saint-Exupéry, na sua obra, o Pequeno Príncipe, suscita uma reflexão cativante e envolvente sobre a condição humana, naquela dimensão esquecido, reprimida e negada, pela cultura ocidental que é a razão do coração, da sensibilidade que gera o cuidado e o comprometimento com o outro: a compaixão no seu sentido mais genuíno. No limiar da obra citada, tem-se o encontro do piloto de avião que sofreu uma pane e um garotinho, aparentemente, perdido no deserto. O piloto evoca a imagem metafórica de um “mundo adulto” frio, mecânico e preso às algemas da racionalização atrofiada e incapacitada, para se abrir as múltiplas dimensões da vida e da experiência humana. O filósofo Blaise Pascal (1988) defende que “só consultamos o ouvido porque nos falta o coração”, reconhecendo a inabilidade da afetividade humana de se expressar e de se constituir no centro das relações humanas. O consultar o ouvido, aponta para a palavra, que implica na ênfase dada à racionalização, em detrimento da sensibilidade, do cuidado e da compaixão. O Pequeno Príncipe irá irromper no mundo das racionalizações, do aviador, de um modo arrebatador, imprevisível, surpreendente: “Por favor... desenha-me um carneiro! O quê? Desenha-me um carneiro” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, P.11). A forma de abordagem e o pedido daquele garoto, ao piloto de avião, perdido no meio do deserto, numa situação adversa e preocupante; apresenta-se como imponderado, ilógico e irracional para um panorama racionalista e utilitarista. Mas na perspectiva, do universo imagético e afetivo, de uma criança ou de uma pessoa, que não se fechou aos reducionismos das racionalizações, não é irrelevante o pedido daquele garoto. Pedido este, que se insere numa ótica do simbólico que brota da necessidade humana ontológica, de cuidar e de amar, como também, de recebê-los numa relação de verdadeira alteridade. O carneiro é importante e preocupante, para o Príncipezinho, porque ele pode vir a comer a sua rosa. Isto muda tudo e mexe, profundamente, com a estrutura simbólica, axiológica e existencial daquele garoto inquieto.

Os dois personagens, metaforicamente, falam das duas dimensões da única e mesma condição humana: do homo sapiens e do homo demens, que convivem num paradoxo criativo e tenso, constituindo uma relação bipolar, antagônica e complementar, do único e

mesmo ser humano: complexo e irredutível aos esquemas predefinidos. Morin (2003, p.58) esclarece que “o homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (demens)”. Quando se busca negar ou reprimir, uma destas dimensões da condição humana, sempre implicará em mutilação, atrofiamento e diminuição do ser humano: complexo, paradoxal e multidimensional. Foi Pascal (1988, p.60) que entreviu uma compreensão da vida, que quando pautada apenas na racionalidade, transforma-se paradoxalmente, num caminho de loucura: “Quem quisesse seguir apenas a razão seria louco”.

A racionalidade tão exaltada pelas “pessoas grandes” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, P.10), não é uma esfera isolada e autossuficiente da condição humana que se desenvolve separada e em oposição à afetividade, a paixão, ao lúdico, ao delírio e ao mítico. Pelo contrário, antropológicamente falando, a racionalidade se desenvolve de forma, concomitante, a afetividade, ao calor e ao aconchego humano e vice-versa. Nietzsche (2001) fala de um conhecimento que ainda não aprendeu a sorrir, ou seja, capaz de saber lidar com o simbólico, o mitológico, o maravilhoso e o imprevisível. Na perspectiva, de Morin (2001, p.52-53), acerca da relação e interdependência entre racionalidade e afetividade, propugna que:

Quando retroagimos para aquém da humanidade, surpreendemo-nos pelo fato de que o desenvolvimento da inteligência entre os mamíferos [...] encontra-se estreitamente correlacionado com o desenvolvimento da afetividade [...]. Portanto, inteligência e afetividade são correlacionadas.

Nesta ótica Saint-Exupéry, propõe uma reflexão sobre o valor essencial e indispensável, de uma inteligência afetiva da condição humana, portadora de uma capacidade de ressignificar a vida, as relações humanas e de se integrar com a racionalidade, abrindo-a para novas percepções, compreensões e experiências. Desde o começo da obra, o Pequeno Príncipe, Saint-Exupéry (2006, p.10) constata a necessidade obsessiva das “pessoas grandes” em querer explicar, classificar e simplificar tudo, ao afirmar que elas “têm sempre necessidades de explicações detalhadas”. Indicando que há aspectos da experiência humana afetiva, simbólica, metafórica e subjetiva, que ultrapassam as categorizações da racionalização fragmentada e míope. Há coisas que a racionalização, por ser fechada, reducionista e instrumental, não consegue perceber, compreender, valorar e acolher, no seu campo de visão, porque “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”

(SAINT-EXUPÉRY, 2006, p.72). O ser humano como um ser multidimensional, complexo e profundamente afetivo e emotivo, tem esta capacidade única de duplicar a realidade: ver, apreender e sentir as coisas sob vários ângulos, inclusive, com a razão do coração. Em Cidadela, Saint-Exupéry (n.d. p.230), afirmar que “as coisas podem-se ver de vários ângulos”, pois a razão e a percepção humana sobre as coisas, não são monolíticas e delimitadas, por formas reducionistas e unilaterais.

A abordagem proposta, no Pequeno Príncipe, focaliza a inteligência afetiva através da redescoberta e da reflexão sobre as coisas essenciais da vida e da experiência humana, em meio à frieza dos números, da lógica abstrata, da correria alienante e da racionalização da vida. No entanto, a condição humana comporta a integração das duas facetas que a compõe: sapiens e demens. Faz parte essencial do ser humano a afetividade com suas paixões, amores, ódios, delírios, imaginação, saudade, encanto, desencanto, loucura e destruição. Esta mesma dimensão que implica em desordem, crueldade e cegueira, outrossim, faz eclodir das estruturas profundas do psiquismo humano sua maravilhosa capacidade de criar, inovar, amar e poetizar. Contudo, faz-se mister que se ilumine o demens com a luz da razão, purificando-o dos seus aspectos cruéis, bárbaros e cegos. Da mesma forma que a razão necessita das dinâmicas forças do demens para se abrir ao novo e romper com seus modelos fechados e atrofiados do pensamento lógico-racional (MORIN, 2001). O humano vislumbrado, por Saint-Exupéry, integra o racional e o afetivo, garantindo que se edifique nele o seu império interior, suscetível de se espantar, criar, maravilhar-se, embriagar-se, ordenar e espiritualizar-se (SAINT-EXUPÉRY, 1978,). A condição humana deve ser assumida na sua integralidade, caso contrário, tem-se um ser humano dividido e diminuído, no seu potencial e possibilidades de abertura e de relações construtivas. Santo Agostinho (1984, p.89), com a sua visão de águia corrobora que: “Tolo de quem não sabe suportar a condição humana”.

O Pequeno Príncipe traz uma reflexão questionadora sobre o mundo sério das pessoas adultas, exaltando os valores da inteligência afetiva, da atenção as coisas essenciais e fundamentais da vida e da sabedoria em poder aproveitar e valorar o único da existência. Neste sentido é que ele provoca uma revolução psicológica, que é uma verdadeira revolução humana, ao tratar o humano na sua inteireza e complexidade, ao mesmo tempo, que busca resgatar ou reabilitar a emotividade reprimida por uma racionalização patológica e mutiladora (SOSA, 1991), embasada nos valores sérios das pessoas sérias e adultas. O

Príncipezinho afirma que o mundo onde ele mora “é tão pequeno” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p.18), exatamente, por ser imperceptível ao mundo das pessoas grandes: apressadas e ansiosas por ganhar mais e mais dinheiro, para consumir mais e mais coisas, vivendo uma situação existencial, profundamente, ambivalente, neurotizante e sufocante; numa mistura de opressão e fascinação pelo mundo da tecnologia, do sucesso, da exposição obsessiva e excessiva da imagem e do valor do capital como bem supremo da vida. Por outro viés, Saint-Exupéry propõe um novo caminho, traçado por um modo de vida mais humano, livre, comunicativo, generoso e aberto ao precioso e ao essencial da vida. O mundo pequeno e simples, do Pequeno Príncipe, remonta-se a uma esfera simbólica, metafórica e afetiva, onde o ser humano deseja e sonha, por encontrar o lugar utópico do aconchego, da ternura, da proximidade com intimidade, da transparência, da espontaneidade e da simplicidade:

E então nos sentimos perdidos no espaço interplanetário, entre cem planetas inacessíveis, à procura do único planeta verdadeiro, do nosso, do único planeta onde estavam nossas paisagens familiares, nossas casas amigas, nossas ternuras. Do único planeta onde... (SAINT-EXUPÉRY, 1978, p.16).

Destarte, o Pequeno Príncipe desencadeia uma crise nas pessoas grandes: de atitudes, motivações, estilos de vida, interesses, critérios de valoração, estrutura psicológica e espiritual. Por terem sua inteligência afetiva incapacitada e desabilitada, para lidar com o mundo das emoções, do lúdico, da generosidade espontânea e desinteressada. Na perspectiva do teólogo Leonardo Boff (1976), crise significa purificar e também causar ruptura dentro de um paradigma estabelecido e tido como seguro e inquestionável. Este processo gera, naturalmente, conflitos e tensões, pois convoca a uma tomada de decisão, em meio aos caminhos postos como opções e do desafio grandioso que engendra uma necessidade e, ao mesmo tempo, uma insatisfação ou mal-estar existencial, causada pela “crise do homem ainda impotente para realizar-se como homem” (MORIN, 1986, p.332).

Toda trajetória crílica, pressupõe que algo precisa ser abandonado ou ressignificado. Por outro lado, um novo deve ser incorporado ao paradigma de valores e de percepção da vida. Morin (2012) adverte que a crise não só implica numa rachadura de um processo contínuo e estável, por desvelar a incerteza e a impotência de controlar as coisas, mas também, possui o poder de suscitar a mudança, o novo, à transformação e a evolução, numa

trajetória que foge aos padrões de uma lógica linear. A crise existencial do ser humano sem-sentido e sem norte, pode ser, também, uma condição que favoreça uma percepção e uma experiência do mistério que sacraliza e devolve sentido e harmonia, ao caos e ao absurdo da vida.

## SACRALIDADE E MISTÉRIO

Saint-Exupéry traz, no *Pequeno Príncipe*, uma mensagem e um convite: despertar o olhar humano para enxergar e acolher com a compreensão do coração, o mistério que está em toda a parte (SAINT-EXUPÉRY, 1978). Por isso, quando o ser humano se abre para percebê-lo, recupera a capacidade de se impressionar, maravilhar-se e contemplar o belo presente no interior das coisas, que portam um significado invisível e imperceptível, visto por dentro. Diferente da mentalidade que só sabe ver as coisas por fora e como objeto. Este pensamento, que ainda não alcançou o nível de consciência e de sensibilidade, do mistério e da sacralidade que as coisas manifestam, a partir do olhar humano que lhes confere sentido, beleza, preciosidade e singularidade: “quer seja a casa, as estrelas, ou o deserto, o que os torna belo é o invisível! [...]. Mas os olhos são cegos. É preciso ver com o coração” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 78.81).

Importa frisar que o mistério não pode ser delimitado pela ideia de enigma, que ao ser resolvido elimina o mistério. Também não implica uma limitação ou incompetência do conhecimento para explicar algo, mas a constatação da imensidão do conhecimento e do sentido profundo que as coisas podem hospedar e irradiar, que a razão instrumental fechada não abarca, nem aprisiona nas suas categorias e conceitos. O mistério tenciona uma ambivalência que garante sua condição de mistério, isto é, ele por um lado manifesta e por outro esconde a profundidade e a beleza que cada coisa carrega, sob o olhar de quem sabe captar este conhecimento intuitivo, com a humildade de reconhecer que ele sempre permanecerá como mistério que se pode saber algo, mas não se esgota, nem se dissecar como um objeto científico analisável nos seus procedimentos. O conhecimento do mistério não é frio, abstrato e indiferente, mas causa comoção, envolvimento, admiração e encantamento (BOFF, 1998). Quando o avião narra o seu encontro com o mistério é tomado de um

encantamento irresistível e religante, não podendo desobedecer as suas solicitações invisíveis e atrativas, por revelar o sentido mais precioso, único e irredutível da vida.

Por isso, para poder e saber captar, o mistério escondido e revelado, em todas as coisas “é preciso subir mais para descobrir” (SAINT-EXUPÉRY, n.d, p. 164), a mensagem invisível e significativa que as coisas são portadoras, quando vistas por um ocular aberto e sensível, para visualizar as coisas por dentro, no mistério que as sacralizam e lhe confere um valor inestimável, único e inegociável. As coisas assumem uma dimensão sagrada quando não são vistas como coisas brutas, manipuláveis e feitas objeto de uso e abuso, por serem todas uniformizadas, descartáveis e indiferentes. A insistência e persistência de Saint-Exupéry, no Pequeno Príncipe, é propagar que as coisas tem um sentido único, valioso, insubstituível e sagrado: “As estrelas são belas por causa de uma flor que não se pode ver...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 77). As estrelas, vistas nesta ótica, são sinais que remetem a outra realidade ausente, mas que através daquele símbolo evoca, provoca e convoca a se fazer presente, naquilo que as tornam únicas, preciosas e irrepetíveis, que jamais será uma coisa entre as inúmeras outras. De forma alguma, a flor, do Pequeno Príncipe, pode ser reduzida a objeto; sempre permanecerá como sujeito do seu afeto, amor e cuidado, por ter descoberto nela o especial diferenciador. É por isso, que a sua flor se diferencia das demais. As outras flores podem ser até belas, mas continuam a se mostrarem para ele, vazias de sentido, mistério e sacralidade: “Sois belas, mas vazias – continuou ele. – Não se pode morrer por vós” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 72).

Vale ressaltar que a abordagem sobre o mistério e a sacralidade que o Pequeno Príncipe suscita, não pode ser enquadrada, numa perspectiva religioso-teológica, mas antropológica, simbólica, existencial e afetiva. Apontando sempre para uma reflexão e percepção de que o mundo, a vida, as coisas, as relações não são ocas, absurdas, vazias e banais. Que o ser humano não é apenas aquele que domina e manipula as coisas, mas é capaz de ler e interpretar, as várias linguagens, que as coisas “falam”, mesmo quando silenciam. O apelo provocador, do Pequeno Príncipe, quer despertar o olhar do ser humano para o mistério que permeia todas as coisas na sua sacralidade; libertando-o da visão superficial e aparente, que amiúde, só sabe ver e tratar as coisas como coisas (objetos), lembrando e sinalizando, que aquilo que se vê por fora é somente casca, o mais valioso só pode ser visto por dentro: “O mais importante é invisível...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p.78). Nietzsche (2001, p.84.87) fala da necessidade de libertar e de dar jovialidade ao olhar:

“Quem rejuveneceu meus olhos? [...] Olhai com olhos iluminados”. Um olhar que seja capaz de ressignificar as coisas, dando-lhe transcendência ou possibilidade de serem contempladas para além da sua aparência imediata de objeto bruto. Para Nietzsche (2001), que se opõe de forma irredutível e absoluta, a todos os postulados metafísicos, no entanto, propugna que a transcendência humana, encontra-se na sua capacidade valorar, avaliar e dar sentido as coisas e a vida.

Entrementes, constata-se, hodiernamente, uma forte e predominante tendência de só olhar as coisas por fora: na sua aparência, exposição exagerada, superficialidade e violação. Perdeu-se ou eclipsou-se a dimensão da contemplação das coisas e das relações humanas, naquela atitude de investir tempo, atenção e cuidado existencial que lhes confere a qualidade de graciosas e preciosas. A tensão moderna, na busca desenfreada e obsessiva por dinheiro, consumo, visibilidade e reconhecimento, profanou tudo; ficando difícil de abrir espaço e tempo, as experiências rotineiras da vida, para o necessário “hiato no cotidiano profano para que o homem possa reorganizar-se perante o caos da existência” (OLIVEIRA, 2013, p.120). Como o ser humano não dedica o tempo essencial para se reorganizar existencial, vive a violência, a indiferença e a miopia do sagrado e do essencial, no cotidiano da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma pressa muito grande e violenta, na sociedade líquida moderna de consumidores, onde para significa ser deixado para traz ou excluído. São inumeráveis os estímulos e seduções desta sociedade, que devem ser perseguidos com verdadeira obstinação e espírito de renúncia e de sacrifício, realizados em nome do prazer que se espera alcançar, da qualidade de vida almejada e idealizada, como o aumento da renda e da capacidade de consumo alargados ao infinito. A ideia de pausa causa um verdadeiro, horror e pavor, aos filhos e filhas da sociedade de consumo. Primeiro por que é passado como necessário e indispensável, para o progresso pessoal e profissional, do indivíduo, que ele corra a exaustão, na busca para acompanhar o “trem bala” das mudanças, das transformações e das inovações ilimitadas, que sempre está muito a frente dele e que deve ser perseguido, mesmo que se considere impossível alcançá-lo. Em segundo lugar, a pausa para os habitantes desta sociedade, defronta-os com um tédio terrível e assustador, porque de alguma forma obriga-

os a olharem de frente: a violência interna e externa que solapam o etos da convivência básica entre os seres humanos, a solidão gritante que se vive no mundo da comunicação e do conhecimento, o vácuo existencial profundo, o medo e negação da morte, a falta de cuidado essencial entre as pessoas e destas para com todas as coisas. De alguma forma, criam-se racionalizações que justificam e confirmam, o modo patológico e destrutivo, de se sentir, pensar, valorar e viver no mundo líquido de consumo, aparência e medo.

Neste sentido é que Saint-Exupéry, no Pequeno Príncipe mostra toda a vivacidade e atualidade, do seu pensamento criativo, simbólico e metafórico, capaz de inquietar e incomodar, o ser humano por dentro, indo ao âmago das questões essenciais e indispensáveis da paradoxal condição humana. Na sua linguagem, fala de uma rosa que vive sempre ameaçada por um carneiro, como também o é, a crença no amor humano, sempre muito frágil e sujeito a descrença, a desmoralização e ao esvaziamento, causado pela loucura e a cegueira do ser humano, que ainda vive na pré-história do espírito, mas que mesmo tateando, busca a amorização e uma melhor relação entre o sapiens e o demens, entre a razão e a afetividade, entre a parte (ser humano) e o todo (natureza) e vice-versa. O mistério se faz patente quando se abre o ocular, para contemplação e escuta dos sinais que a vida, as pessoas e as situações transmitem, convidando ao amor, a compaixão e ao cuidado essencial. Compreender isto, de certa forma, requer transformação, para poder enxergar o essencial velado no invisível. Caso contrário, trilhar-se-á o caminho da existência conduzido pela cegueira, a barbárie, a morte.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 7ª ed., 1984.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis/RJ: Vozes, 14ª ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 20ª ed., 1998.

MORIN, Edgar. **Para Sair do Século XX**. [Tradução de Vera Azambuja Harvey]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Para onde vai o mundo?** [Tradução de Francisco Morás]. Petrópolis/RJ: Vozes, 3ª ed., 2012.

\_\_\_\_\_. **Amor, poesia, sabedoria.** [Tradução de Edgar de Assis Carvalho]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 3ª ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** [Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e de Jeanne Sawaya]. São Paulo: Cortez, 8ª Ed., 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** [Tradução de Pietro Nassetti]. São Paulo: Martin Claret, 2001.

OLIVEIRA, Josineide Silveira de. **Da transcendência à imanência: o ensino religioso no Rio Grande do Norte.** Natal: Flecha do Tempo, 2013.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** [Tradução de Sérgio Milliet]. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SOSA, Edgardo Rodolfo. **O pequeno príncipe e sua revolução psicológica.** [Tradução de Josué Cândido da Silva]. São Paulo: Paulus, 1991.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** [Tradução de Dom Marcos Barbosa]. Rio de Janeiro: Agir, 48ª Ed, 2006.

\_\_\_\_\_. **Terra dos homens.** [Tradução de Rubem Braga]. Rio de Janeiro: José Olympio, 20ª Ed, 1978.

\_\_\_\_\_. **Correio do Sul.** [Tradução de Pierre Santos]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 8ª Ed, 1981.

\_\_\_\_\_. **Cidadela.** [Tradução de Ruy Belo]. São Paulo: Quadrante, n.d.

## **ESTRATÉGIA DE RELIGAÇÃO: AMPLIANDO AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE (CTS)**

Professor Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena  
Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(ECT/UFRN). Membro do Comitê de Pesquisa da UFRN.  
E-mail: [thiagolucenacs@hotmail.com](mailto:thiagolucenacs@hotmail.com)

Professora Me. Luisa Grigoletti Dalla Rosa  
Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(ECT/UFRN).  
E-mail: [ludallarosa@gmail.com](mailto:ludallarosa@gmail.com)

### **RESUMO**

O texto expõe uma estratégia de ensino em execução na disciplina Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) ofertada no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia da Escola de Ciências e Tecnologia da UFRN. Curso que tem como umas de suas características diferenciadas a existência de turmas muito numerosas nos primeiros períodos (cerca de 150 alunos por turma). No estudo passamos a perceber a sala de aula como um grande laboratório vivo (LATOOUR, 2009) no qual é preciso agir com estratégia para comunicar conteúdos das chamadas Ciências Humanas para futuros Engenheiros acostumados a disciplinas de caráter técnico. Para tentar visualizar e trabalhar essas questões no universo prático da sala de aula, estruturou-se a metodologia “Estratégia de religação” que a partir da divisão de responsabilidade objetiva aumentar a efetividade da participação dos discentes nas discussões do âmbito de CTS, fomentar a prática de leitura de textos teóricos e aproximar a estrutura dos Estudos de CTS ao contexto da formação dos bacharelados em Ciências e Tecnologia.

**Palavras chave:** Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Estratégia. Religação.

### **RESUMEN**

El texto expone una estrategia de enseñanza en ejecución en la disciplina Ciencia, Tecnología y Sociedad (CTS) ofrecida en la Graduación Interdisciplinar en Ciencias y Tecnología de la Escuela de Ciencias y Tecnología de la UFRN. Curso que tiene como unas de sus características diferenciadas la existencia de clases muy numerosas en los primeros períodos (cerca de 150 alumnos por aula). En el estudio pasamos a percibir el aula como un grande laboratorio vivo (LATOOUR, 2009) en lo cual es preciso accionar con estrategia para comunicar contenidos de las nombradas Ciencias Humanas para futuros Ingenieros acostumbrados a disciplinas de carácter técnico. Para intentar visualizar y trabajar esas cuestiones en el universo práctico del aula, estructuramos la metodología “Estrategia de religación” que a partir de la división de responsabilidades objetiva aumentar la efectividad de la participación de los discentes en las discusiones del ámbito de CTS, fomentar la práctica de lectura de textos teóricos y acercar la estructura de los Estudios de CTS al contexto de la formación de los estudiantes de Ciencias y Tecnología.

**Palabras clave:** Estudios de Ciencia, Tecnología y Sociedad. Estrategia. Religación.

A busca e ampliação de possibilidades de compartilhamento de saberes no ensino da disciplina Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) tem sido uma das metas no trabalho de nossa equipe de professores e monitores. A este propósito intitulamos “estratégia de religação”.

A disciplina “Ciência, Tecnologia e Sociedade” – cuja referência será feita de agora em diante neste texto por sua sigla CTS – é integrante do currículo do curso de Bacharelado em Ciências e Tecnologia (BICT) de caráter generalista na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Este curso foi proposto com a missão de reduzir os números de evasão e retenção de estudantes nos cursos de Engenharias, nas chamadas Ciências Exatas. Estabeleceu-se assim a existência de um curso para atender a uma demanda de 1º Ciclo, ou seja, um bacharelado no qual elevado número de estudantes têm acesso a disciplinas de caráter interdisciplinar, ou seja, que não visam especializar o aluno em apenas uma área do conhecimento, mas que fomenta uma formação em cálculo, informática e humanidades, entre outros.

Dispõe toda uma estruturação curricular na qual são oferecidos acompanhamento e apoio ao estudante com a presença de projetos de tutoria e orientação acadêmica, uso de novas tecnologias de ensino-aprendizagem, assim como ênfase na formação interdisciplinar, integrando as dimensões humanística, ambiental, cidadã e empreendedora ao processo formativo, conforme Projeto Político Pedagógico do Curso.

Ciência, Tecnologia e Sociedade é um componente curricular obrigatório que traz para a cena da discussão uma linguagem oriunda das Ciências Humanas e Sociais, fato que a difere substancialmente de disciplinas de áreas das Ciências Exatas e/ou Naturais. Mesmo sendo caracterizada como oriunda das humanidades faz um caminho de interlocução de saberes interdisciplinares nesta área, como aponta a definição de BAZZO (2003, p. 125):

Os estudos de CTS definem hoje um campo de trabalho recente e heterogêneo, ainda que bem consolidado, de caráter crítico a respeito da tradicional imagem essencialista da ciência e da tecnologia, e de caráter interdisciplinar por concorrer em disciplinas como a filosofia e história da ciência e tecnologia, a sociologia do conhecimento científico, a teoria da educação e a economia da mudança técnica.

Nesse sentido, a busca pela interdisciplinaridade é constante, pois serve invariavelmente como referência no propósito de romper com visões mais tradicionais de ciência e tecnologia, especialmente aquelas que a tratam como um processo autônomo, essencialista e triunfalista. Reconhecer que a Ciência e a Tecnologia são discursos importantes e diferenciados – por sua sistemática e método – de percepção e explicação dos fenômenos não pode ser confundido com essencializar essas duas linguagens.

Este campo interdisciplinar busca compreender as relações entre ciência, tecnologia e sociedade levando em consideração os antecedentes e consequências sociais, éticas, ambientais e culturais (BAZZO, 2003).

## **DESAFIOS E ALTERNATIVAS – CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS**

As turmas desse componente são compostas, em média, por 140 estudantes por semestre. Como fazer a abordagem a este número significativo de alunos? Como despertar o interesse pela leitura dos textos que majoritariamente são oriundos das ciências humanas? O nosso grande desafio metodológico é construir uma alternativa de ensino que permita o diálogo entre estes campos do conhecimento que, a partir de um modelo lógico impresso a partir do século XVII se compartimentalizou. Os saberes separaram-se por áreas, mas não só; foram postos em oposição, fato que gerou a construção de superespecialidades, ou seja, compreensões aprofundadas de apenas uma parte percebida como desconexa do todo.

Mas, no interior dessa mesma Ciência fragmentária, emergem outras formas de fazer que levam em consideração a dívida impagável com os antecedentes do conhecimento formal, mas também percebe a importância de saberes outros construídos e alimentados fora das demarcações científicas.

A estratégia de religação a ser exposta que, desde o semestre 2013.2 dá a tônica do trabalho nas turmas da componente curricular CTS sob nossa responsabilidade, tem por base a não fratura do conhecimento, entendendo que só pensamos bem quando fazemos uma imersão na totalidade da vida. Edgar Morin, um dos guias teóricos principais na composição da estratégia, diz:

A despeito da ausência de uma ciência do homem que coordene e ligue as ciências do homem (ou antes, a despeito da ignorância dos trabalhos realizados neste sentido), o ensino pode tentar, eficientemente, promover a convergência das ciências naturais, das ciências humanas, da cultura das humanidades e da Filosofia para a condição humana. (MORIN, 2008, p.45).

Com este propósito nos lançamos no caminho da interlocução dos conhecimentos, ou aquilo que Morin chama de “religação dos saberes”. A tentativa de aproximar áreas que já fizeram processos fragmentários da superespecialização, mas que podem ter suas conexões reativadas, e assim o propósito lançado por Morin, religar as ciências do homem.

Um sujeito que pensa bem é aquele que consegue religar o local e o global dando pertinência às informações defrontadas. Esse sujeito deixa de ser um banco de dados que só reproduz o que ouve e passa a ter uma “cabeça bem feita” (MORIN, 2003) capaz de tratar informações dispersas dotando-as de sentido e inserindo-as em seu contexto. Formar sujeitos com uma cabeça bem feita é a boa utopia possível que almejamos, pois percebemos que um bom engenheiro não é aquele que armazena e empilha dados técnicos formais, mas que constrói esses dados a partir da percepção das múltiplas faces de um problema. Um engenheiro que pensa bem sabe que a natureza estendida não pode ser vista apenas como subsistência, ou seja, como aquilo que pode ser colocado ao meu dispor, mas como um espaço do qual é parte e cujas consequências negativas recaem sobre todos nós. O subsistente só cumpre tarefas, não experimenta pensar sobre elas.

## REAÇÃO – O QUE E COMO COMUNICAR?

Algumas indagações surgiram e surgem em nosso fazer cotidiano, destacamos as que seguem: como conseguir comunicar efetivamente e fomentar a discussão desta disciplina? Como compartilhar saberes em turmas grandes? Como abrir mão da frieza de aulas-conferência com alunos-ouvintes? Como dar sentido ao discurso das ciências humanas em um contexto das ciências naturais?

Foi necessário experimentar a crise para que essas e tantas outras indagações viessem à tona. Experimentar a crise só é possível quando não nos tornamos sujeitos indiferentes ao

que nos rodeia, ao contrário, só se apresenta quando decidimos mergulhar com inteireza nas situações que nos orbitam.

Na acepção de Edgar Morin (2013, p. 09), trata-se de situações que “agravam as incertezas, favorecem os questionamentos; podem estimular a busca de novas soluções e também provocar reações patológicas, como a escolha de um bode expiatório. São, portanto, profundamente ambivalentes”. Em tais situações, adverte o pensador francês, é preciso “ser sensível à ambiguidade”, ou seja, estar apto para defrontar-se com a apresentação de duas possibilidades diferentes ou contrárias, “ou de duas faces, não se sabendo qual é a verdadeira” (Idem).

Como na máxima de Holderlin “onde cresce o perigo, cresce também o que salva”, a percepção das inseguranças de lidar com grandes turmas, de ser de certa maneira marginal enquanto pertencimento no universo da ciência, de conseguir tornar pertinente um conjunto de informações que não estão previstas em fórmulas sintéticas, mas em propostas discursivas maiores; é que nos levaram a parar e pensar na turbulência mesmo uma forma de reagir a tudo isso. Essa ambivalência que, segundo Morin, leva à crise, é a mesma que suscita uma solução criativa para que se rompa com ela e que se pense e viva um outro modo. “Se não houver essas múltiplas sensibilidades para a ambiguidade, para a ambivalência (ou contradição), para a complexidade, será muito pequena a capacidade de entender o sentido dos acontecimentos” (MORIN, 2013, p. 14).

Foi preciso reorganizar-nos e o fizemos pela não resignação à repetição e trivialidade de procedimentos padrão baseado em anúncios de conteúdo com baixo teor de diálogo, acompanhamento estéril e inexistência de um protagonismo por parte dos estudantes. Ao invés disso, optamos pelo caminho talvez menos confortável porque requer uma maior mobilização das ideias e do corpo, mas certamente menos distante entre professor, equipe pedagógica e estudantes. Não se trata de nenhuma proposição absolutamente nova ou revolucionária. Propusemos uma experiência nova a partir do já existente, com acionamento da criatividade experimentada na crise. O mais extraordinário de toda a estratégia reside no desejo permanente de construir conhecimento coletivamente e buscando horizontalizar essa dinâmica.

Talvez pelo fato de viver de maneira tão intensa nessas zonas sísmicas e paradoxais do pensamento, é que Edgar Morin tenha proposto em O método – obra em seis volumes, considerada por ele próprio um esforço cognitivo obsessivo, permanente e inacabado – a existência de um “método como estratégia” (MORIN, 2003). Para ajudar a pensar essa proposta de método, Morin apresenta a imagem do caminhante presente no poema de Antonio Machado. No poema, o caminhante é alertado de que não há propriamente um caminho e de que é preciso percorrer o campo todo; é preciso andar, explorar para que esse caminho possa ir aparecendo, fazendo-se, ganhando forma. (LUCENA, 2014, p. 26).

Como todo caminho por explorar, o caminhante precisa estar atento ao incerto, ao desconhecido e às incongruências do percurso.

Eu não trago o método, eu parto em busca do método. Eu não parto com o método, eu parto com a recusa, totalmente consciente, da simplificação. A simplificação é a disjunção em entidades separadas e fechadas, a redução a um elemento simples, a expulsão do que não entra em um esquema linear. Eu parto com a vontade de não ceder a estes modos fundamentais de pensamento simplificador (MORIN, 2003, p. 36).

O simplificador, no caso de nosso laboratório vivo, é tudo aquilo que cristaliza a ação docente; aquilo que mantém o professor na confortável posição de anunciador de dados.

De maneira mais genérica, a “estratégia de religação” leva a diante nas aulas de CTS atividades permanentes que não apenas avaliam, mas movimentam os alunos refletindo-se em discussões mais diretas e aprofundadas em relação à temática da disciplina a cada encontro.

- *Reações de Textos* – cujo nome emerge de todo esse movimento que agora racionalizamos por meio de teorias e tem a ver com a expressão escrita em modalidades diversas de texto de tudo o que a leitura do texto movimentou no aluno-leitor. Esta parte da estratégia será exposta neste texto com maiores detalhes e exposição de alguns registros dos alunos.
- *Religação das matrizes de CTS* – atividade coletiva na qual 10 grandes grupos são formados ainda no primeiro dia de aula e, no interior destes, trabalham de maneira

colaborativa para socializar semanalmente e de maneira alternada para o grande grupo, dois pontos essenciais: 1 – Traços da vida de grandes pensadores ou pensadoras que contribuíram para as ciências e 2 – Aspectos de uma Tecnologia Sustentável. Com o primeiro ponto, nos detemos em movimento à matriz europeia dos estudos de CTS; aquela que tem a ver com rememoração de uma anterioridade da Ciência. Com o segundo ponto nos detemos à matriz norteamericana de CTS mais afeita a propostas de como operar, por meio da tecnologia num movimento de maior respeito aos limites da natureza. Por sustentável entendemos a partir de Fritjof Capra como sendo todo um conjunto de pensamentos e práticas que nos orientem a cuidar do planeta pensando nas próximas gerações para que estas possam desfrutar das mesmas potencialidades que nós.

- *Grupos de Estudos* – atividade semanal de extensão do tempo de sala de aula. CTS é ofertada na ECT atualmente como disciplina de 30 horas e, percebendo a limitação contida em apenas uma aula semanal, ofertamos dois encontros para tratar de pontos mais específicos dos textos e temáticas. Os grupos são conduzidos pela equipe pedagógica que busca fornecer subsídios para que os alunos expressem de maneira mais direta seus pontos de vista muitas vezes minimizados na estrutura da grande aula. Os grupos de estudos de nossa estratégia não são atividades obrigatórias. Todos são convidados a participar e os que optem por fazê-lo poderão acumular uma pontuação extra.
- *Encontros de compartilhamento* (equipe pedagógica) – Semanalmente todos os membros da equipe pedagógica, composta por professores e monitores reúnem-se sob condução do professor da disciplina a partir da seguinte pauta: leitura e discussão de reações de texto, antecipação das principais ideias do texto subsequente, organizações pragmáticas e pontuais.

### **Natureza das reações**

Dentre algumas estratégias metodológicas apresentamos as *reações de texto*, estratégia em que os alunos são orientados a fazerem a leitura sistemática dos textos básicos

do plano de curso. A ideia é que ao ler cada texto o aluno escreva em uma lauda um esboço do que lhe incomodou no texto. Incomodar aqui tem o sentido de destacar percepção de ideias que mais chamaram a atenção do aluno/leitor, seja porque são difíceis de compreender, ou porque eles concordam ou discordam em parte ou completamente das construções teóricas expostas em cada texto.

Esse tipo de atividade tem como objetivo fomentar a criatividade e avaliar o poder argumentativo do discente, além de nos dar o *feedback* das potencialidades e fragilidades de suas leituras. As *reações* permitem várias possibilidades, dentre elas a realização de auto-avaliação semanal dos conteúdos compartilhados para que possa retomar em aulas posteriores aquilo que pareceu não ter ficado claro anteriormente, o desenvolvimento do discente na componente curricular.

Deste modo, a sala de aula no auditório, com turmas de 140 alunos e o conjunto das estratégias escolhidas nos propiciam praticarmos o que LATOUR chama de “a vida em laboratório”, ou seja, eh onde produzimos documentos textuais resultantes das impressões colhidas pela atividade de *reação de textos*. Nas palavras de LATOUR, 1997 p. 159.

O primeiro contato com o laboratório nos permitiu estabelecer o papel central que nele desempenha a inscrição literária. Nele, são permanentemente produzidos documentos de natureza diversa, tendo por finalidade operar uma transformação entre vários tipos de enunciados, transformação que lhes confere ou subtrai o estatuto de fato científico.

Nesse sentido, iniciamos a realização das ações em nosso laboratório, pois são inúmeras as inscrições que surgem, mas definimos estrategicamente algumas como as centrais. Nesse espaço de múltiplas linguagens, aulas expositivas, recursos audiovisuais, apresentações de trabalhos, imagens, uma janela de comunicação se instala: a *reação de texto*, palavra que deriva do latim *reactio*, conforme definição do dicionário esse termo tem conexão com *reagere*, que significa “agir em resposta a um estímulo”.

Estas inscrições estabelecem pontes e nos conectam ao corpo discente. Sendo assim, podemos perceber e captar algumas situações do processo ensino-aprendizagem estabelecido nesse componente curricular. As *reações de texto* são solicitadas para cada aula com base em textos pré-determinados. Elas devem conter uma lauda, enfocando que a criatividade é

um dos critérios de base para expressar essa resposta ao estímulo do texto, ou seja, baseando-se no texto pode-se reagir com imagens, formas variadas de escrita, enfim relações diversas com as suas experiências cotidianas. Metodologicamente esta atividade, ao propor uma reação individual, espontânea e subjetiva a partir de um texto inicial vinculado a determinado saber científico, ela viabiliza a interlocução entre os diversos tipos de conhecimentos presentes na perspectiva formativa de cada aluno.

Na primeira unidade do plano de curso de CTS são trabalhados vários conceitos de Ciência e, nesse sentido, são propostas leituras da educadora Maria da Conceição Almeida, na obra: *A natureza me disse*, especialmente o prefácio intitulado '*Para pensar bem*', em que são abordadas as relações entre informação, conhecimento e sabedoria, assim como a importância dos saberes da tradição e nesse sentido algumas das reações são expressadas aqui:

Em plena era digital,  
Tudo informacional  
Temos que aprender a ler

Ler o mundo a nossa volta  
Ler a natureza  
Com outro modo de ver (...)

Mais tem algo urgente  
Não podemos adiar mais não  
Temos que promover o famoso encontro  
Da ciência com o saber da tradição. (JVGC)

Essas expressões foram rimadas em forma de poesias, textuais, como nesse outro exemplo:

Posso chegar à conclusão que precisamos urgente de um acampamento para o cérebro. Tornar o meu cérebro preguiçoso em um cérebro escoteiro, que se aventura pelos campos do conhecimento, faz grandes descobertas, tem grandes ideias e fazem de um nada um tudo. Como os cérebros escoteiros de antes: Carl Friedrich Gauss, Gregor Mendel, Antoine Laurent Lavoisier, que “não tinham nem a faca, nem o queijo na mão”, mas criaram gado, coagularam o leite e inventaram a faca. (AGB)

Outro assunto abordado nessa primeira unidade é com relação a questão da neutralidade da ciência, cujo texto de Guilherme Reis coloca o histórico do conceito ciência e a questão da produção do discurso da neutralidade, e assim o discente reagiu:

Mais que inocência, que inocência  
Esperar neutralidade da Ciência  
Que inocência, que inocência  
Esperar que ela não sofra influência

Sonho com uma ciência  
Que leve realmente o desenvolvimento à frente  
Que seja de grande utilidade  
Que diminua esse abismo entre o homem e o ambiente  
(JVGC)

E, na forma de texto:

Desse modo, ao prosseguir na leitura do texto do autor Guilherme Reis, me levei a pensar “parecia que havia uma nuvem escura tapando o céu”, onde o céu era o meu entendimento sobre “o que é ciência”, e se a ciência é realmente neutra, e como se o texto fosse uma ventania soprando todas as nuvens, e clareasse todo meu entendimento. (JAT)

Na segunda unidade do plano de CTS é trabalhado o conceito de Tecnologia, são expressadas algumas ideias a respeito disto pelo discente:

Todos os dias, quando acordamos,  
E das nossas casa saímos,  
Nós nos deslocamos “de tecnologia”,  
Até para conversar,  
Não usamos mais nossas bocas,  
Usamos tecnologia

Uma vida mais fácil,  
Uma vida mais tecnológica,  
Uma vida mais preguiçosa,  
Uma vida mais cara,  
Aos poucos, viramos escravos da tecnologia. (YTE)

Assim, esse laboratório tem apresentado diversas inscrições no fazer cotidiano e no percurso dos caminhos metodológicos ampliando as possibilidades no ensino de ciência, tecnologia e sociedade (CTS)

## REFERÊNCIAS

BAZZO, Walter Antonio, PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale, VON LINSINGEN, Irlan.. **Introdução ao estudo CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**. . OEI. 2003

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A vida de laboratório : a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Método I: a natureza da natureza**. Tradução de Ilana Heinberg. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. VIVERET, Patrick. **Como viver em tempos de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira. 2012. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. O cinema como reinvenção de uma estética do viver. 2014. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

**Origem da palavra reação**. Disponível em:

<http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/origem-da-palavra-reacao/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2015.

## **INCERTEZA E CULTURA ADOLESCENTE: UMA REFLEXÃO SOBRE A INEFICIÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES NO COMBATE AO CONSUMO DE DROGAS EM FASE ESCOLAR**

Maria Margareth de Sousa dos Anjos  
Geógrafa. Especialista em geografia, meio ambiente e turismo.  
Diretora Educacional do Campus Minaçu da Universidade Estadual de Goiás – UEG  
E-mail: [ffaanjos@gmail.com](mailto:ffaanjos@gmail.com)

### **RESUMO**

Este estudo apresenta uma reflexão acerca do uso das drogas pelo adolescente em fase escolar, e a ineficiência dos instrumentos utilizados no sentido de amenizar os efeitos nocivos de tal situação. O uso de drogas tem sido, nas últimas décadas, motivo de incessante preocupação social, posto que o adolescente se encontra em condição de vulnerabilidade perante as drogas, situação que é agravada por fatores de risco, como a dificuldade econômica e o desemprego. Outro fator relevante é a insegurança característica de tais momentos, que conduz à experimentação de situações sociais diferentes daqueles vividos na fase anterior, muitas vezes relacionando o consumo de drogas a uma estratégia de sobrevivência, além de uma possibilidade de lhes assegurar uma posição privilegiada, um *status* diferenciado, que proporcionará o respeito que outras situações não ofereceram. A adolescência pode proporcionar a ilusão da coragem, somada ao prazer e ocultando a insegurança. O modelo educacional predominante não oferece a possibilidade de estabelecer um combate eficaz a esse verdadeiro câncer, que assola a maior parte das sociedades modernas, verificando-se uma impotência generalizada no combate ao problema.

**Palavras – chaves:** Adolescência, drogas, escola e sociedade.

### **RESUMEN**

Este estudio presenta una reflexión acerca del uso de drogas por parte del adolescente en la fase escolar y acerca de la ineficacia de los instrumentos utilizados para amenizar los efectos nocivos de tal situación. El uso de estupefacientes ha sido en las últimas décadas motivo de incesante preocupación social debido a que el adolescente se encuentra en condiciones de vulnerabilidad ante las drogas, situación que se ve agravada por factores de riesgo tales como las dificultades económicas y el desempleo. Otro factor que favorece esta vulnerabilidad es la característica inseguridad propia de la adolescencia, que conduce a la experimentación de situaciones sociales diferentes de aquellas vividas en la fase anterior, muchas veces identificándose el consumo de drogas con una estrategia de supervivencia y con una manera de asegurarse una posición privilegiada, un estatus diferenciado que puede proporcionar el respeto que otras situaciones no habían logrado proporcionar. La adolescencia puede generar una ilusión de coraje, sumada al placer y al ocultamiento de la inseguridad. El modelo educacional predominante no ofrece la posibilidad de establecer un combate eficaz a este verdadero cáncer que asola a la mayor parte de las sociedades modernas, constatándose de este modo una impotencia generalizada en el combate al problema.

**Palabras Clave:** Adolescencia, drogas y escuela y sociedad.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, o consumo de drogas por parte de adolescentes em fase escolar é motivo de preocupação constante para famílias e educadores. Em períodos anteriores, o uso de drogas era difundido principalmente nos meios artísticos, literários, ou seja entre alguns intelectuais, configurando-se em algo visto como inerente à excentricidade de pessoas que desempenhavam papéis sociais nem sempre vistos como convencionais, permeados por certa mística, uma ritualística, como um ritual de passagem vista pela sociedade como excentricidade de artistas e, não como uma ameaça futura.

Assim, a problemática das drogas não alcançava a família e a escola, não se configurando em angústia incessante para os que lidavam com crianças e adolescentes, como os pais, os educadores, as figuras de autoridade que, aproveitando-se de um modelo de sociedade patriarcal, machista, tradicionalista ao extremo, observavam com mais temor ao conflito de gerações que começou a se acentuar a partir da década de 1950. Julio Groppa Aquino, enfatiza que “A escola em nosso mundo é lugar que temos privilegiado como o espaço educativo para as novas gerações. Aos olhos da sociedade a ‘invasão’ das drogas nesse lugar ‘privilegiado’ tem significado um imenso descontrole social”. (2008, p. 72). Ainda na concepção de Aquino, uma série de cruzadas repressivas tem sido a resposta predominante para tal situação. (idem).

Obviamente, nunca deixou de haver um preconceito com relação aos usuários, que muitas das vezes eram estigmatizados, marginalizados no âmbito social. Gradativamente, a realidade foi sofrendo modificações drásticas, passando as drogas a serem encaradas por muitos como uma atividade lucrativa, não obstante todo o mal provocado aos usuários. Assim, foi desencadeada uma bifurcação, no que concerne à relação entre a forma como a sociedade enxergava o usuário, por um lado, e na forma como o traficante era visto pelo grupo social. Enquanto que o usuário foi gradativamente se transformando em vítima do vício, encarado como alguém que, em decorrência de sua fragilidade, necessitava de ajuda, o que se configura em uma visão mais real e mais humana do vício, sem a estigmatização anteriormente pregada e praticada, o traficante, que, antes, era mantido na obscuridade, e

não experimentava o poder que muitos traficantes experimentam na contemporaneidade, passou a ser enxergado como uma das peças mais maléficas e indesejáveis no jogo social, apesar do respeito que ainda consegue impor nas comunidades onde, fazendo o papel que seria do Estado, estabelece uma relação de medo e dependência com a comunidade.

Por outro lado, esse contexto conduziu a uma realidade distinta da anterior: as drogas deixaram de ser vistas no meio social como um vício que atingia apenas aos poucos usuários, muitos não identificados, sem que houvesse grande repercussão na sociedade, passando a serem enxergadas como uma mazela social, um câncer instalado no organismo social, com possibilidades remotas de "cura". Tal modificação ocorreu principalmente a partir do momento em que o tráfico de drogas passou a ser associado com o crime organizado, a partir da consolidação de um modelo que permitiu o exercício de um poder paralelo ao do Estado, por parte dos traficantes, principalmente nos países da América Latina. Esse poder paralelo se mostrou bem mais eficiente em promover e violência do que o aparato estatal se mostra eficiente em combatê-la.

Ocorre que o uso dos psicotrópicos decorre de fatores diversificados, e, muitas vezes, não afeta apenas aos usuários, mas também àqueles que com ele guardam proximidade, como os amigos, os familiares, os colegas, diretamente, e a sociedade como um todo, indiretamente. A consequência do uso de tais substâncias pode variar, dependendo do contexto vivenciado pelo usuário. Em se tratando do usuário adolescente, vários são os fatores de vulnerabilidade, que contribuem tanto para o consumo das drogas lícitas, como o álcool e o tabaco, igualmente nocivos e viciantes, quanto para o consumo das drogas ilícitas.

O descaso dos pais, a insegurança, o isolamento e a incerteza contribuem de forma significativa para que o adolescente encontre nas drogas a suposta solução para seus problemas. Eroy Silva se posiciona da seguinte forma, quanto ao tema:

Para muitos adolescentes, é difícil aceitar a ideia de que a droga faz mal, pois é através dela que se relacionam, ou seja, a droga é o meio de que se utilizam para pertencer a alguma coisa. Além disso, a droga passa a preencher suas vidas, alivia angústias e desconfortos ( até mesmo alivia a fome, diminui o cansaço) e se torna inclusive companhia – já ouvi de um garoto: "para usar drogas estamos sempre rodeados de pessoas; para parar de usar estamos sozinhos". Para eles a droga representa solução para suas dificuldades, não o problema. (SILVA, 2011, p. 87).

Para muitos adolescentes, o contato com o mundo das drogas decorre de outros fatores, igualmente importantes. Um desses fatores é a curiosidade. A adolescência é a fase da curiosidade exacerbada, em que os jovens, muitas vezes motivados pela insegurança, outras vezes movidos por uma segurança e uma autossuficiência exacerbadas, buscam refúgio nos entorpecentes e na ilusão proporcionada pelos mesmos.

Um outro aspecto significativo no sentido de favorecer o ingresso de muitos adolescentes no mundo das drogas é a falta de experiência na tomada de decisões, o que é grave, em se tratando de um momento da vida – adolescência – em que amigos são “adotados”, e a decisão emanada da tribo a pertencem se reveste de ares de inquestionabilidade, atingindo a vontade individual em prol de uma hipotética vontade grupal, levando o jovem a experimentar a droga sugerida, sem maiores questionamentos, ou de forma impensada, impensadamente para que não corra uma desgastante contestação à determinação emanada do grupo, ou da orientação “sugerida” pelo mesmo.

Mais um aspecto que não pode ser olvidado naquilo que concerne à relação entre os adolescentes e as drogas é o fato de que muitos são vistos como problemáticos, quando não se adéquam a padrões impostos pelos adultos e pelas figuras de autoridade em geral, assim como pelas instituições, o que os relega ao isolamento social, que decorre exatamente dessa inadequação. Dentre os temas que podem levar ao isolamento dos jovens, quando não encarados de uma forma democrática, encontramos a sexualidade e as drogas, que se configuram como tabus, ainda hoje, em muitas famílias.

No contexto familiar, o uso de drogas pode ocorrer por diversos motivos, tais como a falta ou o excesso de autoridade por parte dos pais, a ausência de envolvimento afetivo entre pais e filhos que, muitas vezes, enfrentam relações marcadas pelo distanciamento, a incompreensão familiar, a cobrança que, muitas vezes, exige do jovem uma postura que não combina com os elementos que compõem a sua personalidade, que é, muitas das vezes, desconsiderada ou desrespeitada pelos pais. Esses são alguns exemplos que, todavia, não esgotam o rol de situações que promovem o afastamento.

No âmbito escolar, a grande maioria de professores, coordenadores e diretores, ou seja, as figuras que representam, para os jovens, a autoridade no campo educacional, muitas vezes preferem se omitir, fingindo que o problema das drogas não se encontra inserido no

espaço escolar onde convivem, que os alunos da escola da qual fazem parte não se encontram sob risco. Como confirmação da ocorrência dessa situação, baseio-me em um fato que aconteceu quando construí dados para a abordagem do tema em tese de doutoramento que está em fase final. Dirigi-me a um determinado estabelecimento escolar no município de Minaçu, Goiás, com o objetivo de entrevistar coordenadores pedagógicos acerca do tema “consumo de drogas na escola”, e o questionário apresentado aos mencionados coordenadores era composto por 62 perguntas, que se dividiam em questionamentos motivados por temáticas diversificadas, associadas ao estudante, às drogas, à violência, à educação, à prevenção ao uso de drogas, à desigualdade social.

Solicitada para se manifestar sobre a minha pesquisa, a coordenadora pedagógica da escola se omitiu, dissimulando uma suposta inexistência de problemas com drogas naquele estabelecimento educacional, que sabidamente, se configura naquele que apresenta maiores problemas no Município. A atitude da coordenadora, que possui a valorosa e difícil missão de zelar pelos interesses pelos alunos da sua escola, aponta para a falta de compromisso, para o inaceitável descaso, que assustadoramente provêm de quem tem a obrigação de cuidar, de zelar, de proteger.

Quanto ao Ministério Público, a situação é ainda mais grave, uma vez que três Promotores de Justiça que atuaram no mencionado município nos últimos quatro anos também se omitiram quanto a responder aos questionários propostos, o que não deixa de demonstrar um desinteresse para com iniciativas que objetivem identificar o problema, suas causas, suas consequências, a forma como o mesmo afeta o meio social.

Com base nas reflexões e experiências decorrentes da pesquisa acerca do tema, tencionamos demonstrar a necessidade de implementação de ações que auxiliem na prevenção ao uso de drogas por adolescentes em idade escolar, identificando os elementos que impossibilitam ou dificultam um combate eficaz ao consumo de drogas pelos jovens. Uma postura diferenciada, por parte do corpo docente de estabelecimentos que são responsáveis pela educação dos jovens, auxiliaria bastante no combate necessário e eficiente às causas e consequências dessa mazela social que deixa marcas profundas nas famílias, nos jovens, no corpo social como um todo.

Uma das posturas que precisa ser mudada, indubitavelmente, é o desinteresse em informar, sem repressão, sem preconceito, sem discriminação, a todos os jovens que frequentam a escola, acerca dos efeitos nocivos do uso de drogas, desde as lícitas até as ilícitas, levando os mesmos à reflexão acerca dos motivos que poderiam conduzi-los, ou que já os conduziram a esse mundo sombrio, tenebroso, do qual muitos não conseguem retornar.

## A CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE DO ADOLESCENTE

A adolescência é um período da vida em que se está exposto a muitos desafios, existindo uma quantidade imensa de tarefas a cumprir, quer sociais, comportamentais, físicas ou psíquicas. Há muitos riscos envolvidos nesse processo, que aumentam a vulnerabilidade do adolescente. Esta fase, por si já tão vulnerável, pode ser agravada por comportamento de risco. É interessante considerar ainda que, nas culturas primitivas, a existência de rituais de passagem delimita de forma mais concreta a transição entre infância e vida adulta. Sendo assim, nessas sociedades, os papéis são traçados de forma que o indivíduo tem clareza do que espera dele quando tornar adulto, e de quais são seus papéis na sociedade, já delineados nos rituais de passagem. A sociedade ocidental necessita de um tempo de preparo mais longo, ne as possibilidades de cada jovem não são iguais, o que acaba por tornar a adolescência uma fase ainda mais intrincada (MEDEIROS & FISHBER, 2008, VITALLE & MEDEIROS, 2008, *apud* SILVA, 2011, p. 51) r

A adolescência tem sido tema de diversas pesquisas nos últimos anos, no âmbito de campos do conhecimento tidos como distintos e a partir de enfoques diferentes. Para a Sociologia, o conceito de adolescência dependeria de aspectos relacionados à inserção do homem em cada cultura, variando, portanto, de acordo com esta; a Antropologia, por sua vez, enxerga a adolescência como uma fase de transição entre a infância e a fase adulta, envolvida por rituais de passagem e iniciação, que estão presentes em diversas culturas; o Direito define essa fase a partir de conceitos como maioridade, que sofreram modificações recentes, no Brasil, não quanto ao conceito, mas quanto ao alcance, uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente pátrio em vigor desde o ano de 1990 define como adolescente o indivíduo que se encontra com idade entre 12 e 18 anos incompletos; a Medicina, por sua vez, enxerga na adolescência o período em que ocorre o processo de crescimento e desenvolvimento corporal, caracterizado por grandes transformações biopsicossociais, que se iniciam na puberdade e terminam no final da segunda década de vida. A Organização

Mundial da Saúde (OMS), por sua vez, define como adolescente o indivíduo na segunda década de vida, ou seja, entre 10 e 19, porém, mesmo os autores que adotam essa definição reconhecem que esses limites são imprecisos e, principalmente, podem variar em decorrência de diferenças culturais e individuais. (EROY, 2011, p.72).

Na América Latina e, particularmente, no Brasil, Aberastury (1980) e Knobel (1981) são autores que estudam a adolescência tendo como parâmetro a perspectiva Psicanalítica. Aberastury considera a adolescência como “um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento (1980, p.15). Além disso, destaca este período como de “contradições, confuso, doloroso” (p.16). Ainda mais, afirma que a “adolescência é o momento mais difícil do homem...” (p.29). Knobel ao introduzir a “síndrome da adolescência”, traz uma grande contribuição dentro desta perspectiva...” Silva (2011, p. 38).

Dentre as características que atingem a muitos adolescentes, encontramos a agressividade, a impulsividade, a ansiedade, a revolta, a insubordinação. Algumas dessas características, se não todas, conduzem, comumente, ao conflito entre gerações, que é uma das causas da insatisfação adolescente, levando frequentemente ao consumo de drogas.

Na adolescência, fase de acentuada vulnerabilidade, os jovens estão mais propensos ao uso de drogas em decorrência de fatores de risco, tanto internos quanto externos, como as características determinadoras de sua personalidade, os transtornos psiquiátricos, o *stress*, o descontentamento com a família, a inadequação à situação financeira, bem como o desejo de serem “aceitos” por seus pares, somando-se a isso um agravante significativo, que é a grande disponibilidade de drogas no mercado. Para Aquino (1998) “É na escola que os diferentes grupos de jovens se encontram, cada qual com suas experiências de vida e com “motivos” para fazer uso de drogas. Nesse ambiente pluricultural, os jovens buscam a sua identidade, confrontando as suas aspirações e desejos com o que os pais e professores esperam deles.”

A adolescência de muitos jovens, de ambos os sexos, é marcada por um vínculo difícil e conflituoso com as figuras de autoridade, ocorrendo, constantemente, um verdadeiro duelo entre as partes, pois os adolescentes querem se libertar-se do poder exercido sobre os mesmos pelas mencionadas figuras, enquanto que estas últimas não querem perder o controle sobre seus filhos ou sobre seus alunos. A situação se agrava com o fato de que tudo

é apresentado, culturalmente, como sendo muito diferente, entre pais e filhos, surgindo tais diferenças das características dos adolescentes que, por natureza, se rebelam contra aquilo que está determinado, muitas vezes de forma autoritária e repressiva, pelas figuras de autoridade, ocorrendo uma desarmonia que acaba por se configurar em característica marcante da adolescência.

De acordo com Içami Tiba, A adolescência seria uma fase de reestruturação do “núcleo do eu”, quando as estruturas psíquico-corporais, familiares e comunitárias sofrem mudanças conflitantes. Lutos e fragilidades psíquicas afloram neste período em que o adolescente tende a buscar autonomia, liberdade, prazer e status, agindo de maneira compulsiva e agressiva. A cultura aparece como reflexo dos aspectos corporais e psicológicos (naturais), assim como os modos de produção da vida também não são vistos como constitutivos da adolescência (Tiba, 2007).

Nessa perspectiva, nosso objetivo é fazer uma reflexão sobre a ineficiência das instituições no combate ao consumo de drogas em fase escolar. Destacando alguns pontos relacionados ao tema proposto.

### **UMA REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DOS CHOQUES DE GERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO PAIS E FILHOS.**

No mundo moderno, nas grandes e pequenas cidades, o tráfico de drogas cobra um preço social aviltante para sociedade, ceifando vidas e o futuro de nossos adolescentes, grupo que apresenta enorme taxa de mortalidade precoce relacionada a violência , ao uso e ao tráfico de drogas (SILVA, 2011, p. 26).

A sociedade mudou, e não podemos comparar o passado com o presente. Não há como absorver toda a informação existente, a inserção da mulher no mercado de trabalho é uma realidade cada vez mais reconhecida, muitos modelos foram transformados, inclusive o modelo de família, que em muito pouco corresponde ao tipo predominante até três ou quatro décadas. De acordo com Araújo, não é apenas como um lugar de aprendizagem teórica que pensamos a escola hoje, mas igualmente como um espaço onde se encontram as vivências emocionais e sociais. Ainda com base no mesmo autor, entendemos a necessidade de

estarmos preparados para o enfrentamento das transformações trazidas pela adolescência, da mesma forma que se apresentam as mudanças emocionais e corporais. Tais mudanças são significativas, assim como são muitas: “doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e drogas são algumas de nossas preocupações.” (ARAÚJO, 2008, p.09).

O sacrifício dos pais, a qualquer curso, muitas vezes de forma desordenada, deixando de apresentar aos filhos as reais condições e necessidades que se apresentam não apenas na vida familiar como também no âmbito social se configura em um outro aspecto prejudicial, quando tratamos da questão das drogas. Em muitas famílias, inexistente, também, o apego à tradição, ao saudosismo, à saudável nostalgia, que, muitas das vezes, pode representar uma forma eficaz de educa, não apenas a partir de uma comparação – que nem sempre é bem compreendida pelos jovens – entre o passado e o presente.

Falta também, muitas vezes, uma representação mais real da vida familiar, por parte dos pais. Nesse contexto, a apresentação das dificuldades enfrentadas pelas gerações anteriores da família, a evolução que os favorece, nos dias atuais, e que não favoreceu aos pais, aos avós, especialmente, que foram criados em uma cultura que valorizava bem mais ao trabalho infanto-juvenil do que à educação, não são apresentados aos jovens que, diante dessa omissão, não entendem o mundo a partir da realidade, mas da substituição diária de sonhos de consumo, enxergando apenas as facilidades da vida e sendo privados das frustrações, do não, dos obstáculos, que são essenciais ao seu crescimento emocional e educacional. Agindo assim, muitos pais aparentemente buscam evitar conflitos a curto prazo, sem atentarem para o fato de que podem estar gerando, indiretamente, conflitos futuros, que poderiam ser evitados a partir da valorização e princípios que ordenaram a educação e gerações anteriores, como a hierarquia, o respeito, a cortesia, a obediência, o lazer comedido. Tiba (2007, p.127) salienta, quanto aos pais modernos, que “são hipersolícitos, deixam a criança fazer o que quiser, toleram e revelam os erros dela, colocam-na sempre em primeiro lugar, não estabelecendo limites para as suas ações.” Assim, apresenta-se de forma muito clara uma indesejável e clara distorção quanto ao papel que deve ser desempenhado pelos pais no processo que envolve o desenvolvimento da educação dos seus filhos.

## **O PAPEL DESEMPENHADO PELA ESCOLA NA SOCIEDADE MODERNA**

Do ponto de vista da escola, como o adolescente é visto? A escola não parece muito feliz com sua clientela. São recorrentes principalmente nas escolas públicas, as queixas de indisciplina, rebeldia, desrespeito, desinteresse (...) E como o adolescente vê a escola? (...) Os jovens queixam-se do desrespeito, indiferença, autoritarismo e preconceito entre professores e alunos, direção e alunos e, conseqüentemente, alunos e alunos. (AQUINO, 1998, p. 72-73).

Percebe-se nitidamente uma inconsonância no dueto adolescente e escola, e isso resulta da falta de interlocução entre as partes. A escola favorece, com algumas atitudes distanciadoras, o descontentamento dos jovens. Isso acontece quando a instituição educacional não busca compreender o jovem, aceitando-o na sua diversidade, utilizando-se de “mão de ferro”, impedindo o diálogo, adotando uma postura que não pode ser inserida em um contexto pretensamente educacional. Na concepção de Maria da Conceição de Almeida:

A educação deve ser uma escola da vida, o lugar do aprendizado da condição humana, onde aprendemos as diversas formas de ver e atuar no mundo; o espaço que pode fazer emergir aptidões cognitivas mais imaginativas, mobilizadoras e dialogais; o lugar onde estudantes se exercitem como sujeitos implicados no mundo, na teia da vida, no conjunto social, na construção mítica, nos desmandos da civilização, na poética da natureza, no destino da espécie, na servidão dos despossuídos das benesses do progresso. A escola pode facilitar uma aprendizagem mestiça, capaz de transformar experiências singulares em configurações mais híbridas, abertas, policompetentes. (ALMEIDA, 2012, p. 103).

Acreditamos que o combate às drogas depende da postura da escola, representada por diretores, coordenadores e professores, dentre outros profissionais que nela atuam, com o compromisso de conscientizar e preparar crianças e jovens para enfrentar os desafios que se apresentam em uma sociedade complexa por altos índices e por uma desigualdade social que corrobora com o crescimento dessa violência. Aquino (1998, p. 40) pontua que:

A implementação de uma educação preventiva contra as drogas requer um eficiente planejamento de atividades a serem desenvolvidas pela escola. Assim, para que essas atividades possam ser desenvolvidas a contento, a escola deve previamente atingir algumas metas, tais como: repensar os

conteúdos e objetivos das disciplinas, de modo que o problema das drogas seja contemplado; conhecer o grau de disseminação das drogas entre os alunos; possuir materiais didáticos como livros e vídeos especializados e atualizados sobre o tema, e, ainda conseguir aglutinar alunos, professores, funcionários, direção e especialistas em torno da discussão da temática. (AQUINO, 1998, p. 40).

Nessa perspectiva, os fatos ocorridos no âmbito da escola ou da comunidade na qual a mesma está inserida, devem ser destacados e mostrados como exemplo para os alunos do lugar, pois o que trata da realidade do lugar não se encontra distante dos fatos, e vai comover a população local.

O papel da escola é de fundamental importância em uma sociedade onde instituições como a família o Estado, a Igreja, passam por muitos desafios, como se reflete na realidade social de muitas comunidades modernas. A família atual pode ser composta por distintos modelos, e diferentes contextos. No modelo familiar tradicional, que perdurou por séculos, o desligamento entre o adolescente e o núcleo familiar só era rompido com o casamento; já na atualidade, é comum o adolescente romper o “cordão umbilical” muito cedo, seja para atender a necessidades educacionais ou laborais, seja para buscar a consolidação de uma independência precoce, atendendo às necessidades de um mundo cada vez mais globalizado, que lhe permita estudar e trabalhar, tanto nos grandes centros nacionais quanto até mesmo em outros países. Aquino (2008, p.74) salienta que:

A escola do ponto de vista da droga, parece ser o melhor ponto de distribuição. Não porque é incapaz de reprimi-la, mas porque não oferece concorrência do ponto de vista do cliente de ambas, o adolescente. Se a escola esta distante dos sonhos do jovem, se produz fracassados, incapazes e e impotentes está se tornando o melhor ambiente de venda de drogas. Escola e droga tem trabalhado juntas convergentemente. (AQUINO, 2008, p. 74)

Portanto, a escola deve criar condições favoráveis para prevenir, em um primeiro momento, bem como para remediar, em momento posterior, ao problema enfrentado pela mesma, buscando incansavelmente por formas de solucionar demandas atuais, como a violência, o *bullying*, o consumo e o tráfico de drogas, dentre outros, pois este é um grande desafio para educadores deste século. Conceição Almeida argumenta que: “Diante do

horizonte, é importante investir numa reorganização do conhecimento capaz de prover uma reforma na educação” (ALMEIDA, 2012, p. 103).

## CONCLUSÃO

O uso das drogas interfere no sistema cognitivo, sendo ele composto por algumas características como: a atenção; o juízo; o raciocínio, o discurso; a memória e a imaginação, este conjunto de fatores com interferência das drogas modificam comportamento do usuário, comprometendo as relações pessoais e interpessoais, devido a alternância de conduta, e esses fatores acabam afetando também e o rendimento escolar.

O combate às drogas exige um trabalho conjunto entre os diversos segmentos que compõem o tecido social, como a Escola, a Igreja e o Estado, buscando encontrar, a partir de estratégias renovadas ou de novas experiências, uma solução para o problema, que é grave, e precisa ser objeto de reflexão e de ação de todas as sociedades que enfrentam o problema. Isso poderia minimizar a ousadia dos traficantes e de seus aliciadores, que, covardemente, se encontram à espreita, visando se beneficiar da fragilidade, da inexperiência, da vulnerabilidade, enfim, de muitos jovens. Através destas ações, resultados positivos poderiam ser alcançados, mesmo levando em consideração que, na atualidade, a prevenção às drogas tem apresentado modelos ineficazes.

A escola deve considerar a adoção de algumas mudanças, visando modificar a visão que o adolescente tem dela, e que pode oportunizar o indesejável contato com as drogas. Colocar o adolescente como a base do processo educacional, acreditar na sua potencialidade, incentivar o compartilhamento de experiências, bem como a discussão aberta acerca das suas aflições, ressaltar a força transformadora da juventude são estratégias que podem ser utilizadas, visando inserir o adolescente em um contexto que pode afastá-lo do mundo das drogas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- AQUINO, Júlio Groppa. Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Summus, 1998.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil, 3. ed. rev e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAÚJO, Lúcia Fonseca. Adolescência, escola e prevenção: dinâmicas sobre a sexualidade e as drogas./Lúcia Fonseca Araújo, D'mare Carvalho. 3. ed. Rio de Janeiro: WaK, 2008.
- CARNEIRO, Elizabeth. Drogas. sem/Analice Gigliotti, Elizabeth Carneiro e Gisele Aleluia. Rio de Janeiro: Bestseller, 2008.
- CROCHÍK, José León. Inclusão e discriminação da educação escolar. Editora Alínea, Campinas São Paulo, 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. Editora Àtica, São Paulo: 1997.
- GENTILI, Pablo. Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial/ Pablo Gentili (org.). – Petrópolis, RJ: Vozes; 3ª Edição. Buenos Aires: CLASCSO, 2000.
- GONÇALVES, Artur. Álcool, tabaco e outras drogas: concepções de professores e alunos do ensino básico e secundário e análise de programas e manuais escolares. Tese de Doutorado em Estudos da Criança Área de Especialização em Saúde Infantil. Universidade do Minho, Instituto de Estudos da criança. 2008. Portugal.
- LISITA, Verbena Moreira S. de S. & SOUSA, Luciana Freire E. C. P. (orgs). Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Trabalhos apresentados nos simpósios e mesas redondas no IX ENDIP, realizado no mês de maio de 2002, em Goiânia-GO.
- NOTO, Ana Regina, et al, Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre Crianças e adolescentes em Situação de Rua nas 27 Capitais brasileiras. São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2003
- SANCHES, Amauri Mário Tonucci (1982) Drogas e drogados: O Indivíduo, a Família, a Sociedade. Editora Pedagógica e Universitária (E.P.U.) São Paulo.
- SANTOS, Rosa Maria S. Prevenção de droga na escola, Uma abordagem Psicodramática. Editora Papirus. 1997.
- SILVA, Eroy Aparecida da e De Micheli. Adolescência, Uso e Abuso de Drogas: Uma Visão Integrativa. São Paulo: Editora Fapi. Unifesp, 2011.
- TIBA, Içami, (2007). Juventude & drogas: Anjos Caídos. 11ª edição São Paulo: Integrare.